



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

RODRIGO DOS REIS

**JORNAL EXPOSITOR CRISTÃO: EDUCAÇÃO E
CIVILIZAÇÃO, UM OLHAR PARA O SUL DE MATO
GROSSO (1925-1946)**

**DOURADOS/MS
2014**

RODRIGO DOS REIS

**JORNAL EXPOSITOR CRISTÃO: EDUCAÇÃO E
CIVILIZAÇÃO, UM OLHAR PARA O SUL DE MATO
GROSSO (1925-1946)**

Dissertação de Mestrado, apresentada à Banca Examinadora de Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de pesquisa de História da Educação, Memória e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Ademir Gebara.

**DOURADOS - MS
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R375j	Reis, Rodrigo dos. Jornal expositor cristão: educação e civilização, um olhar para o sul de Mato Grosso (1925-1946). / Rodrigo dos Reis. – Dourados, MS: UFGD, 2014. 117f. Orientador: Prof. Dr. Ademir Gebara. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados. 1. Expositor cristão. 2. Imprensa protestante. 3. Educação protestante. I. Título. CDD – 079.81
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

RODRIGO DOS REIS

**JORNAL EXPOSITOR CRISTÃO: EDUCAÇÃO E
CIVILIZAÇÃO, UM OLHAR PARA O SUL DE MATO
GROSSO (1925-1946)**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPEDu/UFGD

Aprovado em: ____/____/____

Banca examinadora:

Professora Dr^o Ademir Gebara
(Presidente e orientador)

Professor: Dr^o Cesar Romero Amaral Vieira
(examinador)

Professor Dr^a Alessandra Cristina Furtado
(examinadora)

Professora Dr^a Maria do Carmo Brazil
(examinadora)

RESUMO

O presente trabalho aborda o jornal Metodista Expositor Cristão entre os anos de 1925 a 1946, ampliando também para a Imprensa Protestante, sendo essa, importante meio para a divulgação e efetivação do protestantismo no Brasil, tomando o sul de Mato Grosso, sobretudo Dourados-MS, como delimitação espacial. A pesquisa dessa publicação evidencia não somente características do trabalho Metodista no país, mas como a educação protestante percorreu as regiões brasileiras e levou consigo um projeto de civilização e um modo de vida baseado na cultura norte-americana. Assim, essa pesquisa se apoia na Nova História Cultural, uma vez que a partir dela os jornais, como toda imprensa, gradativamente passaram a ser fonte de pesquisas em diversas áreas do conhecimento, como a História da Educação.

Palavras-chave: Expositor Cristão - Imprensa Protestante – Educação Protestante.

ABSTRACT

This paper discusses the newspaper Methodist Expositor Cristão between the years 1925 to 1946, also extending to the Protestant Press, this being an important means for the dissemination and enforcement of Protestantism in Brasil, taking the south of Mato Grosso, above Dourados-MS, as spatial boundaries. The research shows that publication not only features the Methodist work in the country, but as protestant upbringing toured the Brazilian regions and took a project of civilization and way of life based on American culture. Thus, this research is based in New Cultural History, since from it the newspapers, like all media, gradually became the subject of research in various areas of knowledge such as History of Education.

Keywords: Expositor Cristão – Protestant Press – Protestant Education.

*Dedico às pessoas que eu amo, esperança que o
amanhã pode ser melhor do que o hoje.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I. A CHEGADA DOS PROTESTANTES EM DOURADOS.....	11
1.1 Eis Dourados cintilante de labor e anseios mil, no futuro confiante, lindo oásis do Brasil.....	11
1.2 Dourados e a imprensa periódica.....	16
1.3 Presença Protestante no município de Dourados: a Missão Caiuá.....	24
1.4 Um olhar sobre a Educação Confessional: Apontamentos sobre algumas escolas de Dourados.....	37
II. A IMPRENSA COMO FORMA DE PROPAGAÇÃO DO EVANGELHO.....	52
2.1 A criação de alguns jornais protestantes no Brasil.....	52
2.2 Imprensa Metodista: o jornal Expositor Cristão.....	62
III. SABERES E PRÁTICAS EDUCACIONAIS E CIVILIZATÓRIAS NO EXPOSITOR CRISTÃO.....	86
3.1 A Educação no Expositor Cristão.....	87
3.2 Civilidade e Civilização em Papel e Tinta.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	121

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, para mim fonte inesgotável de amor e sabedoria. A minha família Talita e Julia, vocês são minha alegria e se tornaram responsável por mim, porque me cativaram. Agradeço também aos amigos de longa caminhada e aos “novos” que também caminharam comigo, sobretudo Adriana, Bete, Clovis, Inês e Ronise. Muito obrigado pelas risadas e pelos encontros quando nos desesperávamos.

Vale lembrar também e agradecer o meu orientador Ademir Gebara, sou imensamente grato por suas contribuições. Aos professores do Programa de Mestrado, sempre solícitos em apontar novos caminhos para essa pesquisa. Em especial agradeço a prof Alessandra Cristina Furtado e Maria do Carmo Brazil por mostrarem que competência e inteligência podem ser sinônimos de humildade. Certamente sem vocês tudo seria mais difícil.

Não posso deixar de registrar aqui meus agradecimentos a Carlos Barros Gonçalves, pela disponibilidade para conversar quando tudo dava um nó, ao Leandro Possadagua pela ajuda nas fotos e a Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do Nascimento pelas contribuições na banca de qualificação e pelas orientações no *facebook*. Ao professor Cesar Romero Amaral Vieira, pelas generosas contribuições na banca de defesa. A vocês serei devedor eterno.

Aos grupos de pesquisa, Grupo de Estudos e Pesquisa de História da Educação Memória e Sociedade (GEPHEMS), Grupo de Estudos e Pesquisa de Educação e Processo Civilizador (GEPEPC) nossos encontros sempre possibilitaram boas reflexões. Agradeço a *Marcley Florentino*, responsável técnica pelo Laboratório de Documentação, História da Educação e Memória (*LADHEME*) e a Fernanda secretária da Pós-Graduação.

Ufa! Até aqui cheguei.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADL	Academia Douradense de Letras
ASFPM	Ação Social Franciscana e Patronato de Menores
CAND	Colônia Agrícola Nacional de Dourados
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDR	Centro de Documentação Regional
CEPEME	Centro de Estudos e Pesquisa sobre Metodismo e Educação
DBT	Dicionário Brasileiro de Teologia
EUA	Estados Unidos da América
FAB	Força Aérea Brasileira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MG	Minas Gerais
MT	Mato Grosso
PE	Pernambuco
PT	Portugal
RS	Rio Grande do Sul
SIMTED	Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Dourados
SIL	Summer Institute of Linguistics
SMT	Sul de Mato Grosso
SP	São Paulo
SPI	Serviço de Proteção do Índio
SUS	Sistema Único de Saúde
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIGRAN	Centro Universitário da Grande Dourados
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1** – Recorte da Fotografia apresentada no Expositor Cristão em que aparece parte do grupo que esteve presente na organização da Associação Evangélica de Catequese dos Índios..... 25
- FIGURA 2** – Recorte da fotografia apresentada no Expositor Cristão em que mostra a imagem do Drº Nelson de Araujo..... 27
- FIGURA 3** - Recorte da fotografia apresentada no Expositor Cristão em que aparece o grupo dos primeiros Missionários da Missão Evangélica Caiuá..... 30
- FIGURA 4** - Recorte da capa da primeira edição do Jornal Imprensa Evangelica, de 05 de novembro 186454
- FIGURA 5** - Recorte da capa da primeira edição do jornal O Púlpito Evangélico, em 1874. 56
- FIGURA 6** - Recorte da capa da primeira edição de O Jornal Batista, em 1901..... 57
- FIGURA 7** - Recorte da capa do Jornal Methodistista Catholico, de 1 de janeiro de 1886.....59
- FIGURA 8** - Recorte da capa do Jornal Expositor Christão, em 15 de agosto de 1887..... 61
- FIGURA 9** – Primeira gravura publicada no jornal Expositor Cristão, em 1 de julho de 1889..... 67
- FIGURA 10** - Recorte da fotografia do Expositor Cristão que em que aparece um modelo de aviso no Expositor Cristão, em 1930..... 73
- FIGURA 11** – Recorte da fotografia do Expositor Cristão que aparece o jornal sendo caracterizado como Missionário.....75
- FIGURA 12** – Imagem da vista externa do prédio que abrigou o Colégio Piracicabano.....86
- FIGURA 13**– Recorte da fotografia do Expositor Cristão em que aparece o modelo de núcleo familiar idealizado pelos Metodistas.....102

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Tipografias que publicaram o Expositor Cristão	69
QUADRO 2 – Aspectos físicos e redatores do Expositor em sua primeira década.....	71
QUADRO 3 – Seções com maior recorrência no Expositor Cristão.....	78
QUADRO 4 - Expansão educacional em Escolas Metodistas do Brasil em 1938.....	91

INTRODUÇÃO

O movimento protestante no Brasil se intensificou a partir da segunda metade do século XIX, em um movimento denominado de protestantismo de missão. A imprensa protestante se tornou importante ferramenta para a consolidação do protestantismo no Brasil, bem como, campo de debates para questões religiosas, sociais e educacionais.

Desse modo, a principal fonte dessa pesquisa é o jornal Metodista Expositor Cristão, sendo o jornal protestante mais antigo em circulação no Brasil, desde 1886. Assim, os conhecimentos produzidos a partir desse estudo poderão ser úteis à história do protestantismo brasileiro e com maior ênfase para a história da educação protestante ocorrida no país. Além disso, auxilia na compreensão de como a Imprensa Protestante foi importante meio para a propagação do evangelho e importante recurso para os Metodistas apresentarem seu modelo de educação e civilização no país.

O objetivo desse trabalho é discutir como o Expositor Cristão, apresentava em suas páginas o conceito de educação e civilização, sabendo que por estar ligado a uma denominação protestante representava as ideologias deste determinado grupo. Além disso, tem-se como objetivo apresentar o panorama para a instalação do projeto missionário no sul de Mato Grosso, com destaque para: povoamento, educação, meios de transporte e comunicação.

Para a elaboração dessa pesquisa foi preciso discutir o jornal como fonte. Um importante estudo sobre essa questão é “História dos, nos e por meio de periódicos” em que Tânia Regina de Luca faz um estudo dos periódicos como fonte de pesquisa, apontando que até a década de 1970 os trabalhos acadêmicos que tomavam os jornais como fonte eram para contar, sobretudo, a História do Brasil, e ainda “[...] a preocupação era escrever a “História da Imprensa”, mas era preciso mobilizá-los para a escrita da história por meio da imprensa” (LUCA, IN: PINSKY, 2005, p. 112).

Segundo a autora somente nas décadas finais do século XX, principalmente com a terceira geração da Escola dos Annales é que o jornal passou a ser entendido como importante fonte de pesquisa, alterando a concepção sobre esse documento e havendo uma maior ampliação das perspectivas analíticas e “[...] ao lado da imprensa e por meio da imprensa o jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (LUCA, 2005, p. 118).

Com a Nova História Cultural que abriu caminhos para novas fontes, novos objetos e novas abordagens a serem pesquisadas, é que a imprensa (jornais e revistas) passou a ser

utilizada para escrever diversas histórias. A partir daí, progressivamente, os jornais foram utilizados para pesquisa em História da Educação, tornando-se uma contribuição tanto para percepção da realidade como para trazer luz a novas maneiras de se compreender a educação. José D' Assunção Barros (2011), argumenta sobre a Nova História Cultural:

Sua expansão, por conseguinte, vai muito além dos objetos e processos habitualmente tidos por culturais, de modo que é sempre oportuno enfatizar como a Nova História Cultural tem se oferecido cada vez mais como campo historiográfico aberto a novas conexões com outras modalidades historiográficas e campos de saber, ao mesmo tempo em que tem proporcionado aos historiadores um rico espaço para a formulação conceitual. (BARROS, 2011, p. 26)

Nesse sentido, após a análise do Expositor Cristão, o recorte temporal toma por marco os anos de 1925 a 1946. O início tem como referência 1925, por ser a data da primeira notícia sobre a obra missionária a ser implantada no sul de Mato Grosso, posteriormente denominada de Missão Evangélica Caiuá e como referência final 1946, por dois motivos. O primeiro é que as notícias sobre a Missão Caiuá deixaram de ser frequentes no Expositor Cristão como se observou, sobretudo, de 1928 a 1946, e o segundo, possivelmente se liga ao primeiro, nesse mesmo ano houve a saída do médico e missionário Metodista Nelson de Araujo da Missão.

Essa delimitação engloba o Regime Republicano no Brasil, especialmente grande período do governo de Getúlio Vargas, denominado de Era Vargas (1930-1945). Segundo Carlos Henrique de Carvalho (2007) a educação no período Republicano era vista como “[...] um dos caminhos mais profícuos para a modernidade da nação, por objetivar o *Status* de país civilizado” (CARVALHO, 2007, p. 32).

A delimitação espacial toma como referência a cidade de Dourados-MS, por apresentar aspectos importantes que permitem reflexões não somente sobre sua história, mas sobre o seu processo de colonização, além disso, a missão protestante desenvolvida no município é parte do grande trabalho protestante empreendido no Brasil. Por conta do recorte temporal da pesquisa usa-se Mato Grosso e não Mato Grosso do Sul.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, alguns caminhos foram trilhados, citando o trabalho que realizei na iniciação científica “À luz dos valores religiosos: escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres no município de Dourados-MS (1955-1970)” desenvolvido em 2009. Essa pesquisa tinha por objetivo estudar como ocorreu o processo de escolarização das alunas da Escola Franciscana Imaculada Conceição de Dourados-MS e provocou diversas indagações, entre elas: qual a importância da educação

confessional para a História da Educação de Dourados? Qual a relação entre católicos e protestantes diante da questão educacional?

As primeiras hipóteses que decorreram da pesquisa de Iniciação Científica levaram a outro projeto de investigação em 2010 intitulado: “Ideal missionário nos primórdios da educação no sul de Mato Grosso: a escola Erasmo Braga (1930-1977)”, em que pesquisei a educação protestante ocorrida no município de Dourados, com maior ênfase para o modelo educacional da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Tal pesquisa permitiu que o olhar sobre alguns nomes, prédios, lugares de Dourados que até então faziam apenas parte do cotidiano e não despertavam curiosidade, fossem vistos como indícios para pesquisas. Por meio da ação protestante em Dourados foram abertos hospitais, escolas, igrejas e, além disso, ruas, bairros, escolas e monumentos ajudam a rememorar e alicerçar a presença de missionários e denominações protestantes nessa região do país.

Em 2011, me inscrevi no Programa de Pós-Graduação/Mestrado da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com o projeto “A contribuição do protestantismo para o desenvolvimento do município de Dourados-MS”, sendo que a partir das discussões nas aulas do Programa e nas orientações individuais, foi percebido como o jornal Metodista Expositor Cristão era uma importante fonte de investigação não somente para a história do protestantismo no Brasil, mas como meio de compreensão da presença protestante e suas ações na cidade de Dourados-MS.

Mas para fazer um cruzamento com a fonte a ser pesquisada e para compreender melhor a presença e influência protestante em Dourados, foi levantado alguns documentos como: Ata de criação da Escola Presbiteriana Erasmo Braga, relatos da Missionária Margarida Sydenstricker sobre a ação Presbiteriana em Dourados, reportagens de jornais douradenses sobre os protestantes, pesquisa no arquivo particular da diretora da Escola Presbiteriana Erasmo Braga, Ester Duarte Gomes, e uma breve conversa, via telefone, com a professora Nedina Bonfim, que trabalhou como missionária na Missão Caiuá, exercendo a função de professora. Sobre essa busca pelas fontes Ademir Gebara (2004) argumenta: “[...] é o diálogo do historiador com os múltiplos indícios do passado, o motor do processo constitutivo das evidências que sustentam o tema em estudo” (GEBARA, 2004, p. 10).

Assim, um grande desafio foi ter contato direto com o Expositor Cristão já que, no primeiro momento, o acesso ao seu conteúdo se deu por meio de cópias do jornal. Somente após visita ao Centro de Estudos e Pesquisa sobre Metodismo e Educação (CEPEME), localizado no Centro Cultural Martha Watts, na cidade de Piracicaba-SP, onde há grande

parte dos exemplares do jornal *Expositor Cristão*, encadernados e separados por ano é que essa pesquisa se desenvolveu. Após a Banca de Qualificação houve a necessidade de retornar ao CEPEME para dar prosseguimento às pesquisas de campo, porém o mesmo estava fechado por tempo indeterminado por questões internas.

Dessa maneira, ao procurar outro arquivo que pudesse encontrar o periódico, localizei o Centro da Memória Metodista, na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) Campus Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo-SP. Nesse arquivo está disponível parte do *Expositor Cristão* digitalizado, sendo de 1886 a 1916, todavia alguns dos arquivos nos anos em questão, só foram acessados no sistema do próprio Centro. Assim, boa parte dos materiais recolhidos se deu por meio de registro fotográfico, com câmera digital.

É importante dizer que quando se propõe pesquisar uma instituição, um jornal ou história de vida ligados à uma denominação religiosa, neste caso específico protestante, é preciso levar em consideração que parte dos materiais que se constituirão como *corpus* para a pesquisa poderão não ser de fácil acesso. Sem, com isso negar que há no Brasil diversos arquivos ligados às denominações protestantes, com destaque para as Igrejas Presbiteriana do Brasil e Igreja Metodista que estão abertos para pesquisa.

Após a delimitação do tema, deu-se início à procura por trabalhos¹ que estavam inseridos na temática a ser pesquisada. Para uma melhor busca a coleta de dados foi organizada em três extratores de busca, assim constituídos: 1º Dourados (Educação, Imprensa, Missão Caiuá), 2º *Jornal Expositor Cristão* (Imprensa Protestante, Metodismo), 3º Educação (Educação Metodista, Civilização). Para a realização da primeira temática, a busca dos dados realizou-se basicamente nos sites: *The Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Domínio Público, portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no banco de dissertações e teses das Universidades: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Universidade de Campinas (UNICAMP) e na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Sobre Dourados foram levantadas, sobretudo, dissertações e teses dos programas de Pós-graduação em História e Educação da UFGD, bem como obras disponíveis na Editora da instituição. Tais Programas têm desenvolvido importantes trabalhos que contribuem para a escrita da história do município e ainda permitem refletir na história que já foi produzida.

¹ Há sobre a imprensa protestante, um trabalho pioneiro de Ephraim de Figueiredo Beda, intitulado “Editoração evangélica no Brasil: troncos, expoentes e modelos” pela USP, porém, o mesmo não foi encontrado na biblioteca dessa Universidade.

Sobre a imprensa douradense, os jornais O Progresso e Jornal de Dourados estão digitalizados e disponíveis para consulta no Centro de Documentação Regional (CDR), da UFGD, onde também se encontra o jornal O Rolo. Já o jornal O Douradense está disponível para consulta no Museu Histórico de Dourados, na seção de periódicos.

Sobre a Missão Caiuá foram escolhidos três trabalhos principais. O primeiro foi a dissertação de Raquel Alves de Carvalho “Os missionários Metodistas na região de Dourados e a educação indígena na Missão Evangélica Caiuá (1928-1944)”, defendida em 2004, pela UNIMEP. Por meio desse trabalho é possível entender como ocorreu a instalação da Missão Caiuá e como foram os primeiros anos do trabalho protestante no sul de Mato Grosso.

O segundo trabalho investigado foi a tese de Renata Lourenço “O serviço de proteção aos índios e o estabelecimento de uma política indigenista republicana junto aos índios da reserva de Dourados e Panambizinho na área da educação escolar (1929 a 1968)”, pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, defendida em 2007, em que o eixo principal de análise gira em torno do processo de aldeamento dos índios Nandeva e Kaiowá e como o Serviço de Proteção do Índio contribuiu para a efetivação da Missão Caiuá.

Ainda sobre essa temática há a dissertação de Eber Borges da Costa “Tapeporã-caminho bom: análise da prática missionária de Scilla Franco entre os índios Kaiowá e Terena no Mato Grosso do Sul - 1972 a 1979”, apresentada na UMESSP, em 2011, que contextualiza o trabalho da Missão e faz o levantamento da história de vida do missionário Scilla Franco.

A segunda temática pesquisada foi sobre trabalhos que tivessem o Expositor Cristão como fonte e objeto, sendo encontrado apenas a dissertação de Suzel Magalhães Tunes “O Pregador Silencioso: Ecumenismo no jornal Expositor Cristão (1886-1982)” defendida em 2011, na UMESSP, tendo como objetivo discutir como o Expositor Cristão foi utilizado para o Ecumenismo. Nessa finalidade, para uma melhor abordagem dos jornais protestantes era preciso conhecer mais acuradamente como se deu a Imprensa Protestante no Brasil sendo para esse propósito escolhidos três trabalhos.

O primeiro foi a tese de Anna Lúcia Collyer Adamovics “Imprensa Protestante na primeira República: Evangelismo, informação e produção cultural. O jornal Batista (1901-1922)”, defendida em 2008 na USP, em que a autora discute como esse jornal foi criado para a evangelização dos brasileiros, para a instrução dos crentes e para discutir informações do mundo contemporâneo à luz dos valores religiosos. Já a tese de Micheline Reinaux de Vasconcelos “As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)” apresentada na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, em

2010, expôs como os impressos e a imprensa protestante estiveram imbricados na formação do protestantismo no Brasil.

A dissertação de Paula Nudimila de Oliveira Silva “Os impressos protestantes como fonte para a História da Educação: inferências educativas no sul de Mato Grosso. (Final do século XIX; início do século XX)” defendido pela UFGD em 2011, foi o único trabalho encontrado que aproxima a Imprensa Protestante com essa região, e que analisou como os jornais protestantes serviram para a implantação, fixação e ampliação das instituições protestantes no sul de Mato Grosso.

Para a discussão teórica recorreu-se, sobretudo aos estudos de Norbert Elias por trabalhar o conceito de civilização, sendo esse ligado a uma rede de transformações, ou seja, é um processo de longa duração e contínuo. Através do trabalho de Elias é possível discutir sobre a capacidade que indivíduos pertencentes a grupos sociais diferente devem agir conforme a ocasião ou de acordo com os diferentes grupos que estabelece relações. Gebara (2012) permite compreender a teoria de Norbert Elias sobre os processos civilizadores argumentando que: “O ponto central no qual se apoia a teoria dos processos civilizadores de Norbert Elias é a existência deste processo “cego” (não planejado), e empiricamente evidente” (GEBARA, 2012, p. 17).

Outra questão estudada por Elias é sobre o comportamento. Ao analisar o comportamento da aristocracia na Idade Média, apropriados pela burguesia que havia conseguido estar no poder, Elias percebeu que embora estivessem no poder, deveriam ter seu comportamento refinado, ou seja, precisavam ser civilizados. Desse modo, a questão das boas maneiras se ligava às regras de comportamento social, não se referindo apenas à questão da etiqueta, mas em todas as relações do indivíduo. Para isso, as sociedades criaram normas que visavam orientar as relações entre as pessoas que as compunham e o descumprimento dessas regras geravam penalidades, não somente aplicadas pelo Estado, mas também aplicadas pelos grupos sociais.

Elias em seus estudos, também se deteve em estudar as emoções humanas, apresentando que nenhuma emoção de uma pessoa adulta é geneticamente fixada, distinguindo três aspectos que as compõem: um componente comportamental, um fisiológico e um sentimental. Dessa maneira, a relação do ser humano com outros seres faz com que seus atributos e propriedades sejam compreendidos.

Nesse âmbito, conforme Elias, as emoções possuem três componentes: um somático, que é a capacidade de percepção do ambiente alterando as reações, um comportamental que vem a ser a mudança conforme situações e experiências anteriores e um componente de

sentimento, os seres humanos conseguem verbalizar seus sentimentos, enquanto os outros seres não.

Na teoria elisiana o termo emoção geralmente é usado com dois sentidos diferentes: amplo, quando a emoção é aplicada ao padrão de reação que envolve o organismo todo em seus aspectos somáticos, emocionais e comportamentais, e o restrito, onde a emoção representa uma auto-imagem humana.

Ainda para a elaboração desse trabalho travou-se um diálogo com autores que escreveram sobre o protestantismo ou sobre a imprensa no Brasil podendo citar: Kennedy² (1928), Mendonça (1995), Boaventura (2001), Reily (2003), Nascimento (2007), Neves (2009), Martins e Luca (2013).

A metodologia utilizada se valeu da pesquisa documental e de acordo com Silva e Almeida (2009) “É primordial em todas as etapas de uma análise documental que se avalie o contexto histórico no qual foi produzido o documento, o universo sócio-político do autor e daqueles a quem foi destinado, seja qual tenha sido a época em que o texto foi escrito” (SILVA & ALMEIDA, 2009, p. 8).

Assim, é preciso entender que os documentos nascem de uma produção humana e em grande medida expressam interesses institucionais como em particular os documentos produzidos por instituições religiosas, ou então por interesses pessoais. Desse modo, o pesquisador no decorrer do seu estudo precisa ter sagacidade para não cair nas armadilhas da sua fonte, cabendo a ele discutir e verificar a coerência, verdade e lógica nos documentos estudados.

Diante disso, a revisão da literatura foi importante para ajudar a localizar essa pesquisa no campo do protestantismo e da História da Educação. Entretanto buscou-se não apenas fazer o levantamento dos trabalhos realizados com a temática dessa pesquisa, mas dialogar com os autores e em concordância com Vieira (2007) “[...] na medida do possível, adota-se uma interlocução com os diferentes autores e posições teóricas a partir de inquietações, e não de afirmações contundentes centradas em idéias pré-concebidas” (VIEIRA, 2007, p. 4).

Para uma melhor apresentação, o trabalho foi dividido em três capítulos, sendo esses estruturados da seguinte maneira: no primeiro, “A chegada dos protestantes em Dourados”, foi feita uma abordagem contextual do município, apontado alguns aspectos do seu povoamento e, além disso, discute como a imprensa douradense esteve empenhada em

² É preciso dizer que os trabalhos do missionário Kannedy sobre o Metodismo, geralmente, apresenta uma visão unilateral.

divulgar o município como terra promissora, atraindo por meio do seu discurso, colonizadores de diversas partes do país. Neste capítulo, também é apresentada a Missão Evangélica Caiuá, por ser essa obra, resultado de inúmeros esforços realizados por diversas denominações que empenharam recursos financeiros e arregimentaram missionários de diversas regiões do país e do mundo. Por fim, este capítulo aborda sobre alguns aspectos da história da educação de Dourados, sobretudo, as escolas que estiveram ligadas às denominações religiosas, tendo em vista que a educação formal foi importante estratégia utilizada pelos protestantes para o estabelecimento e expansão do seu trabalho nessa região.

No segundo capítulo intitulado “A imprensa como forma de propagação do evangelho”, foi realizado uma contextualização da imprensa protestante, tendo como perspectiva apresentar o panorama das publicações evangélicas no Brasil até chegar ao Expositor Cristão. Para o entendimento do funcionamento e organização deste jornal considerou-se para análise sua materialidade, sendo descritos seu formato, local de impressão, os redatores e como era representado pelos Metodistas. É importante dizer que como fonte o Expositor se torna importante locus para outras pesquisas em áreas diversas.

No terceiro capítulo, discute-se como o jornal Expositor Cristão apresentava o conceito de educação em suas páginas, sabendo que os Metodistas desempenharam uma grande obra educacional institucionalizada no Brasil, sendo até hoje sinônimo de qualidade. Outro aspecto abordado nesse capítulo é o conceito de civilização, discutindo como os Metodistas utilizaram modelos de comportamentos para civilizar aqueles que não apresentavam boas, sobretudo, pelo julgamento religioso.

Entender como isso se dava se torna importante uma vez que tal estratégia era utilizada por grande parte das denominações evangélicas que até à atualidade compõem o cenário religioso em Dourados, pois foi esse desejo de evangelizar e civilizar que trouxe para essa região diversas denominações protestantes.

CAPÍTULO I

A CHEGADA DOS PROTESTANTES EM DOURADOS

O município de Dourados também conhecido como “Cidade Modelo”, “Terra de Antônio João”, é a segunda maior cidade do Mato Grosso do Sul em número de habitantes e considerada polo agroindustrial, além de estar localizada em uma região que gradativamente tem se consolidado como forte centro de consumo.

A educação no município está diretamente ligada ao projeto missionário protestante instalado nesse território desde 1928. No Brasil, o termo protestante é substituído pelo termo evangélico, referindo-se, em sentido mais amplo, aos cristãos que não pertencem a Igreja Católica Apostólica Romana, sendo neste estudo também denominada de Igreja Católica, Católica ou Catolicismo. O protestantismo “[...] se refere aos grupos dissidentes da Igreja Católica, provenientes do movimento chamado Reforma Protestante, que teve sua origem no século XVI” (MENDONÇA, 2008, In: DBT, 2008, p. 823).

No caso de Dourados-MS, a abertura de escolas confessionais, protestantes e católicas, pode possibilitar o entendimento dos primórdios da história da educação do município. Assim, percorrer os caminhos abertos pela história da educação em Dourados pelo viés do projeto missionário protestante, vislumbrado mediante jornais locais no período pesquisado, é uma possibilidade para entender a história do município, sabendo que, certamente, os personagens que ajudaram a tecer esses meandros históricos se entrecruzam.

1.1 “Eis Dourados cintilante de labor e anseios mil, no futuro confiante, lindo oásis do Brasil”³

De acordo com os dados demográficos levantados na *home page*⁴ do Governo de Mato Grosso do Sul, o Estado está localizado na parte Sul da região Centro-Oeste e sua divisão territorial e administrativa ocorreu no dia 11 de outubro de 1977, quando o então presidente Ernesto Geisel assinou o desmembramento do Estado de Mato Grosso, sendo efetivada em 1979.

Sua extensão territorial é de 357.145,532 km², distribuídos em 79 municípios e com população de aproximadamente 2.449.024 habitantes, segundo o censo demográfico,

³ Trecho do Hino oficial do município de Dourados-MS. Disponível em: < <http://www.dourados.ms.gov.br> >. Acesso em: 1 ago. 2013.

⁴ Governo de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://www.ms.gov.br/>>. Acesso em: 10/3/2013.

realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010. Não é considerado um estado populoso e isso se dá por suas terras serem utilizadas principalmente para a agricultura e a pecuária, além disso, o Pantanal ocupa 25% do seu território. Faz limite com a Bolívia e com o Paraguai, em 730,8 km de fronteira seca.

O município de Dourados está localizado no Sudoeste do Estado, próximo à Serra de Maracaju e da bacia do Rio Paraná, distante 230 quilômetros de Campo Grande (capital), 120 quilômetros da fronteira com Paraguai (Pedro Juan Caballero) e 600 quilômetros da Bolívia (Puerto Quijarro). Sua população está estimada em duzentos mil habitantes, e é hoje considerado um polo para a Educação Superior, abrigando duas Universidades públicas, a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e três instituições particulares, Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), a Faculdade Anhanguera e a Faculdade Teológica Ana Wollerman.

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Dourados⁵, atualmente o município é composto por 9 distritos: Guaçu, Indápolis, Itaum, Macaúba, Panambi, Picadinha, São Pedro, Vila Formosa e Vila Vargas. É considerado cidade polo de uma grande área, correspondente ao extremo sul de Mato Grosso do Sul, também denominada de Região da Grande Dourados e embora mantenha aspectos de policultura, sua economia está baseada na produção agropecuária direcionada à exportação, em decorrência de seu solo fértil e do clima favorável.

A localização de Dourados permitiu criar imaginários, nem sempre próximos à realidade, e inferir conceitos que permearam a mentalidade daqueles que não conheciam essa região, de modo que esse espaço esteve associado a um lugar de incivilidade e lugar de vazio. Sob esse olhar, os que aqui habitavam eram considerados atrasados, ignorantes, criando a dicotomia entre civilização e barbárie.

No início do povoamento dessa região, expressões como “Lei de Mato Grosso”, referindo-se aos homens dessa região que andavam sempre armados, a presença de comunidades indígenas e o difícil trânsito nesse espaço, dificultando a comunicação com outras partes do país, ajudavam a compor e amalgamar o imaginário desse espaço fronteiriço. Segundo Inez Maria Bitencourt do Amaral (2005):

Nesse universo, os homens despiam-se das armas para dormir e para comer, pois sentar-se à mesa armado era um grave insulto. Assim, antes de adentrar no local de refeição, os homens encontravam um gancho, um galho de pau ou outro local para deixar a arma. Despiam-se dela nos relacionamentos

⁵ Disponível em: <http://www.dourados.ms.gov.br>. Acesso em: 19/05/2013.

sexuais. Tanto apego às armas apresentava conotações de violência e de caráter decorativo. Revólver na cintura era símbolo da virilidade. (AMARAL, 2005, p. 33)

As terras onde se assenta o município começaram a ser povoadas por populações migrantes, sobretudo com o fim da Guerra da Tríplice Aliança em 1870, principalmente, pelos ex-combatentes da guerra, bem como também pela vinda dos gaúchos que fugiram da Revolução Federalista ocorrida entre 1893 a 1895, por mineiros, paulistas e paranaenses que eram atraídos pelas terras dessa região, além dos trabalhadores da Cia. Mate Laranjeira⁶, que deteve a exploração dos ervais, em toda a parte sul de Mato Grosso, de 1882 a 1924. Anteriormente a isso, algumas tribos nativas habitavam esse espaço, com destaque para os Guarani e Kaiowá:

Com o final da Guerra, as autoridades locais veem a necessidade de proteger as fronteiras, adotando como medida urgente radicar aí homens “brancos” e estabelecer postos militares, para impedir a entrada de estrangeiros. Dessa forma, o pós-guerra assistiu a um incremento na vinda, para o Sul de Mato Grosso, de inúmeros migrantes tanto paraguaios como brasileiros vindos de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. (FERREIRA, 2007, p. 28)

De acordo com Decretos e alguns relatos histórico sobre o município de Dourados, fontes essas disponíveis no Museu Histórico de Dourados, a formação do município teve início no final do século XIX, quando as primeiras residências começaram a ser erguidas⁷. O novo aglomerado recebeu o nome de São João Batista de Dourados e a partir de 1900, por meio da Resolução estadual nº 255, passou a ser conhecido como Paróquia de Dourados. Em 1910, com o início das primeiras construções, essas terras passaram a se chamar Patrimônio de Dourados. No dia 15 de junho de 1914, pela Lei nº 658, foi criado o Distrito de Paz de Dourados, o novo território ficou subordinado a Ponta Porã até 20 de dezembro de 1935, quando houve sua emancipação político-administrativa. O Decreto nº 30⁸ de 1935, assinado pelo então governador Mário Corrêa, criando o município dizia:

⁶ A Companhia Matte Laranjeira é referência pelo fato de ter exercido não somente o poder econômico e político, mas, sobretudo, pela grande concentração de terras devolutas que estavam sob seu poder. Assim, o sul do estado de Mato Grosso, desde o período pós-guerra do Paraguai, ficou sob o virtual monopólio econômico da Companhia Matte Laranjeira por meio da exploração da erva-mate nativa, havendo grande concentração de terras (NAGLIS, 2007, p. 27).

⁷ Januário Pereira de Araújo, consta na história do município, como o responsável por construir a primeira residência, nas proximidades da Praça Antônio João, segundo dados levantados no Museu Histórico de Dourados, encontrados na fonte em um documento denominado “História de Dourados”, sem autor especificado.

⁸ Cópia desse Decreto encontra-se no Museu Histórico de Dourados.

O governador do Estado de Matto Grosso, tendo em vista a representação que lhe dirigiram os habitantes de Dourados sobre a necessidade de ser elevado aquelle districto a município, e considerando que o districto de Dourados, possuindo uma população superior a 15 mil almas, vem assignalando o seu crescente desenvolvimento pela exportação em grande escala de herva-matte, gado-vacum, cereaes e outros productos, considerando que, o referido districto, além de sua situação geographica, está ainda dotado de elementos necessários à sua elevação a município, considerando que ao poder publico cabe prover as necessidades dos núcleos de população para a sua prompta expansão formando os municípios como cellula da grandeza do Estado, usando das faculdades de que são conferidas por lei. DECRETA: Art. Único – Fica criado o município de Dourados [...] (MATTO GROSSO, 1935, p. 1)

Observa-se que uma característica apresentada nesse Decreto é que justifica a criação do município era a presença de elementos necessários à sua elevação, com destaque para a agricultura e a pecuária, além do extrativismo da erva-mate. Ao poder público cabia criar condições para que tanto a população quanto o município continuasse em expansão.

Para que houvesse esse crescimento, era necessário que o sul de Mato Grosso, estivesse ligado aos centros comerciais do país e contasse com maior respaldo de Cuiabá, capital do Estado, sendo esse um dos motivos para a divisão do Estado em 1977. Para dar noção da falta de comunicação entre Dourados e Cuiabá, pode-se destacar que o comércio dessa região se dava com maior intensidade com São Paulo do que com a capital.

A capital do Estado distanciava-se 912 quilômetros de Dourados, sendo assim, para que pessoas ou produtos chegassem até o município, precisavam passar por Campo Grande e, de acordo com a necessidade, eram trazidos em caminhões, carros de boi, cavalos e automóveis. O percurso Campo Grande – Dourados poderia levar mais de três dias. Uma notícia apresentada no jornal Expositor Cristão de 27 de março 1937, intitulada “Uma visita á missão Cayuá” apresenta algumas impressões sobre a viagem:

De Campo Grande a Dourados a distancia é de 56 leguas, e o único meio de conducção é automovel, caminhão, carro de boi, ou Cavallo. Embora a estrada fosse péssima, e custasse bem caro, resolvemos ir de auto, por ser a única conducção que podíamos achar naquella dia. A viagem nos levou mais de dia e meio. A volta foi feita de caminhão, que nos levou quase três dias. Para mostrar a immensidão daquelle planalto no qual estavamos viajando e a escassez de habitantes, basta dizer que viajamos cinco horas sem encontrar uma só pessoa e seis horas e meia sem encontrar qualquer vehiculo! E’ verdade que passamos por muitos bois, emas, e até mesmo alguns veados mas as habitações humanas naquella parte são raras. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1937, p. 6)

Para incentivar o povoamento dessa região, o então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, formulou uma política durante o Estado Novo (1937–1945) conhecida como Marcha para o Oeste. Estava nos objetivos dessa política a nacionalização das fronteiras, além disso, o governo Varguista pretendia fortalecer o poder do Estado e para isso as oligarquias regionais deveriam ser combatidas, ocasionando uma maior relação entre as regiões do Brasil que culminaria em uma maior força da economia, conforme exposto:

Durante o governo de Getúlio Vargas (1937 – 1945), denominado Estado Novo, foi lançada a campanha Marcha para o Oeste, que consistia na política de incentivo ao povoamento da parte oeste brasileira. A campanha se assentava nos fundamentos da geopolítica, concepção que remonta às vésperas da primeira guerra mundial, quando os países envolvidos lutavam em busca de expansão territorial, denominada de “espaço vital”. A Marcha para o Oeste, diferentemente daquela concepção, buscava a expansão interna, isto é, dentro do território brasileiro. (ARAKAKI, 2008, p. 26)

Para Benícia Couto de Oliveira (2013), a criação do Território Federal de Ponta Porã foi uma ação política que se ligava ao projeto de nacionalização das fronteiras. Tal Território passou a existir por meio do Decreto-Lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943. No Brasil, foram criados cinco territórios sendo: Amapá, Guaporé, Iguaçu, Rio Branco e o de Ponta Porã.

De acordo com a definição de Souza e Porto (2008), os Territórios Federais, eram uma forma de divisão administrativa, unidades constitutivas do Estado Federal, mas sem autonomia política e legislativa e sem recursos próprios para manter o seu governo. Dessa maneira, esses territórios foram criados pelo desmembramento de Unidades Federativas Brasileiras, no caso de Ponta Porã a de Mato Grosso. O Território de Ponta Porã abrangia os municípios de Bela Vista, Dourados, Miranda, Maracaju Nioaque, Ponta Porã e Porto Murtinho, sendo extinto em 18 de setembro de 1946 e reincorporado ao estado de Mato Grosso.

Oliveira (2013) apresenta a hipótese de que a criação do Território Federal de Ponta Porã teve um caráter colonizador. Ao desmembrar o Território de Mato Grosso o poder administrativo passou a ser da União, o que dava a ela total autonomia de Governo no Território. Para melhor controle o Presidente nomeava Governadores, sendo esses proibidos de adquirir “[...] imóveis e bens de qualquer natureza pertencentes ao Território Federal ou a pessoas jurídicas de direito público, autarquias, empresas públicas ou sociedades de economia mista ou empresa concessionária de serviço público[...].” (SOUZA & PORTO, 2008, p. 8).

Estava sob a responsabilidade dos Governadores a distribuição da terra, sendo que os lotes não poderiam exceder dois mil hectares e um quilômetro sobre rios e estradas. A distribuição dessas terras estava pautada na ideia de ocupação dos “espaços vazios”, caracterização errônea, já que os espaços estavam ocupados:

Uma concepção baseada na ideologia de vazio demográfico implicou na desconsideração dos direitos dos povos indígenas e comunidades tradicionais como ‘legítimos ocupantes’. Uma hipótese que se estabelece a partir daí é que tais grupos não se utilizavam dos instrumentos jurídicos de regularização fundiária, fazendo com que os que se utilizavam de artifícios fraudulentos para comprovação da posse (grilagem) ou mesmo de seu apossamento violento obtivessem vantagens na aquisição de lotes rurais. (SOUZA & PORTO, 2008, p. 12)

Nesse contexto político, o Governo consolidou a Marcha para o Oeste com a criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), no dia 28 de outubro de 1943, por meio do Decreto-Lei nº 5.941. Naglis (2007) fez considerações em seu trabalho: “Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto: Os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND (1943 – 1960)”, apontando que o projeto da CAND “foi um projeto de colonização que perpassou por vários governos de diversos presidentes brasileiros” (NAGLIS, 2007, p. 34), ou seja, não foi uma ação apenas de Getúlio Vargas.

Dessa maneira, o município de Dourados foi objeto de diversas ações políticas, sobretudo, as que estiveram ligadas ao governo de Getúlio Vargas. Povoar essa região foi o objetivo dessas ações, ocasionando o deslocamento de inúmeras famílias de diversas regiões do país. O subitem a seguir apresenta como a imprensa douradense contribuiu para a construção de uma terra promissora e com grande perspectiva de progresso.

1.2 Dourados e a imprensa periódica

A imprensa douradense é fonte de um importante material de investigação sobre diversos temas e que permite contar a história do município. Para a construção desse subitem foi preciso analisar diversos jornais criados em Dourados e a partir deles, é possível dizer que mais do que notícias sobre a cidade esses jornais foram importantes meios para tentar desconstruir um imaginário de atraso, barbárie e incivilidade.

Além disso, o discurso de progresso presente nos jornais de Dourados possibilita a comparação com o discurso de evangelização e civilização dos missionários protestantes que

estiveram empenhados em civilizar não apenas as populações nativas dessa região, mas também a população não índia do município que estava em franca expansão demográfica.

Até a década de 1940, Dourados não apresentava avanços significativos nos meios de comunicação, mas com o início das vendas dos lotes, houve um constante crescimento da população na área urbana, fator que impulsionou a criação e o melhoramento nas comunicações. Alguns fatos se mostraram importantes nesse processo como, por exemplo, a construção do campo de aviação de Dourados, em 1941, e inaugurado em 1942.

A Real Transporte Aéreo, fundada no município em 1946, foi responsável por esse trabalho. Houve crescimento em sua demanda e a empresa “em 1951, já contava com uma frota de 26 Douglas DC-3 e 2 Curtiss C-46, aviões com capacidade para 44 passageiros. Esta frota da Real Transporte servia trinta e cinco cidades em sete Estados do Brasil [...]” (MOREIRA, 1990, p. 113).

No histórico da Expresso Queiroz, disponível em sua página eletrônica⁹, encontramos a afirmação que em 1948, houve o melhoramento no transporte terrestre com a abertura de estradas ligando Dourados a outros municípios, fato esse corroborado por Moreira (1990). A Expresso Queiroz passou a transportar passageiros e cargas entre Dourados, Itahum (Distrito) e Maracaju. Devido à demanda de passageiros, outras empresas passaram a operar no município e em 1955, o município era atendido por empresas que realizavam viagens intermunicipais e interestaduais.

Dessa maneira, a ampliação dos meios de transporte contribuía para o crescimento da imprensa periódica de Dourados, uma vez que em um primeiro momento os jornais eram impressos em Campo Grande e como já apresentado, de acordo com as condições da estrada a viagem durava dias. Além disso, com a abertura de novas estradas, a distribuição dos jornais seria ampliada e as informações conseguiriam atingir um número mais expressivo de leitores.

O jornal O Rolo publicou a matéria “História do Jornalismo em Dourados” escrita por Basílio Moreira, em 1960, em que descreve a trajetória histórica dos jornais em Dourados. De acordo com a matéria, o primeiro jornal a circular no município chamava-se “Jandaia”, sendo impresso em Campo Grande, sob responsabilidade de Arnulfo Fioravante, todavia, teve curta duração. Somente em 1948 houve o aparecimento do jornal O Douradense, também impresso em Campo Grande e dirigido por Armando da Silva Carmelo, tendo como *slogan* “Órgão independente dedicado aos interesses do município”. Em sua primeira edição, no dia 11 de maio de 1948, há a apresentação de sua intenção:

⁹ Expresso Queiroz. Disponível em: < <http://www.expressoqueiroz.com.br> >. Acesso em: 25/6/2013.

Ontem como hoje, foi a imprensa dada a tarefa de incentivar todas as iniciativas de caráter essencialmente progressista e altamente honestas. Para ela mesma foram sempre voltadas todas as atenções, quando orientadora segura e serena, tendo por norma o Direito e a Justiça. Nós, deste órgão, que hoje aparece com as esperanças de vida longa e proveitosa, tudo faremos para que esta florescente e hospitaleira terra seja, de fato, em tempos não muito remotos, um centro de real e positiva grandeza. (O DOURADENSE, 1948, p. 1)

Segundo dados levantados no próprio jornal O Douradense, Carmelo teve ajuda de alguns redatores que eram seus amigos e contribuíram para a escrita do seu jornal, com destaque para Ulysses Serra, João Capilé Júnior e Isaac Duarte de Barros. O Douradense circulava com espaço entre 12 a 16 dias, contendo quatro páginas, duas das quais eram destinadas aos classificados. Em 1948, houve 13 publicações, em 1949 apenas uma, e no ano de 1950, duas. Uma observação a ser feita é que houve uma interrupção do jornal durante 17 meses entre os anos de 1949 a 1950. As más condições nos transportes que ligavam Campo Grande a Dourados foi um dos motivos que levou o fechamento do jornal em 1950:

O jornal noticiava os acontecimentos da cidade e informava a população da política nacional, sendo por vezes, transcritas reportagens de O Progressista, jornal que circulava em Campo Grande. As reportagens publicadas quinzenalmente procuravam atribuir à imprensa a defesa dos direitos da população e a cobrança dos deveres, tanto do governo municipal quanto do estadual. Ele também se apresentava como um órgão independente, e enquanto existiu, procurou pautar suas reportagens na direção de fortalecer os pertencimentos coletivos. (ERNADES, 2009, p. 43)

A partir da análise realizada no jornal O Douradense, pode-se observar uma profunda exaltação das qualidades do município e as vantagens de aqui habitar. Os títulos das matérias evidenciam a glorificação feita a essas terras sendo: “A nova Canaan” (1948), “Dourados em Marcha” (1948), “Dourados – Maná de Deus a Mato Grosso” (1948), “Dourados, terra promissora de Grandioso futuro” (1948), “Dourados – centro agrícola de primeira ordem” (1948), “Dourados em marcha ascensionar para o progresso” (1948), “Dourados – a nova canaan Matogrossense” (1950).

O Douradense servia como porta-voz de um movimento político que buscava atrair para Dourados investidores, o que provocaria um maior desenvolvimento econômico no município. Portanto, os discursos produzidos eram de uma terra esperançosa e em franco desenvolvimento. O jornalista João Simplório, em 17 de agosto de 1948, descreve na matéria “Dourados, terra promissora de grandioso futuro”, que antes de escolher o município para

fixar residência, conheceu Campo Grande, Maracaju, Entre Rios (atual Rio Brillhante), mas os atrativos daqui foram maiores do que dos lugares onde passou (O DOURADENSE, 1948, p. 1).

A partir do estudo realizado no jornal O Douradense é possível observar um sentido de avanço, sucesso e promessa de Dourados, o que também pode ser observado no jornal O Progresso, sendo, atualmente, propriedade de Adiles do Amaral Torres, viúva de Weimar Gonçalves Torres. Esse jornal foi fundado em 1920, por José dos Passos Rangel Torres, no município de Ponta Porã. O filho de Rangel Torres, Weimar Gonçalves Torres, ao se mudar para Dourados em 1948, desejou dar continuidade ao periódico em terras douradenses, o que ocorreu em 1951, sendo então o primeiro jornal a ser impresso no município. O jornal continua em funcionamento, sendo distribuído em 63 municípios do Mato Grosso do Sul. Em sua primeira edição no dia 21 de abril de 1951, Weimar Torres, escreveu a matéria “Revivencia” expressando a pretensão do jornal:

É com emoção dessas lembranças que hoje, em Dourados, lanço a público este jornal. Si esta terra, como aquela marcha agora, em passos largos para um futuro radiante, Deus permita que neste milagre de revivencia “O PROGRESSO” de Dourados possa cumprir o seu destino como o cumpriu o “O PROGRESSO” de Ponta Porã. E possa eu em sua direção, ser bom, justo e perseverante como o foi a figura inesquecível de meu pai. (O PROGRESSO, 1951, p. 1)

Weimar Torres sempre esteve envolvido na vida política, tendo exercido o cargo de Vereador em Dourados, em 1967, foi eleito a Deputado Federal. Weimar morreu em 1969, vítima de um acidente aéreo. Vale dizer que o seu jornal sempre esteve ligado às questões políticas, não exercendo um papel de oposição ao governo e, além disso, esteve voltado para as ações de grupos que eram considerados a elite douradense.

No início o jornal era editado em quatro páginas, sendo semanário, tendo como *slogan* a frase “Pensamento e ação por uma vida melhor”. Segundo nota do jornal em 1952, as notícias passavam por um crivo do seu diretor e redator, a fim de não ferirem a moral e os bons costumes do seu leitor. Além disso, o jornal sempre procurou exaltar sua imagem, evidenciando a importância de lê-lo, mostrando-se batalhar pelas necessidades de Dourados. Na matéria “Dourados e a Imprensa”, escrita por Barão do Gerê, em 3 de agosto de 1952, é possível perceber a valorização dada ao periódico:

E o que muito chamou-lhe a atenção foi quando em sua mãos chegou pela primeira vez, uma folha do jornal local “O Progresso” folha moderna, bem

feita e com variada colaboração, com temas e assuntos com conhecimento profundo, mostrando dest'arte que Dourados possui cultura, que está dotada de homens de letras, como Weimar Torres, J.A Capilé Júnior, Naurestides Brandão e outros tantos colaboradores. A cidade nova e progredindo, modernizada, possuindo um órgão de imprensa porta voz dos anseios de um povo para uma grandeza sem par, e uma lógica incontestável do seu adeantamento cultural e material! Bem diz a divisa do “O Progresso”, “Pensamento e ação por uma vida melhor”. Ai tendes ilustres cidadãos varonis representas de “O Progresso” [...]. (O PROGRESSO, 1952, p. 2)

Outra reflexão possível incide no nome dado ao jornal, “O Progresso”. A partir da instauração da República no Brasil, em 1889, o ideal de progresso passou a ser utilizado como lema essencial para o desenvolvimento do país. Pode-se notar que esse *slogan* positivista, está estampado na bandeira nacional, “Ordem e Progresso”¹⁰. A propósito, levar a nação ao progresso fez parte dos programas políticos dos Presidentes, sobretudo, da política Vargasista e também foi um ideal compartilhado pelos protestantes.

No dia 5 de janeiro de 1958, entrou em circulação o Jornal de Dourados¹¹, tendo como diretores Antonio Tonanni e José Floriano de Freitas. Antes da abertura do jornal, seus diretores haviam trabalhado no jornal O Progresso e ajudado no crescimento do periódico em um momento de crise em 1957. Em 1958, foram publicadas 50 edições, em 1959, também 50 e em 1960, 49 edições. José Floriano de Freitas no primeiro número do jornal apresentou o objetivo do periódico:

Quando criamos a ideia de um novo jornal para essa cidade progressista, tínhamos em vista o seu engrandecimento. Era nosso desejo que a leitura de “O Jornal de Dourados” despertasse no leitor o interesse pela conversa da imprensa local e que a imprensa local levasse ao leitor notícias de algum proveito, que o jornal seguisse alguma orientação segura, sem rancores e paixões, sem compromissos com grupos ou partidos políticos, um semanário que encontrasse todos os lares abertos para recebê-lo, um jornal para a família. Este foi e este é o nosso. (O JORNAL DE DOURADOS, 1958, p. 1)

O jornal era semanário, contendo 4 páginas, com o *slogan* “A serviço da coletividade” e trazia em uma coluna chamada de “Da imprensa nacional” fatos que haviam ocorrido no Brasil e dado repercussão nacional. Isso mostra que o jornal tinha a pretensão de apresentar para os leitores douradenses o que estava ocorrendo para além dessas terras. Dessa maneira, o Jornal de Dourados, foi grande concorrente do jornal O Progresso e por muitas vezes suas

¹⁰ Termo utilizado como máxima política do Positivismo, de Augusto Comte (1798-1857).

¹¹ Edições desse jornal encontram-se digitalizadas no Museu Histórico de Dourados, junto aos documentos oficiais do Município.

matérias estavam recheadas de ataques ao jornal de Weimar. Sobre isso Fernando Além (2012) escreveu:

Portanto, havia um ressentimento por parte de *O Progresso* pela fundação de *O Jornal de Dourados*, o que motivou divergências políticas e posteriores contendas que ocuparam as páginas dos dois periódicos. Há de se levar em consideração o fato de que justamente Tonanni, homem em quem Weimar Torres confiava a ponto de dirigir seu órgão de comunicação, montar um jornal concorrente, fato que pode ter gerado em Weimar um sentimento de traição diante do ato. (ALÉM, 2012, p. 15)

O Jornal publicava os atos oficiais da prefeitura, revelando assim que não era um jornal que contrapunha o governo. Uma nota sempre publicada transferia ao leitor a responsabilidade de ajudar o periódico “Auxiliar o jornal da sua terra é um dever de patriotismo, pois o jornal por menor que seja é uma potência a serviço dos interesses da coletividade” (JORNAL DE DOURADOS, 1958, p. 1).

Nesse jornal, Dourados também recebia uma conotação de terra de grande progresso, as matérias evidenciavam as qualidades do município e como era melhor habitar aqui do que em outra parte do país. Uma série de matérias escritas pelo agente do IBGE no município, Oscar Mangini, intitulada de “O Maior passo de Dourados” chama a atenção para as qualidades desse lugar. Essas matérias contavam a história de Dourados, apontando particularidades como: transporte, educação, religião, clima, característica da população.

No dia 29 de novembro de 1959, foi publicado o jornal *O Rolo*¹², tendo curta circulação, apenas 7 números. Seus diretores eram José Lourenço Filho, Noelle Gomes de Oliveira e Nicanor de Souza, tendo como *slogan*: “Um jornal diferente para as causas comuns”.

O Rolo deu nova visão à maneira de se fazer jornal no município, a começar pelo seu formato que era como os manuscritos em papiro. O jornal tinha a ideia de ser cômico, não ligado a partidos políticos, buscando apresentar as necessidades do povo douradense. Em sua primeira edição, a 25 de novembro de 1959, declarou sua intenção:

O Rolo, conquanto possa dar ideia contrária, é um jornal pacífico. Lutaremos sim, se tal nos permitirem, em prol das causas justas e pelo engrandecimento do seu município. Se o seu nome é “O rolo” tal somente se deve ao seu feitio. Este jornal não tem cor política, por reconhecemos que ela própria não tem cor. Limitar-nos-emos, politicamente, aos fatos, somente aos fatos, abstendo-nos de comentários facciosos ou críticas, menos por conveniências

¹² Todas as edições desse jornal estão disponíveis no Laboratório de Documentação, História da Educação e Memória (LADHEME) da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

pessoais, mais pelo respeito aos que nos honram com a sua leitura. (O ROLO, 1959, p. 1)

A impressão do jornal foi uma das causas do seu fechamento. Seu primeiro número era para sair com dois meses de antecedência, todavia, a tipografia Rui Barbosa, em Campo Grande não cumpriu o acordo de impressão, sendo Roberto Santini, da cidade de Santos-SP o responsável por resolver esse problema. Esse fato causou bastante indignação por parte dos diretores do jornal que, a 20 de maio de 1960, escreveram no editorial:

Lamentamos somente a insensatez e a falta de senso de responsabilidade que nos foi dada pela Tipografia Rui Barbosa de Campo Grande MT, que guardou nossa matéria com promessa de impressão imediata desde o dia 15 de janeiro á 15 de abril, quando nos foi devolvido. Ao Snr. Roberto Santini de “A Tribuna” de Santos agradecemos a clícherie desse jornal que colocou a nossa disposição, fazendo-nos ao mesmo tempo o cabeçalho que agora usamos. (O ROLO, 1960, p. 1)

A intenção dos redatores era que o jornal fosse semanal, entretanto, devido a falta de estrutura na cidade que provesse condições para a impressão, o segundo número de O Rolo teve circulação quase seis meses depois e só voltou a ser editado no dia 20 de dezembro de 1994. O novo editor na segunda fase do jornal foi o jornalista Nicanor Coelho e o seu formato sofreu poucas variações:

O formato foi uma das características mantidas nas duas fases de “O Rolo”, com variações de alguns centímetros de comprimentos: número 01 - 16 cm (centímetros) de largura por 166 cm de comprimento, número 02 - 16 cm de largura por 156 cm de comprimento, número 03 - 15 cm de largura por 196 cm de comprimento, número 04 - 15 cm de largura por 192 cm de comprimento, número 05 - 15 cm de largura por 192 cm de comprimento, número 06 - 15 cm de largura por 194 cm de comprimento e número 07 - 15 cm de largura por 194 cm de comprimento. (SEGATTO, 2012, p. 5)

Embora outros jornais circulassem em Dourados, a proposta nesse subitem, foi evidenciar os que tiveram maior visibilidade, apontando que os discursos desses periódicos se entrecruzavam na tentativa de apresentar uma Dourados promissora. Com exceção de O Progresso, todos os demais tiveram curta circulação, provavelmente, pela falta de tipografias em Dourados, sendo muitos jornais impressos em Campo Grande, mas, como já assinalado anteriormente, as más condições de transporte era um fator que dificultava a continuidade e regularidade dos periódicos.

Uma hipótese para o aparecimento e crescimento da imprensa periódica no município esta no processo de povoamento dessa região, sobretudo, com o início da CAND que trouxe brasileiros de todas as regiões do país. Assim, apresentar o município para os novos habitantes se fazia necessário. Observou-se que o surgimento dos jornais mais expressivos ocorreu a partir do fim da década de 1940 e o início dos anos 1960.

Outra observação feita, é que em alguns jornais como O Douradense (1948), O Progresso (1951), Jornal de Dourados (1958) há referências sobre a história de Dourados, descrevendo desde o início do povoado até a data em que a matéria foi publicada. À primeira vista parece um fato comum, todavia, se levarmos em consideração esse momento histórico, é possível inferir que as descrições históricas sobre o município, seriam para introjetar nos leitores, noções sobre a identidade douradense e como esta região precisava de progresso.

Diante do exposto, é perceptível que os jornais apresentados tinham em comum apresentar Dourados como uma terra promissora, provavelmente, buscando desconstruir a imagem de terra atrasada, tão presente no imaginário dos colonizadores. O próximo subitem versa sobre a Missão protestante desenvolvida no município e inserida no contexto de povoamento dessa região.

1.3 Presença Protestante no município de Dourados: a Missão Caiuá

De acordo com Mendonça (2005), o movimento protestante no Brasil começou a ganhar força a partir da segunda metade do século XIX com o advento das “missões”, movimento esse conhecido como protestantismo de missão¹³, tendo como participantes, sobretudo, as igrejas Presbiteriana do Brasil, Metodista, Congregacional, Batista e Episcopal, igrejas essas vindas dos Estados Unidos tendo como objetivo principal o trabalho evangelizador.

Dessa forma, a influência do pensamento protestante na ideologia de caráter liberal se implantou no Brasil, representando uma renovação ideológica depois de trezentos anos de quase exclusiva influência da Igreja Católica no país. Gross (2008) aborda a questão do Liberalismo e como ele é percebido na Teologia:

¹³ Carlos Barros Gonçalves (2011) apresenta que o termo “missão” é sinônimo de tarefa e dever, estando associada à expansão do Cristianismo. Já o protestantismo de missão “[...] estabeleceu-se no Brasil a partir dos anos 50 do século XIX após um período preparatório promovido pelas sociedades bíblicas internacionais que enviaram seus agentes bem antes da chegada dos primeiros missionários.” (MENDONÇA, In: DBT, 2008, p.824)

O Liberalismo baseava-se na defesa da liberdade individual, abrangendo a política, religião, economia e o intelectual, lutando contra o poder coercivo do Estado. “No âmbito da teologia, tem-se convencionado denominar de liberalismo teológico as reflexões sobre a fé em diálogo com as aquisições do conhecimento pelo uso da razão – no âmbito filosófico e no das ciências. Trata-se da tentativa de construção de uma teologia adequada ao período da Modernidade” (GROSS, In: DBT, 2008, p. 572).

Com a vinda das missões protestantes, divulgou-se não só o pensamento, mas o estilo de vida, a visão de mundo, a postura ética e os hábitos de trabalho de uma cultura que se alicerçava nos países campo das missões, como o Brasil. Tais práticas eram disseminadas através das Igrejas e das Instituições escolares que foram criadas para evangelizar a população e, assim, divulgar mais rapidamente esses valores.

Segundo Raquel Alves de Carvalho (2004), a presença protestante em Dourados, se deu por meio da chegada da Missão Evangélica Caiuá, possibilitando, a partir daí, a instalação de diversas denominações na cidade e região. O jornal Metodista Expositor Cristão foi utilizado para descrever o trabalho missionário que era desenvolvido no interior da Missão, todavia não era o único.

Desse modo, compreender o trabalho realizado pelos protestantes na Missão Caiuá é um meio de perceber como a evangelização estava associada a civilização, que de acordo com Norbert Elias (1994) a civilidade se relaciona também com a mudança de comportamento. Assim, evangelizar seria um meio de salvação, sendo essa associada a uma transformação do modo de vida do indivíduo.

A Missão Evangélica Caiuá é uma entidade filantrópica, com sede na cidade de Dourados e realiza trabalhos assistenciais e religiosos junto aos grupos indígenas: Guarani, Xavante, Kadwéu e Kaiowá, grupos estes encontrados nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rio de Janeiro, São Paulo e também no Paraguai, sendo essa obra atualmente ligada à Igreja Presbiteriana do Brasil e à Igreja Presbiteriana Independente.

Por meio de convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS) a Missão oferece atendimento médico exclusivo aos indígenas no Hospital e Maternidade Porta da Esperança, inaugurado em 1963. Em 1980, inaugurou a Unidade de Tuberculose devido às altas taxas de mortalidade causadas por essa doença entre a população indígena.

Com o propósito de preparar obreiros indígenas e efetuar com maior êxito o trabalho evangelístico, a Missão Caiuá mantém um Instituto Bíblico, além de supervisionar bases missionárias, igrejas, congregações e pontos de pregação. Atualmente, está sob liderança do Reverendo Benedito Troques e do secretário executivo Reverendo Benjamin Bernardes.

Mas para entender como aconteceu a implantação dessa obra nessa região, é preciso observar alguns fatos sobre o envolvimento de várias denominações nesse projeto. A colaboração de diversas igrejas para a instalação da Missão advinha do Congresso da Obra Cristã na América Latina, também conhecido por Congresso do Panamá (1916), que teve como maior resultado o movimento pela unidade dos cristãos latino-americanos. De acordo com Mendonça (2005) essa ideia de unidade foi posta em ação em 1917, com a Comissão Brasileira de Cooperação que tinha por objetivo “[...] produzir literatura religiosa em português, uma imprensa e livraria no Rio de Janeiro, uma revista da família, uma universidade protestante e um orfanato”. (MENDONÇA, 2005, p. 55)

Mendonça (2005) argumenta que “a mensagem final do Congresso recomendou que a ação missionária deveria buscar áreas não atendidas pela Igreja Católica, principalmente entre os índios” (MENDONÇA, 2005, p. 55). Especificamente os Metodistas tornaram o desejo de evangelização indígena mais forte a partir de 1925, quando em Piracicaba-SP, houve a Conferência Anual da Igreja Metodista, cuja palestra final tinha como foco o trabalho desenvolvido pelo engenheiro J. B. Vasques¹⁴, que já realizava um trabalho com os índios desde 1910.

É possível encontrar no Expositor Cristão, sobretudo a partir de 1925, diversas matérias que demonstram o anseio pelo início de algum trabalho junto aos índios, como por exemplo, “Pelos nossos aborígenes”, apresentada no Expositor Cristão, afirmando que seria nobre a Igreja Evangélica Brasileira, ter uma estação missionária genuinamente nacional e comandada por um brasileiro. Para o êxito de um trabalho dessa envergadura era preciso a colaboração de diversas denominações, ou seja, não seria um trabalho da Igreja Metodista, mas uma aliança das Igrejas Evangélicas brasileira.

Ainda de acordo com essa matéria, o principal motivador para a elaboração do trabalho no Mato Grosso seria “ouvir o brado do sertão”, levando a entender que mais do que uma vontade das missões protestantes atuantes no Brasil, eram as populações nativas de Mato Grosso que procuravam ajuda, sendo assim, era preciso oferecer a eles os benefícios espirituais disponíveis aos crentes brasileiros. Também seria papel das igrejas protestantes o financiamento dessa obra missionária e ainda dispor de missionários para esse trabalho. Assim, no dia 15 de abril de 1925, lê-se no Expositor Cristão o seguinte apelo:

¹⁴ Nas publicações da Igreja Metodista e nos trabalhos que foram utilizadas nesse estudo, alguns Missionários são citados com os nomes abreviados, não sendo possível descrever os nomes completos.

E nossa Igreja cuja liberalidade jámais se retraiu em face de uma causa merecedora de sacrifício, ha de, se duvida, ouvir o brado do sertão, e os recursos hão de apparecer, bastantes, e não faltarão as orações do povo de Deus. Como a obra das missões estrangeiras contribuiu mas do que tudo para despertar as energias espirituas das egrejas norte-americanas, o estabelecimento de um trabalho missionário, genuinamente brasileiro, entre nossos índios, há de ser também uma fonte de inspiração para a Igreja nacional. Ambicionemos essa bençã. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1925, p. 1)

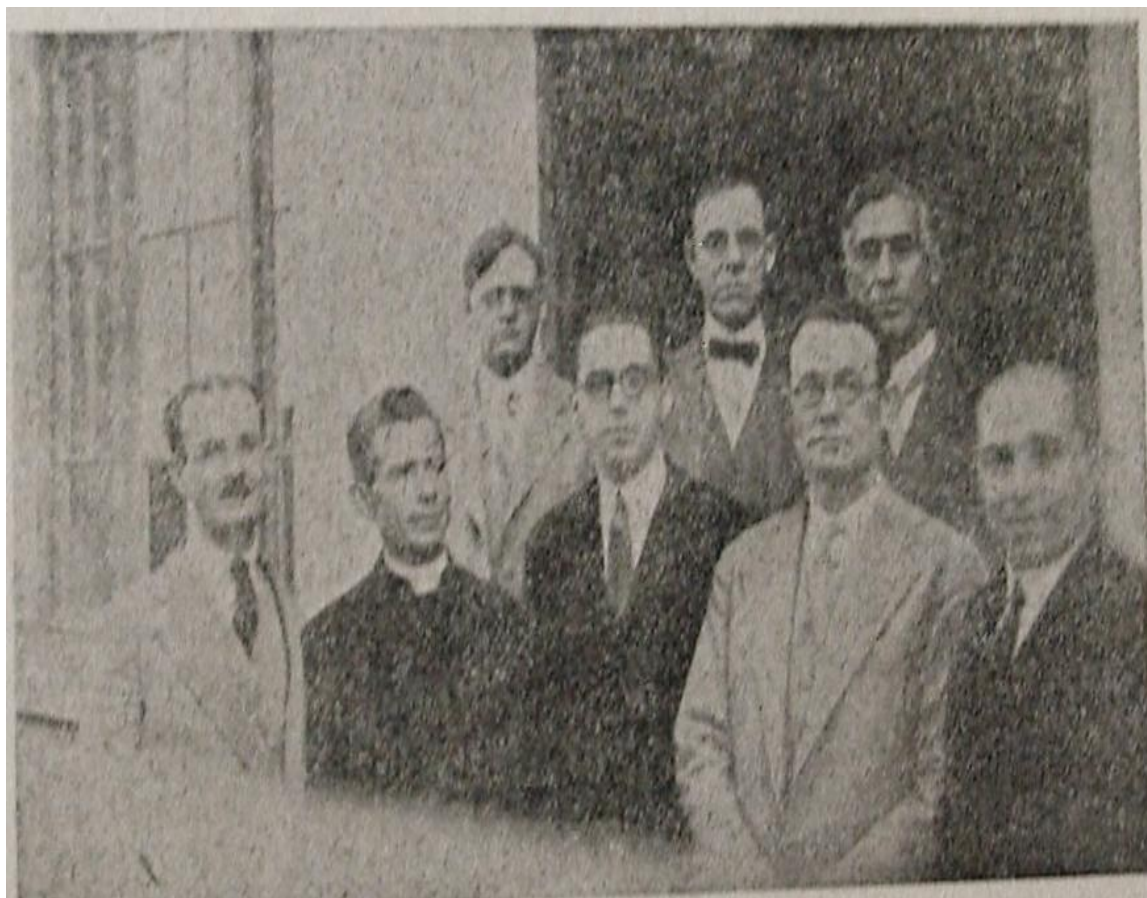
No entanto, esse desejo Metodista se ligava a outros projetos protestantes que foram desenvolvidos na tentativa de aproximar e até mesmo unir as igrejas evangélicas brasileiras. Sobre isso cita-se a criação, em 1920, da Comissão Brasileira de Cooperação, liderada pelo pastor e educador Erasmo de Carvalho Braga, que segundo Mendonça (2005) foi um dos pioneiros do movimento ecumênico. Tal Comissão tinha em sua égide o trabalho de evangelização dos índios e nesse propósito realizou estudos para determinar como procederia esse trabalho.

Desse modo, no dia 28 de agosto de 1928, representantes de algumas denominações e organizações reuniram-se em São Paulo e criaram a “Associação Evangélica de Catechese dos Índios” e embora tivesse contribuição de algumas igrejas, não estava ligada diretamente a nenhuma. O Reverendo Albert Sidney Maxwell, vinculado a Igreja Presbiteriana do Brasil, ficou à frente dessa Associação cujo Estatuto foi publicado, a 12 de setembro de 1928, no Expositor Cristão:

Art. 2 – Esta Associação é constituída de representantes de corporações evangélicas, reconhecidas pela Alliança Evangelica Brasileira, que subscrevem estes Estatutos e assumem certas obrigações referentes a obra de catechese. Art. 3 – A catechese consistirá no estabelecimento de escolas de alphabetização, instrucção christã, instrucção de hygiene e agricultura, offerecendo-se às populações indígenas toda a assistência physica, intellectual, social, moral e espiritual que for possível. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1928, p. 9)

A matéria publicada no Expositor Cristão “Missão aos Bugres” comemorou a criação da Associação, apontando a colaboração e celebração de diversas denominações que viam no trabalho com os índios de Mato Grosso, uma grande abertura para o evangelho ser pregado em uma parte remota do Brasil. Essa “propaganda” era importante para arregimentar voluntários, bem como recursos financeiros, sendo o trabalho na Missão classificado como uma obra de fé, caridade e patriotismo.

Figura 1 – Recorte da fotografia apresentada no Expositor Cristão em que aparece parte do grupo que esteve presente na organização da Associação Evangélica de Catequese dos Índios



Fonte: Expositor Cristão, 24 out. 1928.

Na fotografia 1 encontra-se na primeira fila da esquerda para a direita: Drº Elias Escobar Junior, Reverendo Salomão Ferraz, Nelson de Araujo, Reverendo Albert Maxwell, Rev Epaminondas Moura e na segunda fila, também da esquerda para a direita: Benjamin Hunnicut, Reverendo C. L. Smith e o Reverendo Alfredo Borges Teixeira. Merece destaque a figura de Elias Escobar Junior que foi redator do Expositor Cristão e durante o tempo em que esteve à frente do periódico, publicou diversas matérias sobre a Missão Caiuá, sobretudo, as cartas do missionário Nelson de Araujo.

Merece destaque também o Reverendo Albert Maxwell, sendo possível encontrar no *site*¹⁵ da Igreja Presbiteriana do Brasil de Dourados, um relato sobre sua vida. Segundo a descrição, Maxwell cresceu ao lado de uma tribo indígena enquanto morou nos Estados Unidos e após a morte dos pais resolveu empregar sua herança para conhecer os índios da

¹⁵ Igreja Presbiteriana do Brasil de Dourados. Disponível em: <<http://ipbdourados.com.br>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

região Amazônica e por indicação do Marechal Cândido Rondon conheceu também os índios de Dourados.

Carlos Barros Gonçalves (2011) argumenta que Dourados foi escolhido como lugar estratégico para o estabelecimento do trabalho missionário, já que sua localização permitiria espalhar o protestantismo para outras localidades. Gonçalves afirma isso:

A escolha de Dourados como ponto de instalação da missão protestante levou em conta também a posição geográfica do local. Nos textos enviados aos periódicos protestantes, desde os primeiros anos, há menção ao desejo de levar a pregação do Evangelho a outras localidades e aldeias. O Distrito de Dourados funcionaria, assim, como um ponto de irradiação do protestantismo para todo o Sul do antigo Mato Grosso. (GONÇALVES, 2011, p. 240)

Os trabalhos acadêmicos que abordam sobre a Missão Caiuá e escolhidos para o debate nesse estudo, indicam que a escolha por essa região do país se deu por alguns motivos, entre eles, a de que os índios já se encontravam aldeados desde 1917, o que facilitaria o trabalho de catequização. Além disso, nessa região não havia um trabalho religioso regular, permitindo uma maior propagação dos ideais protestantes.

Embora o trabalho protestante tenha se instalado primeiro, a Igreja Católica não ficou inerte ao crescimento protestante na região e conforme indica Inez Bitencourt do Amaral em seu trabalho “Entre rupturas e permanências: a Igreja Católica na região de Dourados (1943-1971)”, os católicos romanos firmaram bases nessa região a partir de 1940, iniciando assim uma disputa por almas. “Desde a instalação definitiva do primeiro pároco em Dourados, em 1940, a Igreja Católica passou a agir intensivamente contra a expansão protestante na região” (AMARAL, 2005, p. 62).

A participação mais efetiva da Igreja Metodista no projeto de Maxwell se deu por meio do médico Nelson de Araujo. Vale observar que a figura desse missionário ainda merece estudos, uma vez que há poucas obras¹⁶ que relatem sobre sua vida, ou que apresentem sua atuação na Missão. Um dos motivos para isso é que os trabalhos acadêmicos que abordam sobre a Missão Caiuá seguem basicamente duas linhas: enaltecer o trabalho, ou apresentar suas falhas, mas não tratam sobre a vida dos missionários.

A partir da leitura de informações sobre Nelson de Araujo, publicadas nos jornais: O Puritano (Igreja Presbiteriana do Brasil), O Estandarte (Igreja Presbiteriana Independente) e

¹⁶ A obra de Maria Goretti Dal Bosco “Os pioneiros – viajantes da ilusão” (1995) traz algumas informações sobre Nelson de Araujo, entretanto algumas merecem investigação.

Expositor Cristão, foi possível inferir que esse médico era uma personalidade reconhecida não apenas pelos missionários mas, pela população douradense. Sinal disso, foi sua eleição a prefeito em 1951, legislando até 1955. Esse missionário sempre escrevia para o Expositor Cristão relatando as atividades desenvolvidas na Missão Caiuá e cobrando dos Metodistas uma participação mais ativa nessa obra. Algumas informações sobre sua vida podem ser encontradas nas páginas do Expositor Cristão, possibilitando entender melhor sua atuação na Missão.

Figura 2 – Recorte da fotografia apresentada no Expositor Cristão em que mostra a imagem do Drº Nelson de Araujo



Fonte: Expositor Cristão, 9 mar. 1943.

A matéria “Um appello a’ alma Methodista brasileira” apresentada no Expositor Cristão de 8 de agosto de 1928, apresentou em sua capa um pouco sobre a história de Nelson de Araujo. Segundo a descrição durante a Conferência Central da Igreja Metodista Episcopal do Sul, realizada em 1927, na cidade de São Paulo, Albert Maxwell, solicitou a contribuição

de um médico para a Igreja Metodista. Nelson de Araujo que havia se formado em medicina há pouco tempo se apresentou de Juiz de Fora–MG, para o trabalho.

O Expositor Cristão, no dia 29 de agosto de 1928, apresentou a matéria “Nossa missão aos Bugres” justificando a entrada de Nelson de Araujo na Missão Caiuá. Essa matéria ainda deu algumas informações sobre a vida desse missionário, que nasceu em lar cristão e desde criança frequentou a Igreja Metodista, posteriormente foi aluno do Colégio Granbery, de Juiz de Fora–MG, atual Instituto Metodista Granbery. Ainda de acordo com esta matéria, ao receber o convite para ingressar na Missão, a Igreja Metodista procurou em diversas congregações uma pessoa que “[...] reunisse todos os predicados essenciaes ao bom desempenho da espinhosa missão.” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1929, p. 1). Sendo assim, Nelson de Araujo se aliou ao projeto do Reverendo Maxwell por volta de 1927, a fim de conhecer de perto a situação em que se encontravam os indígenas.

A saída da Igreja Metodista da Missão Caiuá aconteceu em 1946, quando a Igreja Presbiteriana do Brasil assumiu a entidade. As dissertações e teses levantadas nessa pesquisa e que falam sobre a Missão Caiuá não trazem detalhes dessa saída e vale dizer que no decorrer da pesquisa, por algumas vezes, buscou-se maiores informações nos arquivos da Missão, todavia, o acesso foi muito difícil e ante ao questionamento sobre a saída da Metodista a resposta dada pelo Reverendo Benjamin Bernardes foi: “Deus tem os melhores caminhos”. Eber Borges da Costa (2011) analisa a saída da Igreja Metodista da Missão em sua dissertação e afirma que:

Não há um registro preciso da saída da Igreja Metodista da Missão. Nascimento cita uma carta da Junta Geral de Missões da Igreja Metodista em que se declara disposta a assumir a responsabilidade total do trabalho, alegando que era a única que estava fazendo a parte que lhe competia como cooperante. A Assembleia, no entanto, resolveu que não iria dissolver a sociedade. Num histórico da participação metodista no trabalho com os índios, elaborado pelo Colégio Episcopal da Igreja Metodista, há apenas um a frase sobre essa saída: “Em 1946 a Igreja Metodista se retirou oficialmente da Missão.” Reily afirma que a saída se deu por causa de desentendimentos com Augusto Schwab, então Secretário Geral de Missões da Igreja Metodista, mas, não esclarece quais seriam os motivos desse desentendimento. (COSTA, 2011, p. 51)

Mesmo com a saída da Igreja Metodista, Nelson de Araujo continuou ajudando nos trabalhos da Missão, bem como nos projetos protestantes que estavam sendo implantados em Dourados, com destaque para o Hospital Evangélico. Segundo o histórico do hospital, Nelson de Araujo ao palestrar em uma conferência em São Paulo, no ano de 1937, relatando a falta de

estrutura para atender os doentes nessa região, despertou o interesse de algumas pessoas que fizeram doação para a construção do Hospital no município.

Mas é preciso considerar que anterior a época da instalação da Missão, já havia um trabalho sendo realizado junto aos indígenas, trabalho esse desenvolvido pelo Serviço de Proteção do Índio (SPI), ou seja, os índios de Dourados já contavam com a supervisão do Governo. O posto Francisco Horta, base do SPI, foi implantado em 1927 e ficava no interior da reserva indígena de Dourados, sendo essa criada em 3 de setembro de 1917, pelo Decreto nº 404, compreendendo uma área de 3.539 hectares e especificamente demarcada para abrigar os índios Guarani. Como bem explicita Renata Lourenço (2011):

[...] a fundação do Posto Francisco Horta na Reserva de Dourados, em 1927, teve como objetivo, pois, implementar um trabalho mais efetivo do S.P.I. junto às populações Guarani do sul do então estado de Mato Grosso. Nesses primeiros tempos, no campo da retórica, assistia-se a uma preocupação de preservação do patrimônio na sua inteireza, que foi gradativamente superada ao longo dos anos seguintes. (LOURENÇO, 2011, p. 4)

De acordo com informações de Lourenço (2011) o posto do SPI em Dourados não contava com grandes recursos materiais e financeiros, assim quando se deu a instalação da Missão Caiuá em Dourados que dispunha de uma maior estrutura física e recursos financeiros, possibilitando dessa maneira, um melhor atendimento aos indígenas, houve uma grande cooperação entre o SPI e a Missão.

Como afirma Gonçalves (2011), após averiguação da terra, o grupo de missionários chegou a Dourados em abril de 1929 e era formado pelo Reverendo Albert Maxwell, norte-americano ligado à Missão Leste, Esthon Marques professor e dentista, ligado à Igreja Presbiteriana Independente, Nelson de Araujo, o agrônomo João José da Silva, sua esposa Guilhermina Alves da Silva, professora, ambos da Igreja Presbiteriana do Brasil, que trouxeram consigo o filho Erasmo, ainda criança. Sobre essa chegada Gonçalves (2011) nos apresenta:

A presença dos religiosos despertou curiosidade e provocou reações nos moradores. Apesar das dificuldades enfrentadas durante o estabelecimento da primeira estação, os primeiros relatos a respeito do campo missionário fazem parte de um discurso esperançoso e triunfalista, quanto aos objetivos da Missão. (GONÇALVES, 2011, p. 225)

De acordo com os relatos sobre a Missão, no jornal O Puritano, o Reverendo Maxwell se ausentava por algum tempo da Missão para visitar a esposa e filhos, o que dificultava o

trabalho. Somente em março de 1930 é que houve sua vinda definitiva para Dourados, sobre isso João José da Silva, em 24 de maio de 1930, diz: “E agora que o Reverendo Maxwell veio definitivamente para aqui, parece que a Missão estará breve em contacto mais directo com os índios, num serviço mais activo que esperamos seja muito e muito abençoado pelo Rei dos Reis” (O PURITANO, 1930, p. 5)

Figura 3 – Recorte da fotografia apresentada no Expositor Cristão em que aparece o grupo dos primeiros Missionários da Missão Evangélica Caiuá



Fonte: Expositor Cristão, 15 maio 1929.

Na Fotografia 3 encontra-se pé da esquerda para direita, Esthon Marques, Nelson de Araujo, Albert Maxwell e sentados, João José da Silva e sua esposa Guilhermina, com o filho do casal, Erasmo, em seu colo. O grupo, ao chegar em Dourados, fixou residência na área urbana por aproximadamente três anos, não sendo possível detalhar o local exato dessa residência.

O agrônomo João José da Silva ao escrever para “O Puritano” relatou a dificuldade em comprar o terreno onde foi construída a sede da Missão. Os donos dos terrenos elevaram o valor das terras, por acreditarem que os missionários eram ricos, que só encontraram um terreno mais barato, por esse ainda conter grande extensão de mata. Maxwell contratou índios para fazerem a derrubada de dez hectares de mata, dando início a construção da sede.

Ainda de acordo com João José da Silva, os missionários iam quase todos os dias para a Missão a fim de explorar o local e conhecer melhor os indígenas. Os próprios missionários abriram caminho no mato para se locomoverem de charrete e segundo o agrônomo destaca no jornal O Puritano de 5 de julho de 1930: “Este vae e vem continuo, além de nos roubar muito tempo, é bastante cansativo” (O PURITANO, 1930, p. 4). As visitas só eram interrompidas aos domingos e nos dias chuvosos.

Vale dizer que alguns jornais protestantes¹⁷ como O Estandarte, Expositor Cristão, O Puritano, anunciavam os trabalhos desenvolvidos na Missão e isso trouxe benefícios financeiros e humanos, uma vez que permitiu a ampliação de leitores de várias denominações. Muitos missionários vieram para Dourados após saberem do trabalho realizado com os indígenas, além disso, as igrejas realizavam convocações para aqueles que se sentiam vocacionados. Desse modo, os periódicos protestantes foram importantes para o chamamento de novos missionários e para levantar ajuda financeira, conforme apresenta Gonçalves (2011):

Esses relatos despertaram interesses nas comunidades religiosas que integraram a missão protestante em Dourados. Os jornais eclesiásticos publicaram grande quantidade de pedidos para que os missionários enviassem a suas respectivas igrejas dados, informações ou fotografias a respeito dos serviços missionários e, sobretudo, a respeito dos costumes indígenas. (GONÇALVES, 2011, p. 24)

Uma meta dos evangelizadores era transformar os índios em indivíduos com modos que acreditavam ser de pessoas civilizadas. Todavia, essa civilização “[...] somente seria alcançada através da adoção de novos costumes e práticas relacionados à saúde, ao trabalho e, sobretudo, às crenças” (GONÇALVES, 2011, p. 234). Ainda segundo o autor o protestantismo permitiria tais transformações.

Tal afirmativa se nota na própria formação dos missionários. João José da Silva estaria incumbido de ensiná-los a trabalhar na terra. Dessa forma, saíam de um modo nômade e passariam a ter uma propriedade fixa. Nelson de Araujo, foi o responsável pela saúde dos indígenas, mas encontrou algumas dificuldades por querer implantar uma forma de

¹⁷ O segundo capítulo abordará melhor esse assunto.

cuidar baseada na medicina tradicional, isto é, com remédios alopáticos, enquanto que a saúde do índio era tratada com métodos naturais, que incluía a pajelança e ervas medicinais, como argumenta Gonçalves (2011).

Não apenas a saúde foi contemplada na Missão, a educação também foi importante ferramenta para a evangelização. Conforme histórico da Missão Caiuá, escrito pela Igreja Presbiteriana do Brasil de Dourados e disponível em sua *home page*, o professor Esthon Marques veio para a Missão para desenvolver os trabalhos educacionais, mas deixou a Missão pouco tempo depois da sua chegada. Dessa maneira, o início das aulas só ocorreu em 1933, quando veio para a Missão a professora Yolanda Linderberg. Essa escola se chamava “Escola Diária”, sendo destinada à alfabetização de adultos.

Para Lourenço (2007), no campo educacional, o desafio de “civilização”, proposto pelos missionários esbarrou na língua falada pelos indígenas. Cabia a eles trazer os indígenas até a escola, para isso ter o domínio de sua língua seria importante para o ensino dos novos valores apresentados pela Missão. Ao aprendê-la, os missionários estariam aumentando suas possibilidades de convencer os nativos, que seu modo de vida deveria se enquadrar dentro de padrões entendidos como civilizados.

Preocupados com isso, em 1938 uma professora missionária foi até Assunção no Paraguai para aprender o Guaraní, para ter um ensino bilíngue no interior da Missão. O conhecimento da língua e sua utilização como mecanismo de submissão foi tão importante dentro desse cenário que, em 1957, o *Summer Institute of Linguistics* (SIL) iniciou seus trabalhos junto aos indígenas da Reserva de Dourados.

Segundo histórico do Instituto, disponível em sua página *on-line*¹⁸, sua fundação ocorreu em 1934, por William Cameron Townsend e ainda hoje tem atuado na pesquisa de 2.590 línguas faladas em mais de 100 países. Sua sede está em Dallas–EUA e um dos seus principais objetivos é de que o pesquisador deve viver em uma aldeia, aprender a língua, realizar uma análise linguística para o desenvolvimento de um alfabeto, culminando em um programa de educação com tradução da bíblia na língua aprendida. Assim, Educação e religião estão imbricadas durante todo o processo.

O SIL permitiu, no interior da Missão, a elaboração de um trabalho educacional organizado, contando com materiais didáticos que auxiliavam no processo de alfabetização dos indígenas. O Instituto continua trabalhando na tradução bíblica na língua dos Kaiowá,

¹⁸SIL Internacional. Disponível em: <<http://www.sil.org>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

uma vez que esse processo é demorado, prova disso é que a tradução do Novo Testamento foi concluída em 1985.

De acordo com Raquel Alves de Carvalho (2004), os missionários “buscavam compreender o outro, para melhor submetê-lo. Neste caso, o conhecimento etnográfico estava comprometido com/e a serviço do processo de expansão dos valores e da civilização ocidental” (CARVALHO, 2004, p. 32). Baseado em Gonçalves (2011), é possível dizer que o aprendizado do Guarani permitiria aos missionários um melhor contato, não apenas com os indígenas, mas com a população não indígena, já que o idioma era amplamente falado na parte urbana de Dourados.

O missionário João José da Silva apresentou em um relato publicado no jornal O Puritano algumas dificuldades encontradas no início da Missão, entre elas a dificuldade em aprender o Guarani. Segundo ele, o contato com os índios foi se tornando mais intenso com o passar do tempo, todavia, os missionários estavam com dificuldades para estudar o Guarani por falta de professor. Dessa maneira, o aprendizado se dava por meio da interação dos missionários com os indígenas.

É notório que o domínio da língua Guarani, neste caso, permitiria que a evangelização acontecesse de uma melhor forma e a educação seria o meio pelo qual isso se daria. A sistematização da língua falada pelos Caiuá, por meio da escrita, ajudaria na confecção de materiais pedagógicos e religiosos e, dessa maneira, o processo de “civilização” poderia atingir seus objetivos com maior sucesso, uma vez que teria um parâmetro a ser seguido e possivelmente haveria uma melhor aceitação por parte dos Guaranis, tendo em vista que “para o Guarani, de maneira geral, a palavra, imbuída de religiosidade e significado místico, consiste no símbolo maior das relações sociais” (LOURENÇO, 2007, p. 182).

Se um dos pilares da obra evangelizadora e civilizadora era a educação, seria preciso fundar uma escola na cidade. A seguir expõem-se, sumariamente, como se desenvolveu este processo de implantação de escolas, especialmente as confessionais, em Dourados.

1.4 Um olhar sobre a Educação Confessional em Dourados: apontamentos sobre algumas escolas.

No Brasil, o século XX se inicia com a Primeira República já instaurada. Segundo Fernandes e Freitas (2004), no que diz respeito à educação, este período, em Mato Grosso, foi marcado por tentativas de adequação institucional representativas do ideário republicano. Tal

ideário era formado por discursos que propunham à liberdade de ensino, a gratuidade, a obrigatoriedade e a laicidade para a educação.

Nesse sentido, a educação passou a representar o papel de redentora de mazelas e atrasos sociais e econômicos. Porém, a discussão incidia sobre qual modelo educacional seria o ideal para a sociedade brasileira, se o modelo confessional, tradicionalmente ligado à Igreja Católica, ou o laico defendido pelos intelectuais ligados à Maçonaria e aos ideais iluministas.

Essa disputa assinalava as mudanças comportamentais decorrentes do processo de alterações forjadas com a adoção de novas posturas frente à educação. Neste espaço de conflitos políticos e ideológicos, as mulheres que ingressavam nas escolas leigas ou confessionais e as pessoas que detinham poder econômico viam o acesso à educação como algo imprescindível. Neste processo, a disputa entre o modelo educacional religioso e o modelo educacional laico ganhou força.

A história da educação de Dourados possui várias lacunas a serem preenchidas e algumas pistas a serem analisadas. Assim, a historiografia da educação do município se intensificou, sobretudo, a partir da criação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFGD, em 2008, cujas pesquisas têm apontado novos dados e evidenciado novos personagens, permitindo assim outras perspectivas para a história educacional do município. O objetivo desse tópico é fazer uma primeira aproximação de algumas escolas, principalmente, aquelas ligadas às questões religiosas.

Em geral a história da educação no município aconteceu como em grande parte do país, em um primeiro momento foi responsabilidade da família e depois, gradativamente, passou para o poder público. Nesse primeiro momento, a educação acontecia em dois lugares, principalmente, nas fazendas da região ou nas próprias casas dos professores ou dos alunos, como se pode observar:

A história da educação formal, no município de Dourados, inicia-se nas duas primeiras décadas do século XX marcada pela iniciativa privada. Primeiramente, o ensino foi realizado pelas próprias famílias: alfabetização, leitura, noções gerais e cálculo. A seguir, a ida à escola da fazenda para o ensino primário com o professor itinerante ou, na vila, a ida à escola particular na casa do próprio professor. (FERNANDES & FREITAS, 2004, p. 5)

A presença religiosa na educação formal (escolar) douradense permite levantar alguns indícios que apontam para uma disputa por fiéis e como meio de divulgação das doutrinas protestantes e católica. Além disso, a partir do levantamento das primeiras escolas de

Dourados é possível dizer que a Educação formal e confessional Católica aconteceu em um primeiro momento para combater o crescimento da Educação formal Protestante.

A educação cristã e a obediência ao Evangelho seria uma forma de regeneração moral. Desse modo, as escolas confessionais em Dourados, foram espaços para disseminação de ideais e um meio de catequização e civilização. Amaral (2010) confirma essa hipótese, ao apresentar que “Desde a instalação definitiva do primeiro pároco em Dourados, em 1940, a Igreja Católica passou a agir intensivamente contra a expansão protestante na região” (AMARAL, 2010, p. 62). A partir da década de 1930 há os primeiros registros de escolas no município:

Nos anos de 1930, além dos professores itinerantes na zona rural, existiram na vila escolas particulares de vários professores. Depoimentos (ROSA, 1990) e registros fotográficos (MOREIRA, 1990) referem-se à Escola Reunida (do prof. Ernani Rios e Antônio Cândido de Melo), à Escola Moderna (escola ativa), à de Laucídio Paes de Barro, à de Gonçalo e à de Antônio da Silveira Capilé. (FERNANDES & FREITAS, 2004, p. 6)

Em Dourados os protestantes deram visibilidade ao trabalho educacional, utilizando-o como parte da evangelização. Apoiados nesse propósito fundaram a Escola Presbiteriana Erasmo Braga, no dia 6 de abril de 1939, sendo essa a primeira escola primária¹⁹ do município, entretanto o ensino não era público. O nome da escola foi uma homenagem ao pastor presbiteriano Erasmo de Carvalho Braga (1877-1932), que além de pastor, atuou como jornalista e professor, escrevendo a “Série Braga” destinada ao ensino primário e adotada por muitas escolas.

A Escola Presbiteriana Erasmo Braga, conforme descrição encontrada no seu *site*²⁰ tem a missão de oferecer à comunidade escolar uma educação diferenciada e comprometida com a qualidade de ensino e um currículo norteado pela palavra de Deus, com a finalidade de conduzir o aluno ao conhecimento e ao desenvolvimento do caráter cristão, preparando-o para a construção de uma sociedade justa e respeitada:

No dia 6 de abril de 1939, a Escola Evangélica denominada “Erasmo Braga” abriu as suas portas pela primeira vez em Dourados. Funcionou na primeira sala de cultos – salão feita de madeira cortada a mão [...]. (SYDENSTRICKER, 1961, p. 1)

¹⁹ O Ensino Primário era dividido em 4 anos e equivale hoje do 1º ao 5º ano.

²⁰ Escola Presbiteriana Erasmo Braga. Disponível em: < <http://www.erasmobraga.com.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2013

A Escola em sua criação, funcionava anexa à Igreja Presbiteriana do Brasil, localizada à Rua Marcelino Pires com a Rua Bahia, atual Hayel Bon Faker. Devido à demanda de alunos, funcionou nesse local até 1961, quando foi transferida para seu novo endereço, onde permanece até hoje, à Rua João Rosa Góes nº 703, região central de Dourados.

O prédio foi projetado pela arquiteta D. Helena Doweing, tendo como engenheiro responsável John Sydenstricker. À época os assentos eram sem encosto e as carteiras foram feitas pelo senhor Guilherme Neumann, com os caixotes de querosene que vinham de Campo Grande. O terreno onde funcionou a escola na sua fundação foi doado pela prefeitura, e além de ser utilizado para fins educativos, também servia como ponto de pregação. Segundo Cardoso (2007):

Por meio das escolas-igrejas os protestantes divulgavam o seu pensamento e cosmovisão, mas também um *modus vivendi*, baseado em hábitos, condutas sociais e valores, geralmente tematizados na perspectiva religiosa, como por exemplo: o combate ao uso do álcool e do tabaco, bem como da prática dos jogos de azar; as regras de higiene; as regras restritivas de certos divertimentos; os modos de administrar as finanças e o patrimônio, orientados ao trabalho intenso, à poupança e à acumulação; os modos de trajar, falar e comportar-se em público; a exigência da leitura e o estímulo à inteligência; tudo isso baseado no “modo americano de vida” (*american way of life*). (CARDOSO, 2007, p. 4)

De acordo com relato da missionária Margarida Sydenstricker (1961), sobre a escola Erasmo Braga, o trabalho de alfabetização desenvolvido na Missão Caiuá era frequentado pelos filhos dos chacareiros que moravam próximo à Missão e por alguns estudantes que moravam na cidade. Todavia, o deslocamento para a Missão era difícil e quando havia período prolongado de chuva as crianças ficavam sem ir à escola. Por esse motivo foi então formada uma comissão para pedir ao Reverendo Maxwell a instalação da tão sonhada escola na sede do município:

[...] uma comissão de homens de Dourados foi a missão, para falar com Rev. Maxwell, D. Mabel, Dr. Nelson Araujo e os seus companheiros. Esses imploraram que os missionários comessem uma escola primária em Dourados. Não foi a primeira vez que pediram isto. Agora o pedido foi mais forte. Chegaram estes a dizer que se não abrissem uma escola logo, os pais levariam os seus filhos a missão, para deixá-los à porta dos missionários, a fim de estudarem com os filhos dos chacareiros”. (SYDENSTRICKER, 1961, p. 2)

Segundo o histórico da Escola, os seus primeiros professores foram a missionária Aurea Batista e o professor Acácio Arruda. A primeira professora ajudou a construir os

mobiliários da escola e lecionou de 1939 a 1940. Com a saída da professora Aurea Batista veio de Ponta Porã a professora Erondy Pereira dos Santos, para compor o corpo docente, tendo como principal função a de ensinar trabalhos manuais. Todos os anos era realizada uma grande exposição e os trabalhos confeccionados eram vendidos para a população douradense.

Tal prática pode ser analisada pela teoria de Norbert Elias, percebendo as boas maneiras ligadas diretamente às regras de comportamento social. No decorrer da História as sociedades, estabeleceram normas e princípios com o objetivo de criar padrões entre os grupos e pessoas. Não seguir essas regras implicava à penalidades e até mesmo a exclusão do indivíduo do seu grupo, ou de grupos. Para Oliveira (2012):

Na medida em que o homem se educa, torna - se capaz de controlar seus impulsos, suas paixões, e assim, a convivência em sociedade é facilitada. Segundo Elias, no decorrer do processo de civilidade, ocorre uma alteração no equilíbrio entre o controle externo e autocontrole, favorecendo o autocontrole. (OLIVEIRA, 2012, p. 5)

Desse modo, a escola pode ser vista como um local de refinamento de comportamento, já que, a sociedade espera que ao ingressar na vida escolar o indivíduo seja “educado”, e se aproprie de normas que auxiliarão no seu convívio social e caso desvie alguma norma será questionado sobre o que aprende na escola, associando escola a boas maneiras.

Em 1942, o prédio da escola Erasmo Braga precisou ser ampliado para comportar a demanda de alunos, que já chegava a 75 matriculados. A escola, nesse período, possuía um jardim de infância e os quatro anos do ensino primário, além do curso de música e datilografia funcionando no período matutino e vespertino. O auge de matrículas aconteceu nos anos de 1955, 1956 e 1957 contando com mais de 300 matriculados. Em 1955, o Jornal O Progresso noticiou uma colação de grau ocorrida na escola:

No dia 30 de novembro às 19,30 horas na sede da escola, verificou-se o ato de colação de grau dos alunos da 4ª e da 5ª série, como também dos alunos do curso de admissão de férias. O Dr. Luiz Antonio Monteiro Cruz foi o paraninfo e Siderley Brandão Stein e Lafayette Fagundes oradores das turmas. Vinte e três alunos da quarta série, dezenove do curso de admissão e vinte do curso de férias receberam diplomas e certificados. Destacou-se pelo seu excelente trabalho escolar o aluno Juacy da Silva da quinta série, alcançando a média mais alta da escola 9,8. Tomie Keike atingiu o segundo lugar da escola e o primeiro da 4ª série com a média 9,7. Vários prêmios foram oferecidos aos alunos que receberam as notas mais altas de cada turma, como também por tirar 100 em comportamento no ano todo e por frequência integral. (O PROGRESSO, 1955, p. 4)

Um fato interessante aconteceu em 1947, quando um grupo de senhoras americanas tendo conhecimento de que as crianças em Dourados se atrasavam para a aula, resolveram fazer a doação de um sino que serviria para anunciar os horários das aulas. Tal sino não orientou apenas o horário de aula das crianças, mas muitos munícipes passaram a controlar o tempo pelos horários das badaladas.

Na iniciativa pública, foi também em 1947, no dia 22 de novembro pelo Decreto nº 386, criada a Escola Joaquim Murtinho, funcionando como Grupo Escolar²¹. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5692 de 1971 extinguiu esses Grupos Escolares, passando a denominar escolas de 1ª e 2ª graus, no caso específico do Joaquim Murtinho, por ser escola primária, denominou-se escola de 1º grau. Sua primeira diretora foi Antônia da Silveira Capilé, que mesmo antes da abertura desta escola já oferecia ensino às crianças da cidade em sua casa, de maneira informal. O jornal O Douradense na matéria “Um prédio para o Grupo Escolar de Dourados é de inadiável necessidade”, em 11 de maio de 1948, apresentou como era difícil o ensino sem estrutura adequada:

Está ao alcance de todos, não só dos douradenses, como os que nos visitam, a compreensão de que é de urgente necessidade a construção de um prédio para o Grupo Escolar de Dourados. Contando este estabelecimento de ensino perto de 300 alunos a sua diretora, D. Antonia Capilé, tem que se desdobrar a fim de poder acomodar, num prédio inadequado para o fim, esse número de crianças. Acresce a tudo isso, que a frequência de alunos naquela casa é de cem por cento, fato esse bastante expressivo. É de imediata solução o caso. (O DOURADENSE, 1948, p. 4)

A escola dirigida por Antônia da Silveira era pública e atendia meninos e meninas. Iniciou suas atividades em um casarão, onde atualmente funciona a agência central do Banco do Brasil. As instalações dificultavam o ensino, por isso em 1953, foi construído o prédio onde a escola funciona até a atualidade, situado à Rua Onofre Pereira de Matos, 1842, aproximadamente a 100 metros do antigo endereço.

Em 1947, houve também a abertura da Escola Reunida²² do Oeste. Sua história teve início quando o Ministério da Guerra fez a doação de um terreno com uma pequena edificação

²¹ Essa modalidade de escola primária, denominada “grupo escolar”, foi implantada pela primeira vez no país em 1893, no estado de São Paulo, e representou uma das mais importantes inovações educacionais ocorridas no século passado. Tratava-se de um modelo de organização do ensino elementar mais racionalizado e padronizado com vistas a atender um grande número de crianças, portanto, uma escola adequada à escolarização em massa e às necessidades da universalização da educação popular. Ao implantá-lo, políticos, intelectuais e educadores paulistas almejavam modernizar a educação e elevar o país ao patamar dos países mais desenvolvidos. (SOUZA, 2006, p. 35)

²² Tinham a vantagem de representar uma economia aos cofres públicos, pois não exigiam a contratação de uma pessoa específica para assumir a função de diretor, com uma gratificação fixa; necessitavam de um número

que servia para abrigar as tropas do exército que tinha como sede Ponta Porã. A construção continha duas salas e um banheiro.

De acordo com o histórico da escola, pouco tempo depois do início das suas atividades, foi transformada em grupo escolar e passou a ser denominada de Abigail Borralho, recebendo esse nome em homenagem a primeira normalista de Mato Grosso. Com a extinção dos grupos escolares, em 1971, pela LDB 5692/1971, foi elevada ao nível de Escola Estadual de 1º Grau Abigail Borralho.

As más condições da estrutura física interferiam no ensino, por isso em 1974 houve reformas em suas instalações, melhorando a rede elétrica e hidráulica, além da ampliação das salas de aula. Em 1982, recebeu autorização de funcionamento e, em 1984, a Secretaria de Educação emitiu reconhecimento do curso de 1ª a 4ª série.

Alguns indícios apontam que durante muito tempo a escola tinha uma extensão nas salas da Paróquia São José Operário, local que abrigou o Patronato de Menores, bem como era residência dos padres Franciscanos. Esse fato ajuda a evidenciar como a educação formal de Dourados, em seus primeiros anos, esteve ligada às instituições religiosas.

No Jornal de Dourados de 1959, na matéria “Maior Passo de Dourados” escrita por Oscar Mangini, agente do IBGE no município, há descrição de outra escola confessional em Dourados, a Escola Adventista. A partir dos indícios contidos na matéria escrita por Mangini, fui até a Escola Adventista de Dourados a procura de documentação, todavia a Secretária escolar informou que os documentos sobre a Escola foram enviados para Campo Grande em 2004, quando a escola foi fechada no município. Em 2008 a Escola Adventista voltou a funcionar nesse município, atendendo à Educação Infantil (maternal a Pré-escolar) e em 2011, passou a oferecer o Ensino Fundamental (1º ao 9º ano). Portanto, as informações descritas nesse trabalho sobre a Escola Adventista estão baseadas na descrição feita por Oscar Mangini.

Segundo essa matéria, os trabalhos da Igreja Adventista ocorreram em 1949, em virtude da implantação da CAND. Na sede do município, os responsáveis pela implantação do trabalho Adventista foi o casal João Teixeira e Licinda Teixeira. Em 1952, a igreja comprou um imóvel na Vila Planalto, onde foi construído um prédio de madeira. Com o desenvolvimento do trabalho e querendo transferir o templo e a escola para a área central da cidade, foi adquirido outro imóvel à Rua Pará, atual Rua Melvin Jones, onde até hoje funciona o templo sede da Igreja, sendo esse inaugurado no dia 7 de março de 1958, servindo como

menor de alunos para serem instaladas, exigiam prédios escolares mais simples, não necessitando do investimento em grandes obras para a construção de uma escola-monumento, como era próprio dos grupos escolares. Tal característica, além de tornar as Escolas Reunidas um modelo econômico, possibilitava a sua instalação em qualquer localidade, permitindo rapidamente a sua expansão (SÁ, 2008, p. 11).

templo e escola primária. Essa funcionava em dois turnos, matutino e vespertino, com aproximadamente 50 alunos. Sobre a escola o Jornal de Dourados apresentou no dia 19 de abril de 1959 a seguinte informação:

A fundadora da escola foi a sta. Irene Aguirre, que lecionou até 1956, e depois a Escola continuou com D. Elza M. Renck, tendo com sua filha, a sta. Relindes, lecionado até o ano de 1958[...] A igreja tem o seguinte programa traçado: abrir Escolas Primárias na Vila Brasil e Vila Glória [...]. (JORNAL DE DOURADOS, 1959, p. 1)

Outra escola marco da História da Educação em Dourados foi o Colégio Osvaldo Cruz, que teve início no interior da Escola Joaquim Murtinho, em 1954, e além do ensino colegial, também oferecia o ensino primário, todavia não era público, cabendo aos alunos pagarem mensalidade. Rosa Fátima de Souza (2008) diz ser importante compreendermos as definições dadas às Escolas, para entendermos melhor como foi o desenvolvimento da História da Educação do Brasil. Desse modo, o Decreto-Lei 4244 de 9 de abril de 1942, estabeleceu a diferença entre Ginásio e Colégio:

Art. 5º Haverá dois tipos de estabelecimentos de ensino secundário, o ginásio e o colégio. § 1º Ginásio será o estabelecimento de ensino secundário destinado a ministrar o curso de primeiro ciclo²³. § 2º Colégio será o estabelecimento de ensino secundário destinado a dar, além do curso próprio do ginásio, os dois cursos de segundo ciclo²⁴. Não poderá o colégio eximir-se de ministrar qualquer dos cursos mencionados neste parágrafo. Art. 6º Os estabelecimentos de ensino secundário não poderão adotar outra denominação que não a de ginásio ou de colégio. Art. 7º Ginásio e colégio são denominações vedadas a estabelecimentos de ensino não destinados a dar o ensino secundário. Art. 8º Não poderá funcionar no país estabelecimento de ensino secundário que se reja por legislação estrangeira. (BRASIL, 1942)

Com a Lei de Diretrizes e Bases 5692 de 1971, os Ginásios e Colégios passaram a denominar-se Escola, sendo dividida em: Escola de 1º Grau e Escola de 2º Grau. Em Dourados até a abertura do Colégio Osvaldo Cruz, os estudantes que desejassem continuar seus estudos tinham que mudar-se para outras localidades, sobretudo para as cidades da região Sudeste. A reportagem do jornal O Progresso, em 31 de janeiro de 1954, “Em março a instalação do ginásio Osvaldo Cruz” demonstra a expectativa pela abertura da escola:

²³ O primeiro ciclo equivale hoje do 6º ao 9º ano (SOUZA, 2009).

²⁴ O segundo ciclo equivale hoje ao Ensino Médio e era dividido em curso clássico e curso científico (SOUZA, 2009).

[...] na segunda quinzena do mês de fevereiro serão procedidos os exames de admissão²⁵ ao citado estabelecimento de ensino que terá suas atividades iniciadas no mês de março do ano em curso. Transforma-se assim em doce realidade uma das maiores aspirações da população de Dourados. Promete o Ginásio Osvaldo Cruz trazer um grande desenvolvimento no setor educacional de nossa terra. Almejamos no Ginásio Osvaldo Cruz grande êxito na importante arrancada em prol de nosso povo. (O PROGRESSO, 1954, p. 1)

Em 1957, o Colégio Osvaldo Cruz passou a funcionar em novo prédio e nesse mesmo ano formou a primeira turma no ginásial (essa turma iniciou seus estudos na Escola Joaquim Murtinho) e, em 1960, ofereceu o curso Técnico em Contabilidade. A implantação do ensino colegial trouxe reformulações para a educação douradense, o que ocorreu também com a chegada da educação confessional católica. Segundo Amaral (2005), o projeto educacional católico teve início no município a partir de 1955.

Dourados pertencia juridicamente à diocese de Corumbá, que a partir de 1948 ficou sob o comando do Bispo Dom Orlando Chaves. Preocupado em expandir os trabalhos católicos no Sul de Mato Grosso o bispo, em 1954, escreveu à Irmã Antoninha Werlang, Madre Provincial das Irmãs Franciscana da Penitência e Caridade Cristo do Rio Grande do Sul (RS), pedindo que viessem Irmãs da Ordem para Dourados, a fim de trabalharem com a educação, catequese e movimentos religiosos.

A Madre Antoninha veio visitar a cidade e ficou entusiasmada em ajudar o trabalho desenvolvido pela Igreja Católica. Desse modo, no dia 9 de fevereiro de 1955, trazidas pelo avião da Força Aérea Brasileira, desceram no campo de aviação de Dourados, as Irmã Liúba Heck, Maria Rosita Mayer, Irmã Maria Alfredina Stulp, Maria Iracema Grings, Miraci Adams e Maria Leonarda Links, acompanhadas pela Madre Provincial e demais Ministras das comunidades de Santa Maria-RS, como destaca o Jornal O Progresso em 13 de fevereiro de 1955:

No dia 9 desse mês, quarta-feira passada às 13 horas, chegaram com avião especial da FAB as revidas Irmãs Franciscanas a Dourados. Fizeram ótima e rápida viagem, diretamente de Santa Maria, Rio Grande do Sul, á nossa cidade, com escala em Foz do Iguassu tendo voado por cima das célebres Sete Quedas, onde receberam indeléveis impressões daquela paisagem sem igual ao mundo inteiro. No aeroporto local, as revdas. Irmãs foram recebidas pelos padres Franciscanos, Filhas de Maria e mais paroquianos, seguindo logo para a cidade, onde o exmo Sr Celso do Amaral e distinta esposa

²⁵ Os exames de admissão ao ginásial foram vigentes de 1931 a 1971 e consistia em uma prova escrita de português, aritmética e prova oral sobre conteúdos de história do Brasil, geografia e ciências naturais. A aprovação nesse exame dava ao aluno a possibilidade de continuar seus estudos (SOUZA, 2009). Sobre o assunto ler o Decreto 19.890 de 8 de abril de 1931.

ofereceram às recém chegadas uma refeição na sua residência. (O PROGRESSO, 1955, p. 3)

No dia 1 de março de 1955, iniciaram-se as aulas na Ação Social Franciscana e Patronato de Menores (ASFPM), no prédio onde atualmente funciona a Igreja São José Operário. O número de alunos superou as expectativas, dando início ao trabalho educacional, com 300 matriculados e no final do ano contava com 485 matriculados. A diretora da escola, Madre Liúba, anunciou no Jornal O Progresso, a 13 de fevereiro de 1955, a abertura das matrículas e os cursos a serem oferecidos:

A diretora do Patronato de Menores comunica que abrirá as matrículas do instituto no dia 15 deste mês. Os interessados queiram dirigir-se ao convento das irmãs, ao lado do Patronato, onde serão atendidos das 8 as 11 horas e das 14 as 17 horas. Vão funcionar os seguintes cursos: jardim de infância, curso primário, curso da admissão, curso de bordado, corte e costura. Todos os cursos serão ministrados pelas referidas Irmãs. (O PROGRESSO, 1955, p. 4)

Por ser uma instituição confessional, ligada a Igreja Católica, tinha como ênfase uma educação voltada para valores moldados na doutrina cristã, como o amor, o respeito ao próximo, a catequese – por meio da preparação para os sacramentos de iniciação cristã – e incentivava ainda a aprendizagem de música, canto, teatro e o desenvolvimento dos dons artísticos em geral, como parte de sua proposta pedagógica confessional.

Em 1959, as irmãs franciscanas iniciaram um Curso Normal no Instituto Educacional, que funcionava no mesmo prédio do Patronato de Menores Santo Antônio. A fundadora do Curso foi a irmã Clara Thomas. O curso contava com o Normal Regional (primeiro grau) e o Normal Colegial (segundo grau). O primeiro começou a funcionar com 8 alunas matriculadas e o segundo com 6 alunas.

Um ano após a criação da escola das irmãs franciscanas (1955), foi aberta na cidade uma escola ligada à Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Ministério do Belém²⁶, chamada de Escola Assembleia de Deus. Cópias das Atas e Decretos referentes a Escola estão disponíveis para consulta na biblioteca da instituição. Segundo dados levantados na *home page*²⁷ da Assembleia de Deus-Ministério Belém de Dourados, os trabalhos dessa igreja no município tiveram início em 1936, quando Marieta Serafim veio com sua família de Pernambuco para o Mato Grosso, fixando residência no Distrito de Macaúba. Marieta se

²⁶ A Igreja Assembleia de Deus é dividida por Ministérios que correspondem ao local de sua fundação e são unidas por meio da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Essas e outras informações estão disponíveis em: <http://www.cgadb.com.br>.

²⁷ Disponível em: <http://www.assembleiadedeusedourados.com.br>. Acesso em: 25/07/2013.

identificou como membro da Assembleia de Deus, fazendo pregações em diversas residências.

Em 1949, foi enviada uma carta ao pastor Alfredo Rudizitz, responsável pela Igreja Assembleia de Deus em Campo Grande, para que viesse ao Distrito e realizasse alguns batismos. O pastor Alfredo, percebendo que Dourados era importante campo missionário enviou o evangelista Manoel Rodrigues, responsável em abrir diversos pontos de pregação e o primeiro templo da Assembleia de Deus na região de Dourados, localizado no Distrito de Macaúba.

O pastor Antonio Domingos Martins assumiu os trabalhos da Igreja Assembleia de Deus de Dourados, em 1953. E no ano seguinte, construiu o primeiro templo na sede do município, situado à Rua Albino Torraca, onde atualmente a igreja desenvolve sua Escola Teológica. Foi nesse espaço que, em 1956, a primeira professora da escola Assembleia de Deus, Iracema Nunes da Silva, iniciou as atividades educacionais. A Ata de criação da escola diz:

Aos primeiros dias do mês de agosto no ano de um mil novecentos e cinquenta e seis, às sete horas e trinta minutos foi iniciada as primeiras atividades da Escola Evangélica da Assembleia de Deus, sito à Rua Pedro Celestino, n. 316. Esta escola de propriedade particular iniciou com apenas uma classe, com a presença de quatro alunos, tendo como responsável a professora Iracema Nunes da Silva. Como abertura foi lido um trecho da Bíblia Sagrada, pela professora Iracema Nunes da Silva. Terminado a leitura e feito o comentário a respeito do assunto lido deu-se por iniciada a aula propriamente dita. As nove horas, recebi seis velhas carteiras, emprestadas do grupo escolar Joaquim Murtinho. Transcorrendo a aula normalmente deu-se por encerrada as onze horas [...] (ATA DE CRIAÇÃO DA ESCOLA ASSEMBLEIA DE DEUS, 1956, fls. 01)

O trabalho de Carlos Roberto da Mota “A trajetória da religião a educação em Dourados: Escola Estadual Pastor Daniel Berg”²⁸ dá algumas informações e indícios sobre a história dessa escola (esse trabalho está disponível para consulta na biblioteca da escola). Em 1960, a Escola foi transferida para outro prédio, que também servia como ponto de pregação, e antes das aulas ocorria estudo bíblico. Nesse período, a Igreja cedeu, sem ônus, ao Estado seu espaço para o funcionamento da escola, cabendo ao mesmo à compra do material didático, todavia a administração ainda seria da Igreja Assembleia de Deus. Em 1973, o

²⁸ Segundo informação da Coordenadora Pedagógica da Escola Pastor Daniel Berg, Marta Maria Costa esse trabalho consistiu em um projeto da Escola e do referido professor, na tentativa de escrever os primórdios da Escola em destaque.

Pastor presidente da Igreja de Dourados, Jeovah Alves da Silva (ainda em exercício) redigiu uma Ata sobre a concessão do prédio ao Estado que dizia:

1º. Por tratar-se de um prédio que serve ao mesmo tempo de Escola e Templo onde são realizados os cultos da referida igreja a mesma manterá o controle da propriedade, não fugindo de seus princípios doutrinários, ministrando às crianças o culto doméstico, sob a orientação espiritual da igreja; 2º. A cessão é feita tão somente para o uso diurno. 3º. A cessão terá o prazo de um ano. 4º. O prazo acima estipulado será prorrogado ou não de acordo com a resolução da Diretoria da Igreja mantenedora. (ATA CONCESSÃO, 1973, fls. 1)

As condições das salas não favoreciam o ensino e na década de 1970, a estrutura física da escola contava com três salas divididas com madeiras sendo: almoxarifado, secretaria, diretoria, banheiros e sala de professores. Devido a tais condições, no início da década de 1980, o então Governador Pedro Pedrossian autorizou a construção de uma nova unidade escolar, e a administração da escola passou a ser do Estado. Havia nessa época 10 professores para o atendimento das crianças.

O agente regional de educação, José Pereira Lins emitiu documento, no dia 18 de janeiro de 1982, à Secretária Estadual de Educação, Marisa Serrano, solicitando que o nome da escola fosse mudado, passando a se chamar Escola Estadual Pastor Daniel Berg. O novo nome remeteu ao fundador da igreja Assembleia de Deus no Brasil e algumas atividades da escola continuaram vinculadas a igreja, como as formaturas no final do ensino fundamental e médio. A Ata da Igreja do ano de 1982 diz:

Após consultar a liderança evangélica da Assembleia de Deus, chegamos à conclusão de que o nome a ser dado à Escola Evangélica da Assembleia de Deus, deverá ser Escola Estadual de 1º grau “Pastor Daniel Berg”, pioneiro do trabalho evangélico pentecostal no meio evangélico brasileiro (ATA DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS EM DOURADOS, 1982, fls. 1)

O Estado iniciou a construção do novo prédio, sendo em estrutura pré-moldada, para ser utilizada durante cinco anos, todavia, a mesma estrutura é utilizada até hoje. Em relação à estrutura física, o novo prédio continha 9 salas de aula, 1 secretaria, 1 cozinha, 1 sala de professores, 1 diretoria, 1 banheiro para meninos e 1 banheiro para meninas. O Decreto nº 1597, de 6 de abril de 1982, estabelecia:

Art. 1º. Fica criada a Escola Estadual de 1º grau “Pastor Daniel Berg”, com sede à Rua Wlademiro do Amaral, n. 76, no município de Dourados – MS.
Art. 2º. Compete à Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul a

colocação do pessoal docente e dos recursos necessários ao funcionamento da Escola, nos moldes do Sistema Estadual de Ensino. (MATO GROSSO, 1982, p. 1)

No dia 10 de março de 1958, houve a instalação da Escola Estadual Presidente Vargas, que inicialmente foi chamada de Ginásio Presidente Vargas. O Jornal de Dourados noticiou, no dia 16 de março de 1958, esse feito “Com a presença de altas autoridades civis, militares, eclesiásticas, o Ginásio Estadual Presidente Vargas, abriu suas portas na manhã do dia 10 passado” (JORNAL DE DOURADOS, 1958, p. 4).

O terreno para sua construção foi doado pelo professor Celso Müller do Amaral (cunhado de Weimar Gonçalves Torres), totalizando uma área de 10.000 m². Inês Velter Marques, aluna do Programa de Mestrado em Educação da UFGD, turma de 2012, desenvolveu uma pesquisa sobre essa escola, chamando a atenção para sua arquitetura, que para a época se tratava de uma construção moderna e arrojada:

O Colégio Estadual Presidente Vargas era constituído de um prisma frontal com dois pisos que se encontram com duas alas posteriores interligados por uma passarela em laje plana presa a um conjunto de pilares de seção circular que formam um pátio central. Atrás dessa passarela, um volume de caixa de água. Nas alas laterais, de um lado funciona a administração escolar e do outro, salas de aula. (MARQUES, 2013, p. 8)

Desse modo, em 1958, a escola deu início às suas atividades com quatro salas do 5º ano ginásial e 106 alunos matriculados, iniciando o 6º ano, em 1959. A partir de 1963, a escola passou a oferecer o ensino científico (atual Ensino Médio), o que contribuiu para que os alunos permanecessem em Dourados até concluírem, ao que denominamos hoje de Ensino Fundamental e Ensino Médio. De acordo com Souza (2008) o ensino científico voltava-se para o estudo das Ciências e tinha por objetivo despertar nos alunos o espírito científico.

A abertura de um Ginásio público era algo desejado não só pelos estudantes, mas pelas autoridades políticas do município. O Jornal O Progresso de 1952, na matéria “Dourados pede um Ginásio” escrito possivelmente, pelo jornalista Capilé Júnior, apresenta a indignação por Dourados não contemplar esse tipo de ensino, apontando que municípios menores, como Cáceres e Aquidauana, já contavam com o Ginásio. Capilé, em 29 de junho de 1952, assim argumenta: “Imaginem só, Dourados, febricitante de progresso, colocado em 4º lugar em população no Estado, com o seu aumento considerável de escolares nestes últimos tempos, não tem quem se preocupe com ele para dar-lhe um Ginásio” (O PROGRESSO, 1952, p. 5).

O escritor da referida matéria mostra sua indignação ao dizer que seria interessante a visita do Senador nessas terras para atestar o descaso do poder público sobre a abertura do ensino Ginásial em Dourados. Tal descaso impossibilitava muitos estudantes que não possuíam condições financeiras para dar continuidade em seus estudos em outras cidades, conforme noticiado em 29 de junho de 1952:

Desnecessário será dizer que o aprendizado em outras cidades, no momento atual, torna-se caríssimo, e, só mesmo os mais favorecidos da fortuna, em pequeno número, aliás, poderão arcar com essas despesas. Urge, em conclusão, imediata providência no sentido da criação de um Ginásio entre nós. Aos poderes públicos recorre a mocidade douradense, sendo em nome dessa mesma mocidade que dirigimos este apelo sendo esta uma das mais fortes razões do porque lutamos na imprensa, isto é a fim de que o nosso povo tenha uma vida melhor, mais digna de ser vivida. (O PROGRESSO, 1952, p. 5)

Ainda em 1952, O Progresso publicou também uma entrevista com o então prefeito Nelson de Araujo, que havia retornado de Cuiabá e anunciava melhorias para Dourados, entre as quais estava o início das aulas do Ginásio Estadual (Escola Estadual Presidente Vargas), para o ano de 1953. Por falta de prédio próprio, a estrutura do Ginásio seria instalada provisoriamente no prédio do Grupo Escolar. Entretanto, como apresentado anteriormente, o Ginásio Estadual teve início somente em 1958, seis anos após o prometido.

A Igreja Metodista também abriu escolas em Dourados, conforme indícios encontrados no Centro de Documentação Regional (CDR) da UFGD, todavia não há documentos sobre o início da Escola no município. O atual Pastor da Igreja Metodista Central de Dourados, não soube informar se há na instituição, documentos que ajudariam escrever essa História e para uma possível pesquisa seria necessário autorização do Conselho da Igreja Metodista, podendo a resposta demorar muito tempo.

Desse modo, a partir das informações no CDR, foi possível encontrar os seguintes nomes de Escolas ligadas à Metodista em Dourados: Escola Urbana Metodista, Escola Rural Mista Metodista do Varjão, essa localizada em Vila Vargas, Escolas Reunidas Metodista Laranja Lima, Escola Rural Mista Metodista do Travessão. Tal fato mostra como a História da Educação de Dourados, com destaque para as Instituições Confessionais, é um campo a ser pesquisado.

Entre a abertura da Escola Presbiteriana Erasmo Braga e da Escola Estadual Presidente Vargas (1939-1958), houve a abertura de várias escolas públicas e privadas em Dourados, cujo histórico não foram contemplados nesse trabalho, embora façam parte da história da

educação no município. Segundo matéria do jornal O Progresso “Dourados em 1955”, escrita por Oscar Mangini, em 24 de abril de 1955 havia em Dourados as seguintes escolas:

Na cidade de Dourados funcionam os seguintes estabelecimentos de ensino: Ginásio Osvaldo Cruz, Patronato de Menores, Grupo Escolar Joaquim Murtinho, Erasmo Braga, Escolas Reunidas Cabeceira Alegre, Escolas Reunidas “Oeste”, Escola Primária Adventista e Escola Municipal Duque de Caxias também conhecida pelo nome Orfanato Nhanderoga. Estudam atualmente nesses estabelecimentos 1.567 alunos. Lecionam 43 professores. Nos demais Distritos, Povoados, Colônias e Zona Rural, funcionam 54 escolas, com um total de 7.130 alunos e 125 professores. Não foi possível discriminar as Escolas, dando nomes, professores e número de alunos, em vista de já estar o presente artigo grande para o jornal. (O PROGRESSO, 1955, p. 6)

Mangini escreveu em 1 de fevereiro de 1959 no Jornal de Dourados, dando novas informações sobre a situação educacional do município:

Em 1958, funcionaram em Dourados, 2 Ginásios, o Ginásio Estadual, funcionando, também, em prédio próprio construído pelo Estado e o Ginásio Osvaldo Cruz de Dourados, funcionando também, em prédio próprio. Os dois estabelecimentos matricularam mais de 300 alunos em 1958. Quanto ao Ensino Primário, conta com 106 estabelecimentos, assim discriminados: 88 Estaduais, sendo 01 Grupo Escolar, na cidade, com uma matrícula de 320 alunos, sendo 176 do sexo masculino e 144 femininos; 6 Escolas Rurais Mistas, com uma matrícula de 5.342 alunos; 13 municipais com uma matrícula de 821 alunos e cinco particulares com uma matrícula de 721 alunos, perfazendo assim 9.504 o número de estudantes do município, com um corpo docente de 223 professores. (JORNAL DE DOURADOS, 1959, p. 2)

É preciso dizer que o número de escolas compreendia toda área da CAND, cita-se: Fátima do Sul, Vicentina, Glória de Dourados, Jateí, Deodápolis e Douradina e não apenas a sede do município, Dourados. O número total de alunos apresentado na matéria não está correto, uma vez que se tomarem para os cálculos os números apresentados por Oscar Mangini chega-se a $(300+320+5.342+821+721)$ 7.504 alunos, ou seja, há um erro de 2.000 alunos. A quantidade de escolas de ensino primário também apresenta incompatibilidade, sendo no total 112 escolas e não 106, conforme os dados apresentados no jornal.

Outros dados descritos por Oscar Magini e encontrados no jornal O Progresso de 1955, registram 8 escolas na cidade de Dourados atendidas por 43 professores, sendo mais de 5 por instituição, as demais escolas somavam 54, atendidas por 125 professores, menos de 3 por escola. O quantitativo de alunos por professor também pode ser visto nesses dados. Na

área urbana era 1.567 alunos, quase 37 alunos por docente, nas demais localidades era 7.130 alunos, sendo um professor para 57 discentes.

Nos dados apresentados em 1959, embora contenha erros, o número de professores era de 223 para atender 114 escolas, totalizando menos de 2 docentes por instituição. Os alunos somados eram de 7.504, significando quase 34 por professor. Isso mostra que o quantitativo de professores em ambos os dados apresentados por Mangini era insuficiente para atender o crescente número de estudantes e, além disso, os relatos de vida de professores, apontam que muitos trabalhavam em mais de uma escola e alguns nos períodos matutino, vespertino e noturno.

Outra questão observada em alguns jornais de Dourados sobre a educação, estava ligada a falta de escolas para atender toda a população do município e como já mencionado, principalmente com o início da CAND em 1943, houve um crescente número de famílias nessa região e entre as demandas sociais estava a questão educacional. Portanto, era preciso construir novas escolas, para atender o número de alunos.

Desse modo, até aqui foi traçado um panorama sobre o processo de povoamento do município de Dourados, abordando algumas estratégias protestantes utilizadas para firmar suas bases nessa região. O próximo capítulo analisa como a imprensa protestante foi utilizada para abrir caminhos e solidificar o trabalho protestante no Brasil. O Jornal Metodista Expositor Cristão será privilegiado no estudo, por ter sido importante meio de divulgação sobre o trabalho da Missão Evangélica Caiuá, além de apresentar impressões sobre Dourados.

CAPÍTULO II

A IMPRENSA COMO FORMA DE PROPAGAÇÃO DO EVANGELHO

A imprensa é frequentemente associada, quando não ao conflito, ao debate e propagação de ideias, sendo importante canal de amplificação e popularização de debates. Dessa maneira, a apresentação de argumentos por meio da imprensa protestante, pode ser um excelente material de análise para captar tensões no interior de uma configuração, como é o caso de uma denominação religiosa.

Nesse sentido, a pesquisa na imprensa periódica permite a apreensão de aspectos relacionados com a instituição vinculada, seus saberes e suas práticas. Desse modo, procura-se apresentar nesse capítulo a materialidade do jornal pesquisado. Para uma melhor compreensão da imprensa protestante, também foram enfocados os principais jornais de algumas denominações.

Podemos dizer que os protestantes utilizaram a imprensa como extensão do seu trabalho de evangelização, propondo-se a chegar aonde um missionário não chegaria. Além disso, foi utilizada para doutrinar os fiéis e para apresentar, sob o olhar religioso, acontecimentos relevantes em diferentes regiões brasileiras.

2.1 A criação de alguns jornais protestantes no Brasil

O estabelecimento do movimento protestante no Brasil, remonta ao dia 19 de fevereiro de 1810, quando Dom João, sobre pressão da Inglaterra, assinou dois importantes tratados, o primeiro era o Tratado de Comércio e Navegação, que em seu artigo XII dava aos ingleses liberdade para expressar sua fé, que majoritariamente era protestante, e o Tratado de Aliança e Amizade, proibindo que se instalasse no país a Inquisição, gerando maior liberdade de expressão. Segundo Mendonça:

Os tratados de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação, celebrados com a Inglaterra em 1810, criaram um impasse para a hegemonia católica, uma vez que a intolerância religiosa seria forte obstáculo à execução dos tratados, com consequentes dificuldades políticas à Coroa por causa de sua situação de dependência da Inglaterra. Assim, progressivamente, da Constituição de 1824 até a de 1891, foi sendo reduzida a hegemonia católica, e os protestantes foram conquistando o seu lugar no espaço social brasileiro. (MENDONÇA, 2008, p. 42)

Essa conquista permitiu que gradativamente os protestantes se espalhassem por todo o território brasileiro, convertendo fiéis e abrindo igrejas. É preciso considerar que a presença protestante no Brasil se deu a partir do século XVI, entretanto, a segunda metade do século XIX marcou efetivamente a chegada de um grande número de missionários, e “é certo, portanto, que os protestantes aproveitaram as oportunidades que o clima de tolerância oferecia e, no final do século XIX, já estavam praticamente implantadas no Brasil todas as denominações clássicas do protestantismo” (MENDONÇA, 2008, p. 44).

O protestantismo sempre esteve ligado à leitura, por ter na bíblia sua principal referência de fé e, por isso, sempre houve investimento na alfabetização, atividade da qual os metodistas se destacaram no Brasil. Assim, para uma melhor compreensão do Metodismo, sugerimos a leitura de Duncan Alexander Reily²⁹ (1993) James L. Kannedy³⁰ (1928) João Wesley Dornellas³¹ (s/d).

Com a chegada das escolas protestantes no Brasil, alguns grupos educacionais estavam em funcionamento, mas essas escolas eram precárias e não supriam a demanda por vagas aos mais pobres. Como o movimento protestante tem o propósito de alcançar a todos, sem distinção, as chamadas salas de escola bíblica, que eram para ensinar a palavra de Deus, com maior ênfase aos já convertidos, se transformaram em salas de alfabetização. Assim, foi necessário implantar um sistema educacional, unindo tanto a evangelização como a educação formal.

Os primeiros missionários do Brasil vieram, sobretudo, dos Estados Unidos, acostumados com o uso da Imprensa desde o século XVII. De acordo com Mendonça (2005) é possível falar em um protestantismo no Brasil e não um protestantismo brasileiro, já que o protestantismo que veio para o país nunca se identificou com a cultura brasileira e assim permaneceu com suas raízes no protestantismo norte-americano.

Os missionários sabiam, por experiência, que a tipografia era uma importante ferramenta para propagar as ideias religiosas que precisavam ser disseminadas, utilizando-a como canal de evangelização. Todavia, esses jornais denominacionais não tinham apenas a pretensão de anunciar o reino de Deus, embora fosse a sua maior missão, em suas páginas também eram encontradas questões políticas e assuntos relacionados ao modo de vida da sociedade brasileira.

²⁹ História Documental do Protestantismo no Brasil.

³⁰ Cinquenta anos de Metodismo no Brasil.

³¹ Pequena História do povo chamado Metodista.

Os relatos de alguns missionários expressavam a pretensão de superioridade norte-americana sobre a cultura do Brasil, fato esse que justificava a “ajuda” protestante ao povo brasileiro. Podemos observar essa intenção nos relatos da missionária Metodista Martha Watts, que durante sua estada no Brasil, enviou diversas cartas para a Sociedade Missionária de Mulheres Metodistas nos Estados Unidos. Em uma delas Martha descreve um pouco da cultura brasileira, informando aos seus compatriotas que ao contrário do que pensavam aqui não se comia comida crua e continuou dizendo:

Nossa cozinheira parece saber preparar todos os pratos brasileiros e está evidentemente ansiosa em nos agradar; entretanto outro dia, quando lhe declaramos que gostaríamos que o assoalho fosse esfregado, ela disse que não sabia como. Disto nós inferimos que os brasileiros preocupam-se mais com o conforto interno do que com o externo. Eu ainda não posso escrever muito sobre o povo, pois ainda não os conheço muito bem enquanto povo. Dizem que as casas são sujas, assim como suas relações de negócios, mas não temos testemunhado nada disso. (WATTS, 1881 apud MESQUITA, 2001, p. 24)

Nesse sentido, a influência do protestantismo no Brasil é significativa por trazer uma nova concepção sobre a evangelização, sendo a imprensa e a educação, utilizadas como meio de evangelizar e civilizar. As missões protestantes deram um sentido ideológico para o projeto liberal norte-americano no Brasil, utilizando para isso as escolas, que eram um meio de penetração nas diferentes camadas da população.

Dessa forma, o pensamento protestante se apresentou no Brasil, representando uma renovação ideológica depois de trezentos anos de influência católica no país. Com a vinda das missões protestantes, divulgou-se não só o pensamento, mas o estilo de vida, a visão de mundo, a postura ética e os hábitos de trabalho de uma cultura que se alicerçava no trabalho missionário. Nas palavras de Vasconcelos (2010):

Com o advento da missionação³² protestante no Brasil, em meados do século XIX, os missionários dedicaram-se a dar publicidade às suas ideias por meio da imprensa. Ainda neste período, dão início a própria editoração, publicando jornais, folhetos e livros confessionais, que consistia numa forma mais ampla de propagar a fé protestante, por ter alcance geográfico que ia além da presença dos missionários e pregadores, como denotam os vários relatos entusiasmados dos missionários sobre a distribuição de textos impressos, utilizados como forma de divulgação da nova fé. (VASCONCELOS, 2010, p. 16)

³² Refere-se ao ato de evangelizar, missionar. “Ao longo do tempo, o verbo *missionar* tem sido comumente associado à expansão do cristianismo pelos continentes. Assim, o missionário pode ser definido como o sujeito que, aceitando um chamado divino, decide abandonar todas as coisas e dedicar-se ao cumprimento da vontade soberana de Deus em expandir, das mais variadas formas, a fé cristã.” (GONÇALVES, 2011, p. 31)

Para Gonçalves (2011) o teor da mensagem religiosa pregada no Brasil pelos protestantes do século XIX estava baseada no modelo norte-americano que buscava convencer os ouvintes de uma alternativa religiosa “verdadeira”. A essência dessa mensagem estava presente nos jornais, pois os seus escritos buscavam veicular algo em reforço a sua fé, com objetivos doutrinários, havendo inclusive a omissão de fatos que pudessem ferir os ensinamentos religiosos.

A imprensa protestante e também em alguns momentos a imprensa secular, entendida nesse estudo como àquela não ligada a nenhuma denominação, apresentaram evidências de terem servido como veículos de disputas religiosas. Os protestantes utilizavam os jornais não só para realizar seu trabalho de evangelização, mas também para confrontar a Igreja Católica, em busca de mais espaço junto à sociedade brasileira. É importante destacar que embora fosse liberado o culto religioso no país, a efetivação disso não se deu de forma tranquila.

Uma figura importante entre os protestantes foi Robert Reid Kalley, médico escocês que chegou no Rio de Janeiro em 1855. Robert Kalley percebeu na imprensa um importante espaço para pregar os ensinamentos protestantes no Brasil e, por isso, utilizou vários pseudônimos para publicar matérias sobre temas religiosos nos jornais *Correio Mercantil*³³ e *Jornal do Comércio*³⁴, ambos do Rio de Janeiro.

Kalley, antes de estar no Brasil, foi missionário na Ilha da Madeira e após perseguição por parte da Igreja Católica, voltou para a Grã-Bretanha, onde recebeu o convite de um membro da Sociedade Bíblica Americana para vir ao Brasil, considerado país propício para a pregação do evangelho. Desse modo, atraído pela possibilidade de salvar as almas perdidas³⁵, veio com sua esposa, Sara P. Kalley, iniciar seu trabalho missionário. Esses missionários não estavam ligados a nenhuma missão, sendo assim, não representavam nenhuma Igreja. A pregação de Kalley baseava-se no amor de Deus e no seu amor por todos os homens que, embora pecadores, poderiam ser salvos.

Uma das marcas do seu trabalho foi editar e distribuir impressos protestantes. Kalley foi o responsável por traduzir *O Peregrino*³⁶, de John Bunyan, publicando-o em capítulos no

³³ Exemplares desse jornal estão na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <WWW.hemerotecadigital.bn.br>.

³⁴ É considerado o mais antigo jornal em circulação da América Latina, sendo criado por Pierre Plancher em 1827. Outras informações sobre o jornal podem ser encontradas no site: <www.jcom.com.br>.

³⁵ Para os missionários uma pessoa que andava na prática do pecado, ou que não tinha Jesus como salvador, era considerada alvo para a pregação do evangelho. Ao confessar a fé protestante era denominado de “convertido”. Outros adjetivos também são utilizados para se referir a um convertido como: protestante, crente, evangélico.

³⁶ Esse livro foi publicado em 1678 na Inglaterra, e faz alusão a vida cristã. Só perde para a bíblia em número de vendas.

jornal Correio Mercantil. Micheline Vasconcelos em sua tese “As Boas novas pela Imprensa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837 – 1930)”, afirma que esse missionário publicava constantemente artigos sobre temas religiosos e apresentar nos folhetins livros traduzidos por ele. Micheline diz que “[...] sendo Kalley um dos pioneiros e, portanto, havendo um número muito reduzido de pregadores, atribuía à palavra imprensa a potencialidade de alcance muito maior que a pregação pessoal, num país de dimensões continentais” (VASCONCELOS, 2010, p. 34).

Antonio Gouvêa Mendonça (2008) chama a atenção para duas personalidades que foram de grande importância, tanto para a história do protestantismo, quanto para a história da imprensa protestante. O primeiro foi o pioneiro do presbiterianismo no Brasil, o missionário Ashbel Green Simonton, que durante os seus sermões buscava não atacar diretamente a Igreja Católica, dizendo aos seus fiéis que a religião da sociedade brasileira não dava segurança, uma vez que não estava alicerçada nos fundamentos da fé e, sim, sobre costumes.

Argumentava ainda que, uma religião que não dava segurança, de nada servia e a melhor religião era aquela que dava acesso à salvação e estava ao alcance de todos. Para ele o Catolicismo era “Uma religião cristã só de nome, distante das suas origens, mitológica, mais propícia aos ricos, contraditória, mantida por um cerimonial externo, responsável por boa parte da irreligiosidade reinante na sociedade [...]” (MENDONÇA, 2008, p. 126).

No dia 5 de novembro 1864, Ashbel Green Simonton fundou o primeiro jornal protestante do Brasil chamado de Imprensa Evangélica³⁷, tendo como editores o próprio Ashbel e Alexander Latimer Blackford, com contribuições de José Manoel da Conceição e de Robert Reid Kalley. Simonton e Blackford foram também responsáveis pelo início do presbiterianismo no Rio de Janeiro e em São Paulo.

³⁷ O jornal pode ser encontrado na forma digital na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <www.hemerotecadigital.bn.br>.

Figura 4 – Recorte da capa da primeira edição do Jornal Imprensa Evangelica, de 05 de novembro 1864



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <www.hemerotecadigital.bn.br>. Acesso em: 12 jun. 2013.

O objetivo era que o jornal funcionasse semanalmente, contudo, tornou-se quinzenal sendo numerado para que o leitor unisse os exemplares, formando um livro religioso. Em sua primeira edição, em 5 de novembro de 1868, passou a se chamar Imprensa Evangelica e apresentou como seria seu funcionamento e os seus objetivos:

Sahirá semanalmente um numero de 8 paginas que, além dos artigos de fundo, conterá um noticiário universal de interesse puramente evangélico. Com o progresso de nossa Igreja, iremos dando à nossa folha o desenvolvimento que lhe convêm, por publicações variadas, que sem se afastarem de seu principal objecto, lhe procurarão o attractivo da novidade nas fórmas. (IMPrensa EVANGELICA, 1864, p. 1)

É importante destacar que o jornal Imprensa Evangélica deu visibilidade ao movimento evangélico que ocorria no país, que buscava combater o monopólio religioso do Catolicismo. Assim, o pensamento protestante saía da “clandestinidade” e assumia um lugar de notoriedade, obviamente com ressalvas, uma vez que embora houvesse liberdade religiosa, somente a Igreja oficial poderia realizar culto externo com ajuntamentos de pessoas, aos

protestantes caberia o culto doméstico. Em contra partida, a Igreja Católica fundou vários jornais, tentando combater a expansão protestante e “desmentindo” os ataques sofridos.

O jornal *Imprensa Evangélica* também serviu para atingir a elite brasileira, uma vez direcionou seu foco de atuação para um público letrado, que correspondia naquele momento aos mais ricos. Uma estratégia dos missionários que publicavam o jornal foi incentivar o culto doméstico, buscando fortalecer os novos convertidos e expandir a fé protestante. Esse tipo de culto foi importante para suprir a ausência dos ministros presbiterianos que não eram suficientes para atender àqueles que se convertiam, o que ressaltava a necessidade de circulação do jornal:

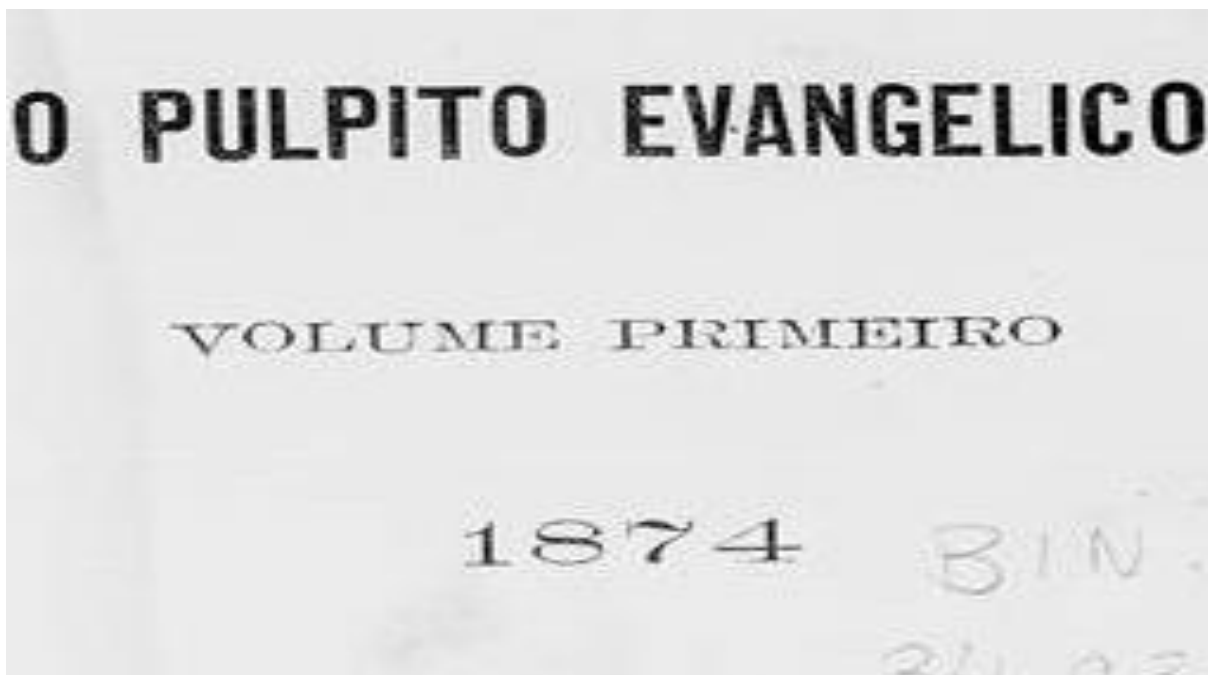
Numa época em que havia poucos pregadores, principalmente no interior, o periódico instruí, edificava e incentivava as pequenas comunidades. Era comum, em muitos lugares isolados, o dirigente leigo ler para a congregação os sermões e estudos da *Imprensa* durante as reuniões. (MATOS, 2007, p. 46)

Emanuel Vanorden, missionário holandês, fundou o jornal *O Púlpito Evangélico*³⁸, também ligado à Igreja Presbiteriana do Brasil. Esse jornal teve apenas 24 números, funcionando de 1874 a 1875. Vanorden tempos depois iniciou no Rio Grande do Sul o jornal “*Pregador Cristão*”, com duração de dez anos.

O Púlpito Evangélico parecia muito mais um livro do que jornal, pois apresentava capa, índice e sermões pregados por pastores presbiterianos. A contribuição do missionário Vanorden para a imprensa protestante foi ousada, por criar diversos periódicos, inclusive um específico para as crianças – o *Aurora*. Esse missionário, no Rio Grande do Sul, fundou uma tipografia exclusivamente protestante.

³⁸ Edições do jornal *O Púlpito Evangélico* podem ser encontradas na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <www.hemerotecadigital.bn.br>.

Figura 5 – Recorte da capa da primeira edição do jornal O Púlpito Evangélico, em 1874



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <www.hemerotecadigital.bn.br>. Acesso em: 13 jun. 2013.

De acordo com Matos (2007), o Reverendo Edward Lane, em 1888, fundou um periódico também chamado de O Púlpito Evangélico, com circulação até 1900, sendo o primeiro jornal da Missão Nashville, publicando sermões, apontamentos históricos e notícias sobre as igrejas protestantes. A partir de 1901, passou a chamar-se O Presbiteriano, tendo como editora a Comissão Sinodal de Publicações, seu redator foi o Reverendo Horace S. Allyn.

Os presbiterianos ainda fundaram outros jornais, com destaque para “O Evangelista”, periódico fundado pelo Reverendo John Boyle na vila de Bagagem-MG, com circulação de janeiro de 1889 a abril de 1893, com evidência para os textos de polêmica religiosa. Outro jornal ligado à Igreja Presbiteriana do Brasil foi “Salvação de Graça” sendo o primeiro jornal evangélico do Nordeste, de responsabilidade do Reverendo John Rockwell Smith, com impressão em Lisboa-PT e publicado em Recife-PE, a partir de outubro de 1875. Esse jornal somente trazia matérias doutrinárias, possível causa da sua curta circulação, apenas um ano.

No dia 10 de janeiro de 1901, a Igreja Batista fundou seu jornal O Jornal Batista³⁹, sendo o missionário Willian Edwin Entzminger seu redator e gerente, também responsável por criar a Casa Editora Batista, sendo escolhido para ser editor do jornal e diretor da Casa

³⁹ Todos os exemplares desse jornal estão disponíveis para visualização e *download* no site do Portal Batista: <<http://www.batistas.com>>.

Publicadora, devido ser grande erudito teológico e estudioso da Língua Portuguesa. Esse missionário nasceu em 1959, na Carolina do Sul (EUA) e trabalhou como missionário na Bahia em 1891. Morreu em 1930 em Petrópolis, Rio de Janeiro.

Assim como os demais jornais, O Jornal Batista, tinha a intenção de anunciar a mensagem de Cristo e, além disso, informar sobre o que estava acontecendo no mundo. Era publicado nos dias 10, 20 e 30 de cada mês, no Rio de Janeiro, contendo quatro páginas e, de acordo com informações do próprio jornal, tinha representantes para assinaturas nos Estados de: São Paulo, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Pará e Amazonas.

Figura 6 – Recorte da capa da primeira edição de O Jornal Batista, em 1901



Fonte: Portal Batista. Disponível em: <<http://www.batistas.com>>. Acesso em: 14 jun. 2013.

Em sua primeira edição este jornal fez diversas saudações. Primeiramente, à nação brasileira, depois à imprensa protestante dizendo que era do seu desejo manter com ela um relacionamento cordial e amistoso com todos os crentes, atribuindo a eles o papel de salvar a nação brasileira e, por fim, aos batistas a quem representava. Sobre a escolha do nome, o jornal dizia que a imprensa evangélica, ligada a uma denominação, tinha o dever de anunciar abertamente o seu caráter denominacional. Sobre possíveis desconfortos gerados pelo nome, em 10 de janeiro de 1901, O Jornal Batista apresentou:

O nosso título só pode offender aos nossos leitores que nos não conheçam; e estes infelizmente não são em grande numero pois é digno de lastima que os haja que tão industriosamente propalam a nosso respeito ideias tão injustas quão mesquinhas. Querem que baptista e água sejam termos synonymos; e até nos catálogos de certos compiladores baratos, figuramos como “os marinheiros do Senhor” representando-nos como um povo tão apaixonado

pelas águas turvas do mergulho que não aspiramos outras coisa se não arrastar gente para essas águas. (O JORNAL BATISTA, 1901, p. 2)

A particularidade desse jornal estava em ter em suas páginas uma fundamentação que levasse seus leitores, sobretudo os fiéis batistas, uma maior argumentação sobre possíveis questionamentos da fé protestante, era também, lugar de debates de questões presentes na sociedade brasileira. Atuava ainda contra a depravação dos fiéis e dos novos convertidos, já que era preciso que tanto um quanto o outro tivessem convicção da sua fé para estarem a serviço do trabalho evangelizador proposto pela igreja.

Mas O Jornal Batista não foi o primeiro jornal da denominação Batista, pois em 1885, teve circulação “O Cristão Batista”, editado no Rio de Janeiro, porém teve pequena repercussão. Em sua tese, Anna Lúcia Collyer Adamovicz “A Imprensa Protestante na Primeira República: Evangelismo, informação e produção cultural. O Jornal Batista (1901 – 1922)”, argumenta sobre:

A distribuição de bíblias e folhetos de evangelização, a tradução de obras clássicas do Protestantismo para o português e a publicação de periódicos estiveram entre as atividades exercidas com maior regularidade e empenho pelos missionários batistas, no período pioneiro. A imprensa Batista, desde os primeiros anos da sua atuação, desempenhou papel relevante no processo de desenvolvimento das Missões Protestantes em território nacional. (ADAMOVICZ, 2008, p. 65)

Ainda segundo Adamovicz (2008), embora esse jornal tenha sido idealizado por missionários estrangeiros, sempre contou com a contribuição de evangélicos brasileiros e de outros grupos denominacionais. Todavia, houve oposição por parte de alguns, que acreditavam ser o jornal um porta-voz do americanismo, sendo chamado de “Jornal Americano”. Essa acusação era contestada pelo jornal que, segundo suas declarações, estava empenhado em contribuir para o crescimento do protestantismo no Brasil, e suas páginas estavam prontas para dar informações sobre as outras missões instaladas no país, conforme expõe Adamovicz (2008):

O projeto de criação de um Jornal de alcance nacional objetivava que este veículo funcionasse como um espaço de edificação dos evangélicos novos-convertidos (procurando lhes proporcionar uma boa formação teológica) e de evangelização dos adeptos de outras religiões; que promovesse integração das congregações batistas afastadas dos grandes centros (de forma mais dinâmica do que as visitas dos missionários dificultadas pelas grandes distâncias); que divulgasse notícias referentes às questões administrativas e às decisões ministeriais; e que informasse os seus leitores sobre os planos de

expansão e de cooperação interna e interdenominacional. (ADAMOVICZ, 2008, p. 72)

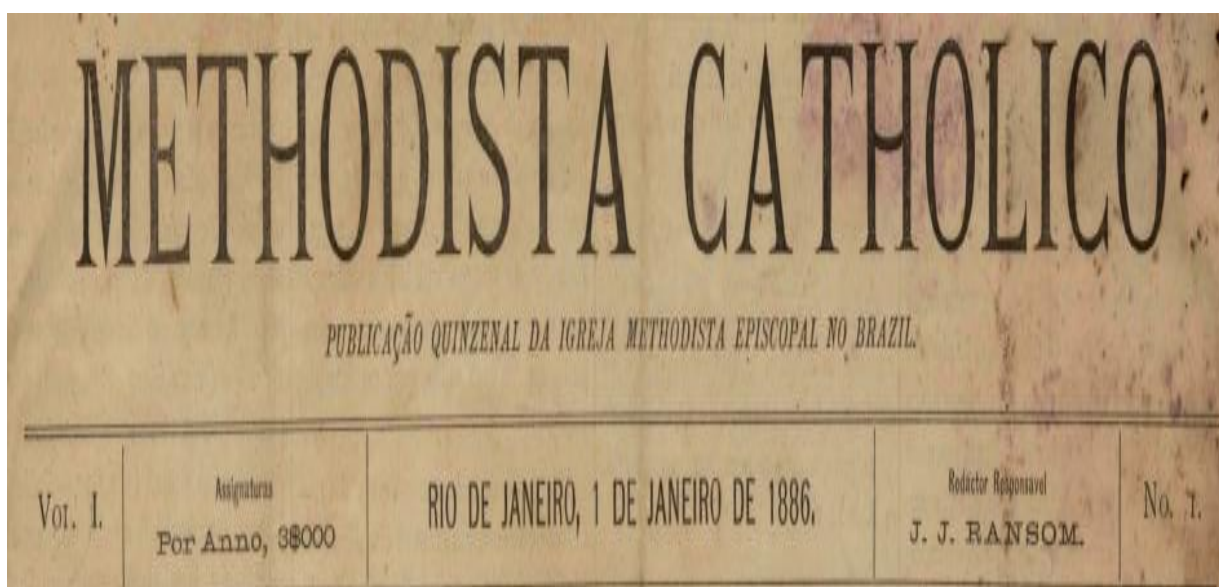
Não há como negar que a imprensa protestante se desenvolveu de forma rápida e procurou estar em diversas partes do país, na busca por conversões ao protestantismo, além disso, refletiu as ideias das diversas denominações americanas que chegaram ao Brasil e queriam estabelecer seus pilares no país, na tentativa de criarem características nacionais. Embora houvesse o desenvolvimento da imprensa protestante, cada denominação seguiu a sua orientação, não podendo assim dizer que foi apenas um modelo de imprensa.

A Igreja Metodista também utilizou a imprensa para propagar suas doutrinas e combater a Igreja Católica Romana, além de converter almas e mostrar aos brasileiros como era o modo de vida dos protestantes. O próximo subitem apresenta o jornal Metodista Expositor Cristão, o que permite conhecer melhor essa denominação por meio das páginas desse periódico.

2.2 Imprensa Metodista: o jornal Expositor Cristão

No dia 1º de janeiro de 1886, a Igreja Metodista fundou seu jornal, com o nome Methodista Catholico, sendo idealizado pelo primeiro missionário oficial, John James Ransom, enviado pela Igreja Metodista Episcopal do Sul, dos Estados Unidos.

Figura 7 – Recorte da capa do Jornal Methodista Catholico, de 1 de janeiro de 1886



Fonte: Expositor Cristão, 1 jan. 1886.

Até o início da década de 1990, (mais de 100 anos) foi o principal meio de comunicação Metodista, progressivamente foi perdendo espaço para os jornais regionais da referida denominação. O jornal *Expositor Cristão* é hoje o jornal evangélico com maior tempo de circulação, sendo ainda o órgão de imprensa oficial da Igreja Metodista. Atualmente, é publicado mensalmente e está disponível para *download*⁴⁰, a partir de 2006. Em seu primeiro número, a 1 de janeiro de 1886, anunciou que estaria à disposição das igrejas evangélicas, bem como apresentando os acontecimentos sociais do Brasil e do mundo:

A Redação do Methodista Catholico julga ser do seu dever explicar o seu programma. Sendo esta folha órgão da Igreja Methodista Episcopal no Brazil, portanto o nome Methodista: abraçando a religião christã em toda a sua plenitude, e fraternizando com todos que creem em Deus e amam a Nosso Senhor Jesus Christo, portanto o termo Catholico. Nosso programma é simplicissimo. Todos os numeros terão as competentes Lições Internacionaes para as Escolas Dominicaes; um ou mais "artigos doutrinarios; e o melhor que podemos colher dos jornaes brasileiros sobre as grandes questões do dia, tanto religiosas como moraes e sociologicas. Pedimos de todas as Igrejas Evangelicas noticias suas para que o publico fique sciente do progresso do Evangelho. Desejamos fazer uma folha que sirva de leitura agradável a todos, e que sirva para instruir os fracos e principiantes no caminho da salvação. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1886, p. 1)

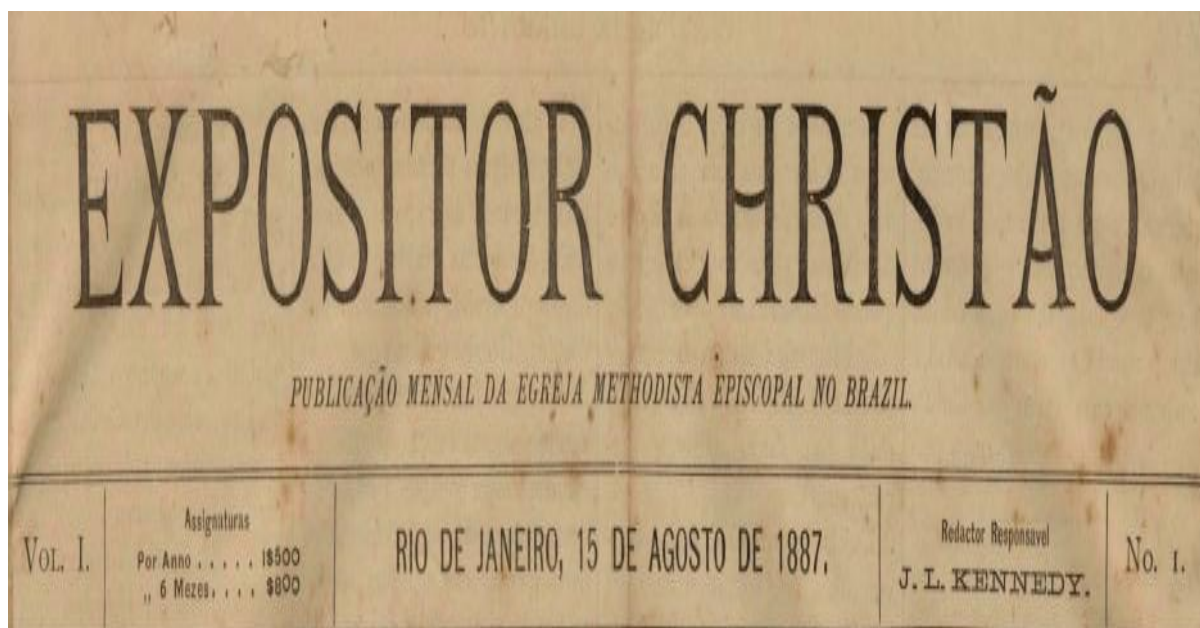
Em 1887, devido à polêmica que o nome *Methodista Catholico* causava, o jornal passou a ser chamado de *Expositor Christão* e em 1938 passou a ser grafado como *Expositor Cristão*, sendo essa forma adotada em todo o trabalho. O primeiro nome não agradava aos protestantes que não aceitavam qualquer aproximação com o catolicismo, bem como aos católicos que não aceitavam tal associação. Dessa maneira, no dia 15 de agosto de 1887, sob direção do missionário James L. Kennedy o jornal apresentou:

O Methodista Catholico acabou-se. Em seo lugar surge o Expositor Christão, que será agora o organ da Egreja Methodista Episcopal do Sul no Brazil. A Conferencia Annual da dita egreja reuniu-se nos dias 14 a 18 do mez passado e resolveu: 1º - reduzir um pouco o tamanho da sua folha; 2º - faze-la mensal em lugar de quinzenal (EXPOSITOR CRISTÃO, 1887, p. 1).

Na figura abaixo encontra-se a capa do jornal *Metodista* já com o nome de *Expositor Cristão*:

⁴⁰ Igreja Metodista Portal Nacional. Disponível em: < <http://www.metodista.org.br/expositor-cristao>>. Acesso em: 29 jul. 2013

Figura 8 – Recorte da capa do Jornal Expositor Christão, em 15 de agosto de 1887



Fonte: Expositor Cristão, 15 ago. 1887

Suzel Magalhães Tunes em sua dissertação “O pregador silencioso: Ecumenismo no Jornal Expositor Cristão (1886 a 1982)”, apresentou que a mudança do nome, de Methodista Catholico para Expositor Cristão, se deu pela confusão que o nome causava, entretanto, o termo católico utilizado no jornal não se referia à Igreja Católica, mas denominava-se à universalidade:

É interessante acompanhar, por exemplo, o tratamento que a palavra “católico” recebe com o decorrer dos anos nos artigos publicados pelo jornal metodista. Mesmo depois do nome Metodista Católico ser substituído por Expositor Cristão, ainda se tentou preservar o uso da palavra em seu significado originário – “universal”. Em 1910, o Expositor reproduz artigo publicado no jornal O Estandarte Christão, em 1903, que discorre sobre “o uso errôneo da palavra Catholica”. O autor, o Rev. J. G. Meem, explica o significado e a origem grega do termo e lamenta que os evangélicos tenham “consentido” com sua apropriação pela “igreja dos papas”. (TUNES, 2009, p. 42)

No total foram publicadas 24 edições com o nome Methodista Catholico, entre 1 de janeiro de 1886 a 20 de julho de 1887. A partir da mudança de nome a contagem das edições não seguiu a numeração anterior, iniciando assim com o número 1. Em 1888, o aniversário do jornal foi comemorado no mês de agosto e não em janeiro, o que nos permite deduzir que houve uma preocupação por parte da Igreja Metodista de não considerar as publicações do Metodista Católico. Isso mudou posteriormente e nos anos dessa pesquisa (1925-1946), as

comemorações foram realizadas no mês de janeiro e faziam menção ao antigo nome do jornal. Sobre a criação do jornal o missionário Kannedy escreveu:

No dia de Anno Bom, na cidade do Rio de Janeiro, fundou-se o jornal religioso intitulado "Methodista Catholico", o qual foi o principio do jornalismo methodista no Brasil (e bom principio o foi!) continuando com esse nome até o dia 20 de Julho de 1887, quando, pelo consenso dos collegas e de alguns leigos, foi mudado para "Expositor Christão", nome que é conservado até hoje, e de certo jamais se mudará, embora certos collegas proeminentes tenham opinado pelo simples nome de "Expositor". Era de formato bem maior do que o actual Expositor Christão, porém trazia pouco menos leitura, por ter menor numero de páginas. O fundador do Methodista Catholico foi o mui illustre e denodado missionario Rev. J. Ransom, cuja penna habil e, ás vezes, cortante, era temida pelos seus adversários. (KENNEDY, 1928, p. 38)

Por falta de registro não há como afirmar se havia assinantes em Dourados, mas é possível considerar que pela presença do Missionário Nelson de Araujo alguns exemplares eram enviados para a Missão Caiuá, possivelmente via correio, já que o município contava com uma agência. Durante a pesquisa, não tivemos acesso ao arquivo da Igreja Metodista de Dourados, uma vez que esta denominação não permite consultas para pesquisas acadêmicas ao seu arquivo, impossibilitando que estas e outras dúvidas surgidas fossem, porventura, esclarecidas.

Assim, o termo católico continuou a ser utilizado no Expositor no sentido de universal, e as matérias ao mencionarem a Igreja Católica utilizavam a denominação “Igreja Romana”, deixando explícito que uma das suas principais funções sempre foi combater o Catolicismo. Os redatores Edmund Tilly e Antonio Cardoso da Fonseca, ao assumirem a redação do jornal, em 20 de agosto de 1898, apresentaram o programa do folhetim: “Ante-Romanista, segundo os nossos artigos de fé. Não queremos, nem aspiramos alcançar uma reforma em Roma, mas sim combater as doutrinas errôneas, que estão em opposição a Palavra de Deus, - as Sagradas Escripturas” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1898, p. 1).

Na citação acima observamos que para os protestantes as doutrinas católicas não se baseavam na bíblia e a eles cabiam a função de pregar o verdadeiro evangelho. A Igreja Católica não ficou inerte aos ataques sofridos e também utilizou a imprensa para sua defesa. Sobre esse embate Vasconcelos (2010) faz o levantamento dos possíveis motivos que acarretavam as brigas e afirma:

Os conflitos impressos entre protestantes e católicos ultrapassaram, aliás, a imprensa confessional, estendendo-se à secular. Nesta, surgiram partidários de ambos os lados, envolvendo jornalistas e políticos. O uso dos impressos

pelos grupos confessionais nestas polêmicas apontam para o papel da imprensa em dar visibilidade a interpretações, argumentos, comportamentos, sujeitos e experiências consideradas válidas, sendo, portanto uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. (VASCONCELOS, 2010, p. 59)

Para entender determinados posicionamentos do Expositor Cristão o conhecimento de alguns missionários que estiveram como redatores ou colaboradores se faz importante. Os redatores eram fundamentais para atacar ou responder aos ataques sofridos, além disso, imprimiam ao periódico suas marcas. De acordo com Carlos Eduardo Oliveira:

[...] o redator agrupava funções que iam desde a organização formal do jornal até a definição do conteúdo por ele propalado. Ao escrever a maior parte dos artigos e determinar o formato do periódico, acabava personificando-o e funcionando como seu porta-voz principal, de modo que o debate travado na imprensa da época configurava-se menos institucional, isto é, entre diferentes jornais, do que numa discussão estabelecida entre redatores. (OLIVEIRA, 2010, p. 6)

Os colaboradores ajudavam o redator e não tinham uma “ligação” oficial com o jornal para o qual escrevia. A redação do Expositor Cristão contava com o auxílio de diversos colaboradores, sendo esses ligados a Igreja Metodista. Sobre os colaboradores Oliveira (2010) faz uma importante consideração:

Categoria equívoca para os próprios coevos, o colaborador amalgamava características do redator e do correspondente, visto que seus textos, quando publicados, apareciam frequentemente como artigo principal do periódico e, ao mesmo tempo, podiam conter a indicação de que haviam sido enviados por alguém. Pouco estudada pela bibliografia referente ao tema, talvez em função da sua condição quase sempre circunstancial e anônima, a figura do colaborador era vital para a manutenção de uma folha, já que a maior parte dos redatores desempenhava outras funções fora da tipografia, e necessitava de auxiliares, mesmo que temporários, que dessem sustentação ao periódico. (OLIVEIRA, 2010, p. 7)

A partir da análise do Expositor Cristão é possível dizer que os redatores e grande parte dos colaboradores eram pastores ou missionários Metodistas, ou seja, suas matérias tinham um caráter doutrinário. Desse modo, a presença desses líderes e sua reverência ao Metodismo está muito presente no periódico. Como o jornal estava sob direção da Igreja e a representava, muitos redatores e colaboradores viam em seu trabalho o cumprimento ou parte do seu ministério.

O fundador do Expositor Cristão e primeiro redator James Ransom, merece algumas considerações e seu trabalho, no jornal, ajuda a pensar algumas opiniões do periódico, sobretudo, em seus primeiros anos de circulação. Uma das características concernentes ao Reverendo Ransom, descrita pelo Rev. Kennedy (1928), era a boa mobilidade com as palavras, sendo ela temida por seus adversários.

Tal qualidade é um indício que o Expositor trazia em suas matérias assuntos que causavam polêmica em toda a sociedade, com destaque para os ataques contra a Igreja Católica que geravam debates acalorados e, além disso, respondia sem cerimônias, aos ataques sofridos. Ransom esteve à frente do jornal durante 14 edições, passando depois para o Reverendo Kennedy.

James Ransom desembarcou no Rio de Janeiro, à época capital do Brasil, em 2 de fevereiro de 1876, e embora tivesse a pretensão de fortalecer o trabalho Metodista na Capital, em 1877, foi até o Rio Grande do Sul e junto com João da Costa Correia estabeleceu uma missão Metodista, ficando esse responsável por dirigir o novo trabalho em terras gaúchas.

Ao reingressar para o Rio de Janeiro em 1878, Ransom, deu início a Igreja Metodista, sendo o trabalho criticado pelos padres católicos. Todavia, em pouco tempo a obra Metodista foi se ampliando e ganhando fiéis brasileiros, entre os quais o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque e sua esposa D. Senhorita Francisco de Albuquerque. Sobre isso Reily (2003) apresenta que:

Ransom determinou que a sede da Missão Metodista fosse o Rio de Janeiro onde, em janeiro de 1878, ele iniciou a pregação em inglês e português. A data da organização da primeira igreja é desconhecida, mas segundo o relato de Ransom já havia “dezenove membros, ingleses e brasileiros” no final daquele ano. No segundo domingo de novembro de 1878, Ransom recebeu o ex-sacerdote católico romano Antônio Teixeira d’Albuquerque sem rebatizá-lo. (REILY, 2003, p. 107)

A conversão do padre ao protestantismo deu fôlego não somente aos Metodistas, mas às demais denominações evangélicas que utilizaram sua figura para combater a hegemonia da Igreja Católica Romana. Por diversas vezes o ex-padre proferiu pregações que atacavam o Catolicismo e tinha por objetivo mostrar como essa religião estava errada se comparada ao protestantismo. Albuquerque, pouco tempo depois se mudou para Santa Bárbara-SP e lá ficou como membro da Igreja Batista, mas nunca deixou de atacar sua antiga religião.

Em 1880, Ransom foi para os Estados Unidos, sendo um dos seus objetivos levantar recursos financeiros e humanos para o trabalho missionário no Brasil. Em terras americanas

participou de diversas conferências e, segundo José Gonçalves Salvador (1982), apresentou nessas reuniões como a Missão Metodista estava caminhado e os desafios a serem enfrentados, o que chamou à atenção dos metodistas que agiram de forma prática, entre as ações “[...]decidiram pagar o sustento dos missionários que fossem para o Brasil. O mesmo resolveu a Sociedade Missionária de Senhoras quanto à professora que atendesse ao apelo. Também, reuniram-se fundos para a obra em Piracicaba e Rio de Janeiro” (SALVADOR, 1982, p. 66).

Entre os missionários que aceitaram o apelo estavam os dois jovens pastores James L. Kennedy e James W. Koger e Martha Hile Watts. Esses missionários tiveram grande influência na história do Metodismo no Brasil, com destaque para Kennedy que esteve à frente do jornal Expositor Cristão por muitos anos e para Martha Watts que fundou o Colégio Piracicabano, em 1881, sendo esse a base para a criação da UNIMEP. Sobre a viagem de Ransom aos Estados Unidos, James Kennedy escreveu:

Pode-se dizer que esta excursão do Rev. Ransom, nos Estados Unidos, foi a chave de ouro com que elle fechou o seu primeiro lustro de trabalhos em prol da Missão Brasileira. Os resultados desta excursão foram immediatos e muito benéficos para a nossa querida igreja brasileira, como veremos. Em primeiro lugar, essa viagem aos Estados Unidos serviu de descanso para o seu physico e de refrigerio para a sua alma. Em segundo lugar, trouxe novas forças para a Missão, pois, no dia 26 de Março de 1881, em sua companhia, partiram de Nova York, via Europa, tendo por destino o nosso caro Brasil, os seguintes missionários: Rev. J. W. Koger, esposa e filhinho, e a propecta educadora Miss Martha Watts e o Rev. J. L. Kennedy, que ainda era solteiro. (KENNEDY, 1928, p. 18)

É certo dizer que Ransom marcou a história do protestantismo do Brasil e com maior profundidade a história do Metodismo, sendo desligado da Missão Brasileira em 1886, quando retornou definitivamente para os Estados Unidos. Sua atuação é conhecida como “Missão Ransom”, responsável por consolidar o trabalho Metodista em terras brasileiras. Sobre a saída de Ransom da Missão, Kennedy escreveu em seu livro:

Sempre foi lastimada a sua retirada do Brasil, mas o que nós perdemos outros ganharam e é de crer que as nessas autoridades que determinaram a sua volta para o campo do Norte (EUA), resolveram tudo no temor do nosso Divino Mestre. O que é certo é que o Dr. Ransom nunca per deu o amor para com o trabalho do Senhor no Brasil, e mostra sempre interesse por elle. Tambem é certo que os que ficaram para traz, nunca deixaram de lastimar a combinação de circunstancias que o impelliram para lá. Ainda é igualmente certo que a Igreja Methodista Brasileira, na sua totalidade, bem como os crentes de outras igrejas irmãs, receberiam de braços abertos e com

verdadeiro entusiasmo, o fundador do Methodismo entre os brasileiros, ha meio seculo justo! (KENNEDY, 1928, p. 23)

Uma consideração importante é que as visitas do missionário Ransom aos Estados Unidos foram uma prática comum entre os missionários americanos que trabalhavam no Brasil, que visavam dois objetivos principais. O primeiro consistia em levantar recursos financeiros e o segundo era descansar, já que muitos descreviam o trabalho desenvolvido aqui como “penoso”. Para conseguirem financiamento para o trabalho pregavam em diversas igrejas de diferentes denominações, o que também despertava o interesse de alguns, sobretudo, jovens solteiros, para esse campo missionário.

A estratégia de anunciar o trabalho missionário, também foi utilizada pelos missionários brasileiros que, geralmente, em seu período de férias visitavam várias igrejas para apresentar o trabalho missionário, na busca por fundos financeiros e de novos missionário.

Uma descrição, no Expositor Cristão, sobre as férias do missionário Nelson de Araujo relatada em 2 de março de 1943 é um exemplo da peregrinação feita pelos missionários em diversas regiões do Brasil. Nelson de Araujo expõe seu esforço para angariar fundos para a Missão:

Este nosso ilustre irmão, jovem médico metodista, nosso representante junto à Associação Evangélica de Catequese dos Índios, atualmente em gozo de férias, tem percorrido diversas cidades dos Estados do Rio, Minas e S. Paulo, assistindo a Congressos de Senhoras, de Jovens e Homens evangélicos aos Concílios Regionais do Norte e Centro, apresentando relatório do que a Associação está realizando, e fazendo conferências, muito interessantes, e ao mesmo tempo apelando para que haja mais simpatia para com nossos irmãos da selva. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1943, p. 1)

Percebe-se no Expositor Cristão que uma estratégia utilizada pelos redatores e pastores responsáveis pelo periódico, era que praticamente em todas as edições do jornal, considerando também o Methodista Catholico, além dos sermões pregados na Igreja Metodista havia ainda uma sessão com lições da Escola Bíblica, com o objetivo de auxiliar os cultos domésticos.

Esse tipo de culto foi muito utilizado pelos metodistas e consistia em uma reunião familiar, sem a presença de um pregador oficial da Igreja, onde a intenção era ler a lição publicada no jornal e responder as perguntas no final de cada estudo. Os Canônes da Igreja Metodista apresenta em seu artigo 7º, inciso 1º a importância desse tipo de culto para a Igreja. “Para edificação dos cristãos, a igreja estimula, também, a devoção pessoal e o culto doméstico, em que cada um é incentivado à leitura e ao estudo das Sagradas Escrituras, à

meditação e à oração”. Diante disso, é possível dizer que o Expositor conseguiu realizar sua tarefa - entrar nos lares e “pregar” a palavra de Deus.

Outro importante redator foi o missionário James Lilbourne Kannedy que assumiu a redação do jornal, no dia 15 de agosto de 1887, logo após a saída do missionário Ransom. Kannedy, mesmo antes de ser redator, contribuía com matérias para o periódico. O trabalho de Kannedy no jornal ficou marcado por apresentar os trabalhos da Igreja Metodista no Brasil durante sua gestão as publicações tinham uma acentuada marca de catecismo, todavia James Kannedy esteve preocupado, principalmente, em apresentar como os vícios e a falta de pudor afastavam os homens de Deus.

Foi também na gestão do missionário Kannedy que as ilustrações foram inseridas no Expositor, sendo que a primeira apareceu no dia 1 de junho de 1889, e tinha como legenda “Leontina e sua cesta”, conforme figura 6, ilustrando a história de uma menina que se compadecia dos mais necessitados e distribuía alimentos em sua cesta.

Figura 9 – Primeira gravura publicada no jornal Expositor Cristão, em 1 de julho de 1889



Fonte: Expositor Cristão, 1 jul de 1889.

Sobre o aparecimento de ilustrações no jornal temos a seguinte informação em 1 de junho de 1889:

Leva este numero de nossa folha uma bonita gravura, que informará os nossos leitores da ideia que temos em vista e que pretendemos, si possível for, levar a effeito – a de tornar o “Expositor” uma folha ilustrada. Até o fim do anno apenas daremos uma gravura mensalmente: de então por diante, todos os números sahirão ilustrados, caso realizemos a Idea. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1889, p. 4)

Além de redator, o missionário Kannedy escreveu diversas matérias e obras sobre a atuação Metodista no Brasil, entre eles o livro “Cinquenta anos de Metodismo no Brasil”, publicado em 1928, pela Imprensa Metodista e ainda teve forte atuação como pastor em Taubaté-SP e lá abriu o Colégio Americano (1890), nos modelos do Colégio Piracicabano (1881). Tal fato se tornou importante para o Metodismo, uma vez que muitas famílias influentes da cidade passaram a estudar no colégio e se abriram para a pregação do missionário Kannedy. Dessa maneira, Kannedy, como destaca Christiane Guimarães (2008), envolveu-se com um grupo de intelectuais que defendiam um modelo de educação republicano, utilizando os jornais para expor suas ideias e fomentar os debates.

Outro redator do Expositor foi o missionário John L. Wolling e teve como principal marca a acentuada crítica à Igreja Católica. Assumiu o jornal em 1897, e deixou explícito que a função do Expositor Cristão era combater a hegemonia Católica, para isso escreveu artigos que atacavam a Igreja Romana. Os nomes das notícias evidenciam isso: Por que razão não sou Catholico Romano? (1/10/1890), Quaes as razões porque os padres prohibem a leitura da bíblia? (1/10/1890), A Idolatria (27/12/1890), A coroação dos padres (10/01/1891), O Único Exemplo (21/02/1891), O maior erros dos protestantes, Os dez mandamentos de Deus conforme se acham na Bíblia e nas cartilhas Romanas, A missa romana é anti-christã e anti-apostolica (21/03/1891). Ao assumir o periódico, Wolling disse em 1 de setembro de 1890:

Com certeza eu me mostraria insensível do apreço dos meus irmãos e colaboradores, se eu pudesse dizer que não senti-me tocado pela prova da confiança repousada em mim por me elegerem ao posto de honra como redactor do Expositor Christão. Portanto peço aos irmãos que façam tudo que for possivel para extender a circulação e a influencia do nosso jornal. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1890, p. 1)

Esse missionário empenhou esforços nas questões educacionais da Igreja Metodista, com destaque para a criação do Colégio Americano Granbery em 1890, juntamente com o

missionário John Mcphearson Lander. Durante seu tempo de permanência no Expositor procurou trazer artigos que tinham por temática a educação. Foi o missionário Wolling responsável por abrir a Casa Publicadora Metodista, em 1894, até então as publicações ocorriam em São Paulo ou Rio de Janeiro. Pode-se visualizar essas mudanças no Quadro 1:

Quadro 1 – Tipografias que publicaram o Expositor Cristão

Ano	Local de Publicação	Tipografia
1886	Rio de Janeiro	Aldina
1887	Rio de Janeiro (até 15 de agosto) São Paulo (a partir de 15 de setembro)	Aldina King
1888	São Paulo	King (até 15 de abril) Jorge Seckler Comp. (após 15 de maio) Internacional (após 15 de outubro)
1889	São Paulo	Internacional
1890	São Paulo (até 1 de agosto) Rio de Janeiro (após 1 de setembro)	Internacional Aldina
1891	Rio de Janeiro (até 15 de agosto) São Paulo (após 22 de agosto)	Aldina Vanorden & Comp.
1892	São Paulo	Vanorden & Comp.
1893	São Paulo (até 22 de julho) Taubaté-SP (após 12 de agosto)	Vanorden & Comp. (não há descrição da tipografia em Taubaté)
1894	São Paulo	Imprensa Metodista

Fonte: elaborado pelo autor.

No dia 4 de dezembro de 1929, assumiu a redação do Expositor uma grande personalidade Metodista, Guaracy Silveira permanecendo nessa função de 1930 a 1938 e embora tenha sido indicado para 2 quadriênios algumas vezes se afastou da redação. Durante a gestão de Guaracy é perceptível uma maior preocupação em apresentar os trabalhos da Igreja Metodista, diferente do missionário Kannedy que divulgava a base doutrinária Metodista.

Guaracy teve também a iniciativa de apresentar fatos que aconteciam para além da Igreja, como notícias de outros países, personalidades nacionais, trabalhos do Governo.

Privilegiou ainda artigos curtos, sem delongas, o que possibilitou uma maior circulação de notícias, tornando a leitura mais fluida. Sobre isso, Guaracy Silveira escreveu, em 1 de janeiro de 1930: “Os artigos curtos serão recebidos com alegria. Artigos longos não satisfazem a índole do nosso jornal.” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1930, p. 2)

A tese de Cilas Ferraz de Oliveira (2008) “Nunca, na história deste país... A contribuição de Guaracy Silveira ao Metodismo do Brasil”, faz uma importante abordagem sobre a vida de Guaracy, com destaque para sua atuação política, argumentando que sua candidatura às eleições de 1933 foi apoiada pela Igreja Metodista e também pelas demais denominações protestantes que viam em sua figura um grande representante dos protestantes junto ao Governo. Guaracy venceu as eleições com apenas 18 dias de campanha e teve como “cabo eleitoral” o jornal Expositor Cristão, tornando-se o primeiro pastor protestante no Congresso. Foi expulso do Partido Socialista Brasileiro (PSB) em 1934, por se apresentar como liberal criando problemas com a ala marxista do partido. Sobre sua saída do partido escreveu no periódico em 4 de julho de 1934:

Continuo, ao deixar a Assembleia, na mesma convicção com que fui para lá: só Deus pode dar remédio á situação de nossa Patria. Agradeço aos irmãos que cooperaram comigo as orações e manifestações de simpatia, principalmente aos Concílios Gerais da Igreja Presbiteriana e Independente, e ao Concílio da Igreja Congregacional pelas manifestações de solidariedade. A todos posso dizer com sinceridade: fui porque me considerei chamado por Deus e tenho consciencia de que cumpri o meu dever. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1934, p. 3)

Desse modo, é perceptível que as páginas do Expositor, durante esse período, foram recheadas de notícias políticas tornando-se um importante meio para Guaracy Silveira responder aos ataques sofridos. Enquanto esteve na política não deixou sua função de pastor e redator, e segundo Oliveira (2008):

O aprendizado adquirido no período constituinte contribuiu para Guaracy remodelar sua própria concepção de igreja. Para ele, a Igreja, como comunidade educativa de cidadãos do Reino de Deus, só podia cumprir o seu papel se exercitasse no seu próprio meio a irrestrita obediência às leis que garantissem direitos e deveres dos seus membros, com regras simples e transparentes. (OLIVEIRA, 2008, p. 126)

Esses e outros redatores foram de grande expressão para a manutenção e transformação do Expositor, já que criaram polêmicas e apresentaram o Metodismo por meio da imprensa periódica. Todavia, por ser o órgão oficial da Igreja Metodista a escolha dos

redatores e as mudanças no periódico eram decididas na Conferência Anual da Igreja Metodista, que reunia as principais lideranças e também direcionava todas as ações da denominação. Dessa maneira, na primeira edição de 18 de agosto de 1904, houve mudança na redação e passou a ter direção de dois redatores e não mais um, sendo um missionário nacional e outro estrangeiro. Sobre essa mudança o jornal argumentou:

Dois redactores, um brasileiro e outro missionario norte americano, representando as duas classes de trabalhadores evangelicos da Conferencia Methodista – os nacionaes e os missionarios enviados e mantidos pela Egreja mãe – eleitos por aquella corporação, lutarão hombro a hombro pela evangelização desta patria tão querida e procurarão com lealdade ser os interpretes fieis de seus constituintes e corresponder aos seus ideaes da Egreja, á testa de cujo orgam official os collocaram seus irmãos membros da Conferencia. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1904, p.1)

Os redatores escolhidos foram James L. Kennedy, estrangeiro e Guilherme da Costa, nacional. Em agosto de 1904, o missionário J. L. Bruce assumiu a redação junto com Guilherme da Costa, o qual no dia 15 de setembro do mesmo ano faleceu vítima de varíola. Sendo assim, somente no dia 17 de agosto de 1905 houve a entrada de outro redator, A. C. Fonseca. Essa estratégia de dois redatores pode ser entendida como o meio da Igreja Metodista não perder o controle da igreja brasileira, que estava crescendo e sempre procurou sua independência e autonomia⁴¹, o que aconteceu em 1930.

A partir da análise do jornal Expositor de 1886 a 1946, observamos que não houve uma regularidade na quantidade de redatores, variando de um a três, mas todos eram figuras representativas do Metodismo e escolhidos pela Conferência Anual. Além disso, havia o afastamento por parte de alguns que se empenhavam em outros trabalhos ligados à Igreja Metodista.

Dessa maneira, os redatores deixaram suas marcas no Expositor Cristão e caminharam nos dois objetivos principais do periódico que era difundir o Metodismo e combater a Igreja Católica. No Quadro 2, é possível perceber que não houve mudanças significativas na estrutura física do jornal em sua primeira década de funcionamento:

Quadro 2 – Aspectos físicos e redatores do Expositor em sua primeira década

Ano	Número de Páginas	Colunas	Publicação	Redator responsável
1886	04	04	Quinzenal	Rev. James Ransom

⁴¹ Sobre a autonomia Reily (2003, p. 191) escreveu: “O movimento em favor do sustento próprio, liderado por Guaracy Silveira é uma importante evidência do desejo de uma verdadeira autonomia do metodismo brasileiro. Duas Conferências Centrais manifestaram ainda o desejo e, em 1930, a Igreja Metodista Episcopal do Sul cedeu a autonomia almejada, concordando com a criação da Igreja Metodista do Brasil.

1887	04	04	Quinzenal	James L. Kennedy
1888	04	04	Quinzenal/Mensal	James L. Kennedy
1889	04	04	Quinzenal	James L. Kennedy
1890	04	04	Quinzenal	James L. Kennedy / John L. Wolling
1891	04	04	Quinzenal	John L. Wolling
1892	04	04	Semanal	John L. Wolling
1893	04/08	04	Semanal	James L. Kennedy
1894	08	03	Semanal	John L. Wolling
1895	8	03	Semanal	John L. Wolling

Fonte: elaborado pelo autor.

No dia 15 de outubro de 1887, na terceira edição do Expositor Cristão, encontramos uma referência sobre assinaturas estrangeiras, entretanto, não há menção do assinante ou do país ao qual se destinava o jornal. Tanto estrangeiros e brasileiros poderiam escolher assinaturas semestrais ou anuais. Já uma informação de 12 de dezembro de 1934 apresenta a quantidade de tiragens do jornal e seu custo de confecção: “O jornal não pode manter-se com o numero de assignantes que possui. A sua tiragem é de 2.750, custando cada uma 680\$00⁴². Multipliquemos por 52 semanas e verificaremos que o jornal fica em mais ou menos, 35.360\$000” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1934, p. 3).

O formato do jornal também sofreu mudanças, variando em *standart* e *tablóide*. Segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ) os formatos dos jornais com maior circulação no Brasil são: *Standart*, medindo - 29,7 X 53,0 e *Tablóide*, medindo- 25,5X29,7. No Expositor foi possível encontrar os dois formatos, entretanto, o *Standart*, que é o mais comum no Brasil, predominou. A mancha gráfica, que corresponde à parte impressa, não teve uma padronização no jornal, variando inclusive de uma página para outra.

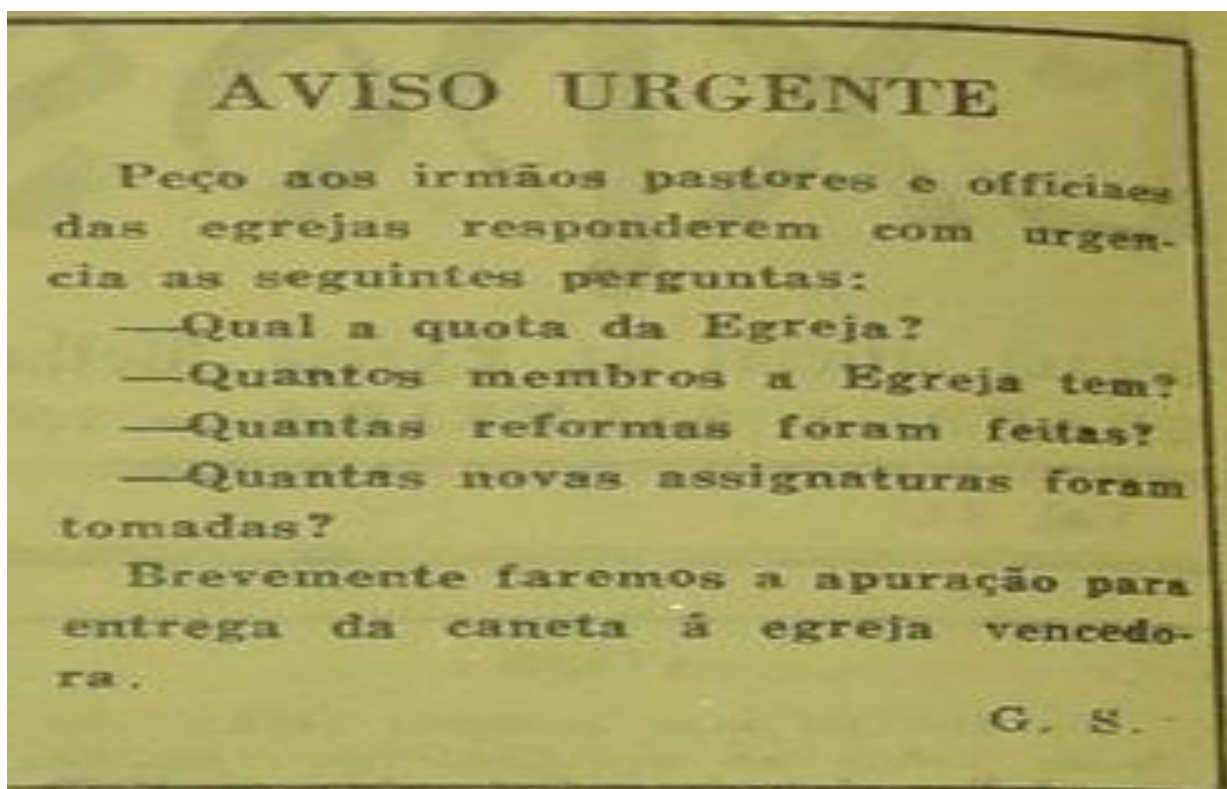
Os assinantes, em sua maioria metodistas, eram lembrados sobre a importância de sua contribuição para o bom andamento do periódico. É possível encontrar em quase todas as edições uma cobrança intensa aos assinantes, a respeito da falta de pagamento das assinaturas, ou até mesmo a falta de empenho em prol de novos assinantes, pois tais problemas poderiam causar o fechamento do jornal. Diante disso, todos os pastores Metodistas eram considerados

⁴² O valor monetário utilizado em 1934 era o réis. Disponível em: <<http://www.bb.com.br/portalbb/page3,8703,8712,1,0,1,6.bb>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

representantes da folha, sendo possível notar, com a análise, uma obrigatoriedade em conseguir assinantes em cada Igreja Metodista. Um aviso de 1930 permite sustentar essa evidência:

Figura 10– Recorte da fotografia do Expositor Cristão que em que aparece um modelo de aviso no Expositor Cristão, em 1930

Fonte: Expositor Cristão



Na Fotografia 5 pode-se verificar vários questionamentos feitos por Guaracy Silveira e destinados aos ofícios da Igreja Metodista, que em sua maioria eram missionários e pastores. Por meio da Imagem percebemos uma estratégia utilizada por Guaracy, a fim de angariar mais assinantes para o jornal. Foi realizada uma competição entre as Igrejas Metodistas, e a que apresentasse o maior número de assinaturas ganharia um brinde.

A partir da análise do Expositor é possível dizer que durante a gestão de Guaracy Silveira houve um maior apelo para a ampliação do número de assinantes, para isso, algumas estratégias foram lançadas, entre elas, a criação do “Mês do Expositor Cristão”, em 12 de janeiro de 1932, correspondendo ao mês de janeiro, que também era o mês do seu aniversário e visava atrair novos assinantes e patrocinadores. Sobre isso Guaracy escreveu:

Todo o mês de janeiro é o mês do vosso jornal. O dia 1º é dia do Pastor. De 2 a 31 serão os dias do Pastor ajudante da vossa Igreja – o “Expositor

Cristão”. Deus vos dê um ano cheio de bênçãos espirituais, e vele pelo vosso lar. E orai pelo vosso jornal, para que ele seja, um mensageiro do Espírito Santo realizando o bem da Igreja e salvação das almas. Amen. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1932, p. 1)

Na citação observamos que o Expositor é denominado de “Pastor ajudante”, o que mostra a importância dada ao jornal como representante da Igreja Metodista e ainda reforça o seu compromisso em salvar almas e doutrinar fiéis. Também percebemos que é pedido oração em prol do jornal, para que fosse um mensageiro do Espírito Santo. No contexto bíblico o Espírito Santo é símbolo de paz e mensageiro de boas-novas, assim o Expositor também teria essa função.

Uma estratégia, utilizada pelos redatores do Expositor era apresentar aos seus leitores a importância do jornal como se fosse um pregador. Nesse intuito, o papel da imprensa também era evidenciado no Expositor, segundo sua argumentação, ela tinha a mesma função de um pregador da palavra de Deus, devendo ser utilizada pelos pastores que se julgavam sábios.

Durante o período de investigação não foram encontrados registros de desavenças com outros jornais protestantes, pelo contrário, por diversas vezes o periódico divulgou ações de outras denominações e reforçou o trabalho da imprensa protestante, como a notícia apresentada em 3 de janeiro de 1939:

Ignorar que a imprensa é um poder irresistível e capaz dos maiores prodígios na modificação intelectual, política, espiritual e social de um país, é desconhecer por completo as leis que presidem à evolução dos povos. A imprensa evangélica, maiormente, é um poder tão necessário que só as pessoas desprovidas de senso a poderão desprezar na organização dos planos para a santificação da igreja, para orientação e educação do povo de Deus e para a salvação dos pecadores. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1939, p. 1)

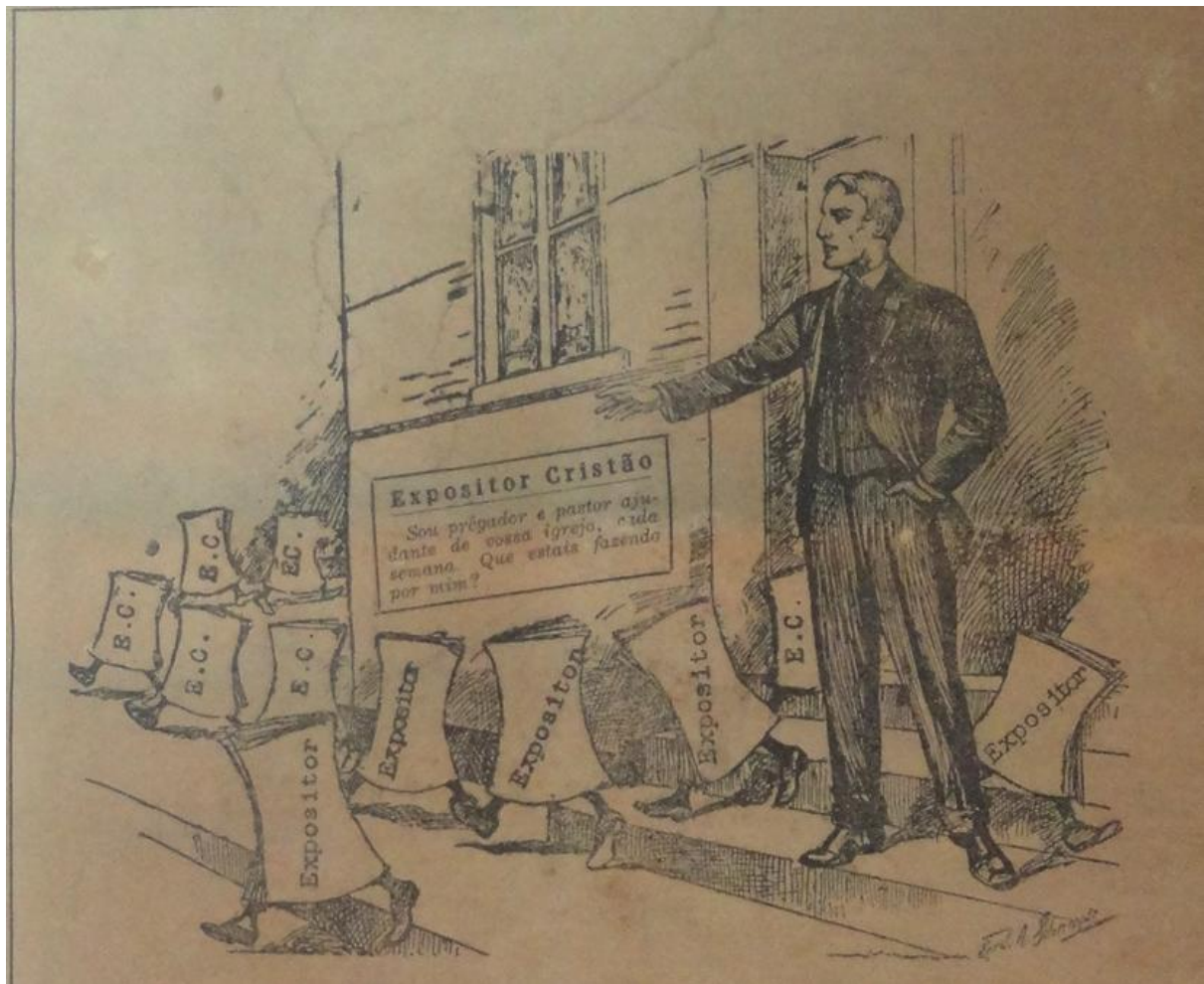
A imprensa também era vista como um pregador e um exemplo disso é que no Expositor havia a presença de sermões, sendo um meio de evangelizar e doutrinar e o próprio jornal se denominava como “pregador silencioso” e “pastor ajudante”. Isso se dava pelo pequeno contingente de pastores para atender o número crescente de fiéis. A matéria apresentada no Expositor, dizia que “Há três métodos de propagar o Evangelho: pelos lábios, pela vida e pela imprensa.” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1931, p. 2).

Na fotografia 6, percebemos o Expositor Cristão caracterizado com pernas, fazendo alusão aos missionários que levavam a palavra de Deus para todos os lugares do Brasil. Também na imagem verifica-se uma apresentação do jornal escrita na primeira pessoa do

singular, sendo esse um recurso que o aproxima do leitor. A escrita se encerra com uma provocação aos leitores sobre sua contribuição ao jornal.

Figura 11– Recorte da fotografia do Expositor Cristão que aparece o jornal sendo caracterizado como Missionário

Fonte: Expositor Cristão



A matéria: “A pagina impressa”, publicada em 1931 compara a imprensa como uma arma de guerra, como arma silenciosa e apresenta que a página impressa poderia preceder o trabalho do missionário que ao chegar para anunciar as boas-novas do evangelho, em um determinado lugar e se as pessoas dessa localidade já tivessem tido contato com um impresso protestante, o trabalho de evangelização teria maior êxito. Para isso, os impressos deveriam ter qualidade, servindo também para moralizar seus leitores, o que revelava a intenção do Expositor Cristão: evangelizar e moralizar, através da influência cristã:

A política, a sociedade, a industria, tudo está em fluxo, sendo este o tempo oportuno para empregar mais que nunca a pagina impressa; é o tempo de

semear o campo todo com boa literatura. A posteridade dirá de nós: “Elles foram sábios em seus dias e geração”. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1931, p. 2)

A matéria do dia 10 de maio de 1933, intitulada “O Quarto Poder”, continua apresentando o papel da imprensa na vida cristã, dizendo que o poder Legislativo criava as Leis, o Executivo tinha a função de zelar para que ocorresse sua execução e ao Judiciário caberia julgá-las. A imprensa teria o papel de fiscalizar os três poderes e ainda denunciar ao povo quando algo não estivesse em equilíbrio com sua função, afirmando que “[...] o advento da imprensa foi à porta aberta a todas as melhores conquistas da humanidade” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1933, p. 1). A matéria ainda afirma que igreja e imprensa tem o mesmo poder, por ser instrumento que apontam e corrigem erros.

Essa mesma matéria dizia que era papel da Igreja, apresentar para o mundo o que era considerado moral e para isso deveria acompanhar as inovações científicas e os métodos pedagógicos. A matéria “Ethica da Imprensa Religiosa”, escrita em 10 de dezembro de 1930, pelo redator Guaracy Silveira e endereçada ao Congresso Evangélico Brasileiro, versou sobre a responsabilidade de todos os jornais protestantes observarem o conteúdo de suas publicações para que essas ao invés de aproximarem os leitores de Cristo, não os afastassem:

Se a ethica pode ser chamada a sciencia da moral, ou arte de formar o character, de criar habitos e porte de accordo com as leis do dever, por sua vez baseadas em nobres finalidades, - a ethica da imprensa religiosa deve ter para nós como desideratum cultivar os habitos christãos e fixar na mente de todos os leitores o padrão moral dos Evangelhos. A fé e as obras não podem andar separadas como não podem viver distanciados o ensino e a pratica. Assim, pois, o jornal evangelico deve ser um testemunho vivo do christianismo de Christo. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1930, p. 4)

Guaracy, em 10 de dezembro de 1930, alerta ainda sobre as críticas encontradas nos jornais protestantes com referência à Igreja Católica:

Nós somos christãos e precisamos viver como christãos e honrar nosso Mestre, mesmo que os outros procedam de outra maneira. Neste sentido devemos citar os factos tristes do romanismo quando elles sejam consequencia de doutrinas erradas, mas sem hyphotese algum apontando os indivíduos ao vitupério publico. Devemos nos referir a elles com cortezia e amor, os argumentos históricos de duvidosa veracidade jamais devem ser postos de lado; e em uma palavra, se elles falharem em todos estes princípios, nada temos com isso: nosso procedimento deve ser pautado pelo Evangelho e não pelos homens. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1930, p. 5)

No mesmo ano, em uma auto-descrição o jornal apresenta-se como o preferido pelos membros da Igreja Metodista, enaltecendo seu conteúdo, que passava pelos bons artigos

doutrinários, notícias da igreja, conselhos, informações, avisos oficiais, convocação de concílios, tudo isso em dezesseis páginas. Mas, o que chama a atenção, em 21 de junho de 1933, é a afirmação de que “Depois da bíblia, o “Expositor Cristão” é o que há de verdadeiramente indispensável nos lares do nosso povo” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1933, p. 6).

Para o cristão a bíblia, também denominada de Palavra de Deus, é o manual de fé, sua orientação, símbolo do cristianismo. Dessa maneira, ao afirmar que o Expositor seria a leitura indispensável depois da bíblia, tinha a pretensão de criar no seu leitor uma obrigatoriedade em acompanhá-lo, ou seja, ler o jornal era tão importante quanto à leitura bíblica.

Além disso, os leitores do Expositor encontravam nas páginas do periódico, uma exaltação do seu conteúdo e sempre uma justificativa das suas ações. Assim, a figura desse leitor era importante, uma vez que por meio dele acontecia uma interação entre as palavras e a provocação dos seus sentidos. Ao enaltecer seu trabalho, o jornal tinha a intenção de introjetar no leitor uma figura imaculada, uma vontade de se estabelecer como inquestionável, o que lhe permitiria maior segurança pela fidelização de seu público.

É possível notar que o Expositor sempre pedia ajuda financeira aos seus leitores, justificando que o número de assinantes, as ofertas e o lucro dos anúncios não eram suficientes para saldar suas despesas, decorridas da sua circulação. Em 15 de dezembro de 1934, ao anunciar sobre o seu 48º aniversário, é feito o seguinte questionamento:

Tivessemos uma tiragem de 5.000 e quatro mil assinaturas pagas, com os orçamentos dos três concílios e o producto de annuncios e offertas, poderíamos o jornal sempre com 16 paginas e em papel melhor. Julgamos não ser tarefa difficil 18.000 methodistas sustentarem o jornal da sua igreja. Irmãos e amigos leitores, não vos esqueçaes de que no dia 1º de janeiro o vosso jornal completa 48 annos de existência. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1934, p. 8)

Observa-se que é dito “sua igreja”, “vosso jornal”, termos que evidenciam e aproximam ainda mais a responsabilidade do leitor, sobretudo, os metodistas, que ao investir tanto na Igreja, quanto no jornal, estariam colaborando para o seu crescimento e como consequência disso, o Reino de Deus também cresceria. Conforme exposto no jornal em 21 de março de 1934, a felicidade também é um atributo dado ao jornal, isso quer dizer que, “o lar metodista que não recebe a visita constante do Expositor Cristão é um lar menos informado, menos feliz” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1934, p. 2). Nota-se que para a felicidade ser garantida, a visita do jornal no lar deveria ser constante.

Na matéria intitulada de “Campeão da Igreja Metodista”, de 21 de março de 1934, o Expositor ganhou méritos defensor da sociedade brasileira e daqueles que procuravam criar um clima desfavorável ao evangelho. De acordo com a descrição tem-se que:

E’ o Expositor Cristão que orienta aos crentes quanto ao movimento da Igreja, fazendo-os cientes de seu alvo e dos planos para alcança-lo, do retrocesso e do progresso do reino do reino de Deus nos diversos campos, das derrotas sofridas e das vitórias ganhas, enfim, é o Expositor Cristão, que proporciona à Igreja a oportunidade de estar ao par de tudo o que é de interesse a um fiel e dedicado crente metodista. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1934, p. 2)

Para uma melhor compreensão do jornal o quadro 3, apresenta algumas seções mais recorrentes ou que circularam por maior tempo, ou seja, algumas apenas sofreram mudanças nos nomes, outras deixaram de ser publicadas.

Quadro 3 – Seções com maior recorrência no Expositor Cristão

Seção	Descrição
Noticiário / Notícias / Notícias e Notas/ Sociais/ Notas e fatos	Eram descritos os fatos sociais da Igreja Metodista como: Casamento, aniversários, viagens, despedidas, novas Igrejas abertas. É a seção que mais apresenta variação do nome.
Necrológico	Apresentava os falecimentos ocorridos
Pela Seara	Descrevia as Igrejas Metodistas espalhadas pelo Brasil, apresentando seus avanços e dificuldades. As Igrejas estavam divididas pelas regiões: Norte, Centro e Sul.
Sociedade Missionária das Senhoras	Eram descritas nessa seção as decisões tomadas nas reuniões, bem como, onde seriam empregadas as ofertas recebidas.
Anúncios	Eram destinados às propagandas e geralmente ficava nas últimas páginas do jornal.
Várias	Publicava notícias dos acontecimentos mundiais, ou questões que não estavam ligadas à Igreja. Em algumas edições era substituída pela seção Notas e fatos.
Perguntas/Doutrina e Disciplina/Doutrina e Cânones	Era um espaço em que se apresentava a doutrina Metodista, em forma de perguntas e respostas.
Escola Bíblica/Púlpito	A seção de escola bíblica no início do jornal ocupava 50% do espaço e seu conteúdo era utilizado para doutrinar os fiéis. Em

	algumas publicações é substituída pela seção púlpito que era o esboço de sermões já pregados nas Igrejas Metodistas.
--	--

Fonte: elaborado pelo autor.

A seção “Perguntas” que a partir de 1930 recebeu o nome de “Doutrina e Disciplina”, chamada um tempo depois de “Doutrina e Cânones”, foi bastante utilizada pelos redatores e lideranças Metodistas e tinha o propósito de responder questões relacionadas à doutrina Metodista, bem como dúvidas dos novos convertidos como: Um crente pode jogar bola? Pode um oficial oferecer o púlpito a outro, sem a permissão do pastor? Os redatores respondiam as questões e justificavam suas opiniões baseando-se na bíblia. Tal fato pode explicar o motivo dos redatores do Expositor, serem missionários ou pastores, uma vez que para emitirem posição nos questionamentos, deveriam ter plena convicção da sua fé e conhecerem a doutrina Metodista.

Outra observação realizada recai sobre a seção de Anúncios que também sofreu alteração à medida que o Expositor se expandiu. O primeiro anúncio no Expositor ocorreu no dia 15 de setembro de 1888, e se referia a duas publicações da Igreja Metodista: Compêndio de Teologia e Doutrinas e Disciplinas da Igreja Metodistas. Com o desenvolvimento do jornal os anúncios se tornaram semelhantes ao que denominamos hoje de classificados, acompanhados geralmente de imagens.

Até 1898 os anúncios não ocupavam 20% da página, a partir de 1899 já tomavam duas páginas e divulgavam diversos serviços, em sua maioria de caráter religioso, como livros Metodistas, folhetos religiosos e, além disso, as Escolas dessa denominação utilizavam esse espaço para propagandear seu sistema de ensino. Em 1946, ano final do recorte temporal da presente pesquisa, os anúncios eram distribuídos por todo o jornal e houve uma maior utilização de imagens nos anúncios.

Diante do exposto é possível dizer que o Expositor Cristão não foi criado apenas para divulgar as atividades da Igreja Metodista, mas em suas páginas pode-se notar um profundo desejo de evangelização, tendo em vista que não era considerado pelos Metodistas, apenas um jornal, mas representava um missionário ou pastor. No próximo capítulo busca-se analisar como esse jornal abordou mais especificamente as questões relativas a educação, em alguma medida educação religiosa, e civilização

CAPÍTULO III

SABERES E PRÁTICAS EDUCACIONAIS E CIVILIZATÓRIAS NO EXPOSITOR CRISTÃO

Pretende-se nesse capítulo analisar principalmente como a Educação Metodista se apresentou no jornal *Expositor Cristão*, que embora não fosse uma publicação exclusivamente educacional, trouxe em suas páginas, matérias e anúncios que se ligavam a esse tema. Sendo assim, propõem-se flagrar o modelo de educação dessa denominação desenvolvido no Brasil, sem negar as influências educacionais trazidas, sobretudo, dos Estados Unidos pelos missionários Metodistas.

A educação, formal, escolarizada e ofertada sob a égide confessional protestante, embora esteja ligada às denominações evangélicas, se insere dentro da História da Educação Brasileira. Assim, para melhor compreensão sobre este aspecto particular da educação brasileira, se recorreu a Maria Lucia Spedo Hilsdorf (2006) que em sua obra “História da Educação Brasileira: Leituras” apresenta uma periodização da educação no Brasil em: Colônia, Império e República o que permite compreender como se deu a História da Educação no país, evidenciando em seu trabalho as principais reformas educacionais.

A autora ainda apresentou que embora essas reformas, com destaque para a Pombalina (meados do séc. XVIII) e para a Caetano de Campos (1890), tenham transformado aspectos da educação brasileira, a educação religiosa formal ainda era muito presente no país em todo o século XX. Rosa Fátima de Souza (2009), ao escrever sobre o Ensino Secundário no Brasil, também faz considerações a respeito da Educação Religiosa, argumentando que:

O ideal de formação do homem polido, civilizado, cristão e culto encarnava toda a representação de uma educação de classe. Por outro lado não se pode desconsiderar que boa parte dos ginásios e colégios existentes no país até a década de 1960 eram mantidos por congregações religiosas. A defesa do humanismo enraizado nas tradições cristãs não era apenas o apego ao passado, mas a disputa de interesses no campo da educação e da cultura. (SOUZA, 2009, p. 84)

O recorte temporal dessa pesquisa (1925-1946) se insere dentro do período Republicano e especificamente compreende um grande período da chamada Era Vargas (1930-1945). Sobre essa fase Hilsdorf (2006) argumenta que a educação, estava com ideais nacionalistas, marca do governo Vargas e: “Assim as linhas ideológicas que definem a

política educacional do período vão se orientando pelas matrizes instituintes do Estado Novo: centralização, autoritarismo, nacionalização e modernização” (Hilsdorf, 2006, p. 99).

3.1 A Educação no Expositor Cristão

Segundo Cynthia Greive Veiga (2009) com a difusão da escola primária a partir do século XIX, houve uma grande preparação da criança para a vida adulta, com maior homogeneização dos comportamentos e com finalidade de racionalizá-los. Do mesmo modo, Xavier e Sarat (2012) ao falarem sobre a inserção da criança na escola dizem: “[...] a escolarização que representa o esforço e a legitimação das normas e regras deste grupo social e funciona como continuidade do processo de inserção nas relações de convivência, na produção e reprodução dos comportamentos aprendidos e novos” (XAVIER&SARAT, 2012, p. 169).

Desse modo, a escola também é um espaço em que se aprende comportamentos e condutas cobrados socialmente. Exemplo disso é que um estudante ao cometer algum ato que foge do comportamento do grupo que está inserido, é questionado sobre o que faz e o que aprende na escola. Assim, o espaço escolar sempre foi utilizado para civilizar em um primeiro momento crianças e posteriormente homens e mulheres.

A Educação escolar confessional protestante foi um dos grandes pilares utilizados pelos missionários, sobretudo norte-americanos, para civilizar a população brasileira e conforme abordado no capítulo I, esse tipo de educação desenvolvida em Dourados-MS, teve o objetivo de civilizar uma população que já era considerada atrasada e bárbara. Assim, a partir do Expositor Cristão e apoiado em Norbert Elias, é possível entender que os Metodistas buscaram por meio de seu modelo educacional, adaptar o comportamento dos indivíduos, regulando para isso sua conduta, com o intuito de aproximar ao padrão de civilidade alcançada por sua sociedade.

Abrir escolas foi então, uma estratégia missionária utilizada por diversas denominações protestantes, uma vez que abarcava alguns dos objetivos das Igrejas Evangélicas: ensinar a palavra de Deus aos brasileiros, convertê-los às doutrinas protestantes e a partir daí ensinar um modelo de civilização. Sobre essa questão Antonio Gouvêa de Mendonça (2005) diz que:

A introdução da educação protestante na sociedade brasileira deu-se concomitantemente à pregação dos primeiros missionários: com a

organização das primeiras igrejas já se implantaram também as escolas paroquiais. Logo a seguir, por volta de 1870, surgem os primeiros colégios em várias partes do país, quase sempre nas capitais e cidades mais importantes sob o ponto de vista da estratégia missionária. (MENDONÇA, 2005, p. 145)

Percebemos na afirmação de Mendonça um tipo de escola muito utilizada pelos protestantes, as escolas paroquiais. Essas escolas eram abertas concomitantemente à fundação das Igrejas, geralmente em grandes cidades do país, sendo consideradas como importante estratégia para a inserção dos missionários na sociedade brasileira.

No caso do município de Dourados-MS, os missionários utilizaram a educação como meio de evangelização, tanto no interior da Missão Caiuá quanto no centro urbano do município, com a fundação da Escola Presbiteriana Erasmo Braga em 1939, exemplo de escola paroquial e cujas aulas aconteceram inicialmente nas salas da Escola Bíblica, ou seja, o prédio da Igreja era também utilizado para fins educacionais formais.

Para melhor entender a questão educacional protestante e seu impacto na sociedade brasileira do século XIX e século XX, é preciso levar em consideração que, como apresenta Bomeny (2003), até o final do século XIX o número de brasileiros analfabetos era de quase 80%, ou seja, o Brasil era um país de iletrados. Esse dado é corroborado por Mendonça (2006) quando afirma que o protestantismo é “religião do livro” e desse modo, a prática de leitura era inerente a vida religiosa protestante e sobre isso apresentou:

O Culto protestante não inclui o gesto e a imagem, não oferece o apoio do sensível: ele é discursivo e racional, mais uma aula do que um encontro com o sagrado. De modo que a participação no culto protestante exige um significativo domínio da linguagem. Por seu turno, as provas de ingresso no rol de membros incluíam conhecimentos bíblicos que pressupunham leitura ou pelo menos a memorização de questões essenciais. Ler a Bíblia fazia parte do essencial cotidiano protestante. (MENDONÇA, 2006, p. 226)

Em 18 de maio de 1943, a matéria intitulada “A Igreja e a Escola” apresentada no Expositor Cristão e escrita por Naftali Trindade, apresentou que o protestantismo era a única religião no Brasil em que 95% dos membros eram alfabetizados. Ainda segundo a matéria a Igreja Metodista e as demais igrejas protestantes deveriam ter em seus trabalhos de evangelização a alfabetização, devendo ser reconhecidas como igrejas docentes. É interessante a observação feita na matéria sobre os analfabetos que por não saberem ler e escrever não eram responsáveis por sua conduta espiritual:

Ora, o indivíduo analfabeto, inculto, alheio ao verdadeiro teor da “Palavra Escrita” de Deus, incapaz de comparar as expressões, analisar as construções sintáticas da Bíblia, não pode ser responsável pela sua conduta espiritual, não pode forjar satisfatoriamente a sua rega de fé, não pode ser um perfeito participante do “sacerdócio universal do crente”, um dos magnos princípios da Reforma. Não pode ser um indivíduo em que se deposite a relativa confiança na continuidade da atitude que assume para com a Igreja. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1943, p. 3)

Ora, se uma das bases da fé protestante estava na leitura bíblica, criar condições para que todos os novos convertidos fossem instruídos na Palavra Escrita de Deus, especialmente os analfabetos que careciam também de alfabetização, se tornou mais do que uma obra social, era uma questão espiritual.

A religião oficial do Brasil era o Catolicismo Romano e por isso gozava de benefícios que os protestantes não usufruíam, como, por exemplo, a abertura de escolas nas maiores cidades do país, além de uma maior aproximação e favores do Governo. Desse modo, a abertura de Escolas Confessionais Protestantes não era aceita pelos Católicos.

Mas os protestantes enfrentaram a hegemonia da Igreja Católica e buscaram diversas estratégias para se estabelecerem no país. Uma dessas estratégias foi sinalizada por Mendonça (2005) e consistia em levar os trabalhos de evangelização para a zona rural do Brasil, ou nas regiões mais periféricas das cidades, sendo esses locais que geralmente não tinham uma assistência religiosa permanente e, assim, não eram tão controlados pela Igreja Católica.

A abertura de escolas acompanhou esse deslocamento missionário e conforme apresenta Cardoso (2009) a instalação de escolas protestantes no Brasil agradou as elites liberais, sobretudo, pela aparência estética dos prédios escolares, pela nova ação pedagógica, pelo currículo, já que essas escolas geralmente ofereciam aula de música e de canto, aulas experimentais em laboratórios e ginástica. Assim, sobre as escolas protestantes Cardoso diz:

A educação liberal praticada pelas escolas protestantes, de forma crescente ao longo do século XIX e boa parte do século XX, obteve guarida, facilidades e incentivo na cortesia interessada das elites liberais brasileiras, particularmente com o apoio da Maçonaria. O alvo dos protestantes chegou a ser conhecido no lema que corria informalmente: “para cada igreja uma escola”; mas, o inverso também era verdadeiro, ou seja, que existisse em cada escola uma igreja. (CARDOSO, 2009, p. 4)

Os missionários norte-americanos ao chegarem no Brasil, perceberam como o país estava atrasado, neste caso, na questão educacional, se comparado aos Estados Unidos. Para eles a Educação escolarizada era um importante meio para o desenvolvimento de uma nação e

recurso indispensável para solidificar o trabalho protestante em um país. Essa preocupação foi compartilhada por quase todas as denominações que vieram dos Estados Unidos para o Brasil, uma vez que procuraram abrir escolas em terras brasileiras. Especificamente sobre a Igreja Metodista, Elias Boaventura (2001) apresenta dois motivos para a implantação de escolas no país:

É óbvio que as escolas metodistas visavam, desde sua implantação, a ser uma alternativa educacional para a sociedade brasileira, principalmente para a elite que poderia investir em educação; entretanto, além desta preocupação havia uma outra, que permanece meio escondida, que é o interesse em cuidar dos filhos dos numerosos imigrantes sulistas norte-americanos que estão presentes em algumas regiões do Brasil. (BOAVENTURA, 2001, p. 1)

Os Metodistas sempre tiveram ligação com a educação, prova disso, segundo Beatriz Vicentini Elias (2001) é que em 1740 John Wesley, fundador do Metodismo, abriu uma escola na Inglaterra destinada aos filhos dos mineradores que não tinham acesso à educação, tendo em vista que o Metodismo em seus objetivos busca “[...] difundir uma nova visão de mundo, construir um novo senso comum e a criar uma cultura, visando uma reforma intelectual e moral. A educação, na visão de Wesley, é uma constante evolução na direção da perfeição cristã e da salvação” (VALENTIN, 2007, p. 18).

Já em terras americanas a Igreja Metodista Episcopal do Sul, fundou em 1785, o Cokesbury College. E segundo Beatriz Elias (2001) “Entre 1831 e 1870, os metodistas fundaram 200 instituições de ensino no território americano, sendo trinta e quatro de caráter universitário” (ELIAS, 2001, p. 24). Desse modo, esses números permitem dimensionar como a educação foi um importante espaço para que houvesse tanto a pregação do Evangelho como meio de disciplinar, segundo a doutrina Metodista.

No Brasil, a Igreja Metodista abriu uma escola entre 1879 e 1880 em Piracicaba-SP, segundo indicação de Beatriz Vicentini Elias (2001). Essa escola foi aberta por Annie e Mary Newman, filhas de Junius E. Newman, missionário que organizou a primeira Igreja Metodista do Brasil, em Saltinho, distrito de Piracicaba-SP. Mas a escola funcionou pouco tempo, sendo um dos motivos para o seu fechamento a ida, de Annie para o Rio de Janeiro, onde casou-se com o missionário James Ransom.

Mas o início da grande obra educacional metodista aconteceu no dia 13 de setembro de 1881, quando a Missionária Martha Hile Watts⁴³ abriu as portas do Colégio Piracicabano. Segundo Beatriz Vicentini Elias (2001) Martha Watts estabeleceu amizade íntima com a família de Prudente de Moraes, sendo esse o primeiro Presidente Civil da Primeira República (1894-1898), o que a aproximou da elite política e econômica de Piracicaba-SP.

Mas não era somente essa missionária que tinha relações com os políticos e a elite brasileira. Desde sua chegada ao Brasil, os Metodistas procuraram estabelecer confiança e amizade com os governantes do país, além “[...] das elites políticas de tendência republicana, e dos jansenistas de todos os naipes que viam no novo modelo, de inspiração liberal e iluminista, uma alternativa capaz de contribuir para o avanço do projeto educacional brasileiro” (BOAVENTURA, 2001, p. 88).

Em seu início as aulas no Colégio Piracicabano aconteceram com apenas uma aluna, Maria de Azevedo Escobar em uma casa alugada. Gradativamente houve o número de alunos matriculados e em 1883, foi adquirido terreno para a construção desta escola, sendo inaugurada em 1884. Sobre o edifício Beatriz Vicentini Elias descreve:

O edifício fora projetado, inclusive, com um observatório em seu topo e Martha Watts garantia que, quando “tivermos o equipamento para estudar astronomia, nós teremos estudantes interessados não somente da escola, mas também entre os amigos”. O Colégio introduziu também o sistema de co-educação, modelo das escolas norte-americanas, oferecendo o ensino tanto a meninas como a garotos, atendidos no sistema de externato, com um curso de cinco anos. (ELIAS, 2001, p. 62)

O novo prédio que abrigou o Colégio Piracicabano (atualmente nesse local, funciona o Centro Cultural Martha Watts e o Colégio Piracicabano funciona em prédio ao lado desse Centro), apresentou uma arquitetura imponente, arrojada para o ano de 1884, sabendo que Piracicaba contava nesse período com uma população em torno de 20.000 habitantes e, de acordo com relato feito por Martha Watts, as construções em Piracicaba eram em sua grande maioria feitas com barro e em único piso. O Piracicabano foi construído em dois pisos e até hoje sua beleza arquitetônica chama a atenção⁴⁴. Edivilson Cardoso Rafaeta (2007), escreveu sobre a emblemática estrutura do Colégio Piracicabano:

⁴³Pode-se encontrar mais informações a Missionária Martha Hile Watts na dissertação de Lilian Sarat de Oliveira, denominada: “Martha Watts: Um olhar sobre o Brasil”.

⁴⁴ Durante essa pesquisa visitei o Centro Cultural Martha Watts, e fiquei vislumbrado com a arquitetura do prédio, seu poder simbólico. E embora próximo de outros prédios históricos como a Catedral Católica, o Mercado Municipal de Piracicaba e a primeira Igreja Metodista de Piracicaba, sua beleza me deixou fascinado.

Num duplo movimento de exibição, realizado pela constituição física do prédio e pelas referências que se faziam a ele, a arquitetura do estabelecimento, construído para abrigar o Colégio Piracicabano, impunha aos observadores idéias como “grandiosidade”, “elegância”, “organização”, “solidez” e “qualidade” [...] trata-se de uma “vitrine arquitetural” que exercia a função pedagógica de ensinar aos espectadores, especialmente “aos chefes de família”, sobre “as vantagens” que “o prédio do colégio” podia oferecer [...]. (RAFAETA, 2007, p. 75)

Na fotografia abaixo visualiza-se a fachada atual do prédio que abrigou o Colégio Piracicabano e que permite compreender melhor a imponência do Colégio.

Figura 12 – Imagem da vista externa do prédio que abrigou o Colégio Piracicabano



Fonte: Pedro Kawai. Disponível em: <pedrokawai.blogspot.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2014

A partir das informações levantadas no Expositor, bem como das leituras dos autores apresentados nesse trabalho e que apontam aspectos sobre a Educação Metodista, é possível inferir que a arquitetura do Colégio Piracicabano representou o desejo dos Metodistas em se impor em uma sociedade com tradições do Catolicismo Romano. Vale dizer que Piracicaba

faz parte do interior do Estado de São Paulo, embora fosse importante centro econômico e político, tal prédio era um símbolo de poder protestante que se apresentava para a população local. Além disso, essa apresentação do Piracicabano atraiu a elite da época que já era próxima da Missionária Martha Hile Watts.

Sobre a representatividade dos prédios escolares protestantes, Ester Fraga (2007) toma como exemplo o Instituto Ponte Nova na Bahia, ligado à Igreja Presbiteriana do Brasil, segundo a autora tal prédio teve significativa importância para a sociedade em que estava inserido. Esse último exemplo apresenta idêntica repercussão com a provocada pelo Colégio Piracicabano...

O edifício escolar deveria exercer uma função educativa no meio social que estava inserido. Deveria também ser um meio de significar a profissão docente e produzir a auto-estima dos alunos e dos seus pais através da escola. Diferentemente de outras construções, deveria sintetizar o projeto missionário presbiteriano: convencer, educar, ser visto. Em sua arquitetura estariam inscritas concepções simbólicas e pedagógicas. Por entre suas salas de aula, corredores, pátios e áreas verdes os alunos incorporavam uma ética e valores inscritos no espaço escolar. (NASCIMENTO, 2007, p. 163)

O empenho de Martha Watts no projeto educacional do Colégio Piracicabano chamou a atenção de Prudente de Moraes que a convidou para atuar ao lado de Caetano de Campos para juntos dirigirem a Escola Normal e criarem as Escolas-Modelo. Todavia, Martha recusou o convite e deu preferência aos projetos educacionais metodistas que estavam acontecendo no Brasil. De acordo com Cesar Vieira (2007), o missionário Dr. Horaceo Lane indicou para esse trabalho as missionárias Márcia P. Browne e Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. Vieira (2007):

Ambas estiveram à frente das inovações implantadas na Escola Normal desde a reforma de 12 de março, tendo Miss Márcia P. Browne permanecido por mais tempo à testa dos trabalhos de ampliação e organização de novas escolas-modelos na rede de ensino público do Estado. Miss Browne e Maria Guilhermina foram assim os esteios da reforma na condução das duas escolas-modelo. Coube à primeira dirigir a seção masculina e à segunda a seção feminina da escola-modelo do Carmo, anexa à Escola Normal de São Paulo. Estava, assim, instalado o processo de renovação do ensino primário na capital, conduzido por duas das mais destacadas representantes do modelo que segundo seus proponentes fariam a diferença em matéria de educação. (VIEIRA, 2007, p. 9)

O modelo de educação desenvolvido pelos protestantes estava alicerçado na ideologia liberal, e no método intuitivo que “[...] consistia na colocação dos fatos e objetos para serem

observados pelos alunos, a partir do que o conhecimento iria emergir no entendimento da criança com os dados fornecidos pelo próprio objeto” (RESENDE, 2002, p. 1). O Expositor Cristão, em 28 de janeiro de 1941, publicou a matéria “Métodos de Ensino” na qual criticava o método de ensino baseado no decorar dos conteúdos e segundo a crítica isso deixava seus adeptos aleijados conforme exposto:

[...] se um programa de estudos não procurar harmonicamente, e simultaneamente, alimentar e desenvolver a imaginação, o raciocínio e a memória, teremos aleijões intelectuais para o futuro. Um desses aleijões já tem infelicitado bastante os meios intelectuais de alguns povos. São os indivíduos incapazes de raciocinar, de pensar por si, de imaginar, de criar: tudo quanto falam, tudo quanto pensam, tudo quanto dizem, é como se estivessem comendo pelas mãos alheias. E muitas vezes, pela falta de capacidade para raciocinar, vão recebendo e passando adiante, como ouro precioso, o que não passa de puro latão dourado. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1941, p. 1)

Ao não aceitar o convite de Prudente de Moraes Martha Watts desenvolveu ações para que houvesse a expansão educacional metodista. Segundo José Carlos Barbosa (2005) as mulheres da Igreja Metodista do Brasil resolveram criar em 1885 a primeira Sociedade de Mulheres Metodistas do Brasil no Rio de Janeiro, tendo como base a Sociedade de Mulheres da Igreja Metodista nos Estados Unidos.

A criação dessa Sociedade possibilitou a melhor organização da Educação Metodista no Brasil e para isso realizou trabalhos para arrecadar fundos financeiros para a abertura de novas escolas. A Sociedade de Mulheres Metodistas do Brasil decidiu pela criação de uma escola no Rio de Janeiro, sendo essa aberta em 12 de outubro de 1888, chamada de Escola do Alto. A Escola passou por diversas mudanças e atualmente funciona em dois segmentos: Colégio Metodista Bennett e Centro Universitário Metodista Bennett⁴⁵. Sobre a abertura da Escola do Alto o Expositor Cristão noticiou em 15 de fevereiro de 1888:

Em breve começará a funcionar, na Corte, á rua das Larangeiras n.º 96, uma eschola com o titulo acima, sob a direcção de Misses Mary W. Bruce e Martha Jones. Sob o ponto de vista sanitário alem de outras conveniências, não ha talvez melhor lugar, naquella cidade para um collegio de primeira ordem. É esta uma empreza religiosa sob o cuidado da Egreja Methodista. Desejamos-lhes grande prosperidade. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1888, p. 4)

⁴⁵ Informação Disponível em: <<http://www.bennett.br>>.

Na citação acima é possível perceber que a Escola, segundo o anúncio, possuía boas instalações sanitárias, ou seja, a Educação nessa perspectiva estava ligada ao espaço escolar. Luciano Mendes de Faria Filho e Diana Gonçalves Vidal (2000), discutiram a questão da importância do espaço escolar para o desenvolvimento da educação brasileira, sobretudo no final do século XIX. Os autores apresentaram que nesse período os higienistas chamavam a atenção para as péssimas condições dos prédios escolares e que esses espaços influenciavam na aprendizagem das crianças. Sobre a questão dos espaços escolares Cynthia Greive Veiga (2009) argumenta que:

Ao longo das primeiras décadas do século XX e principalmente com a expansão das concepções da escola nova, cada vez mais a escola deixa de ser pensada como um mero conjunto de sala de aula. Além dos espaços já conhecidos acrescentam-se refeitórios e auditório para apresentação de teatros, corais, danças, exibição de filmes, festividades cívicas entre outros eventos. As próprias salas de aula passaram por modificações em sua concepção, seja com a introdução de mobiliário desenhado a partir do corpo da criança, seja com alterações na própria disposição do mobiliário, ou com a introdução de novos materiais pedagógicos e nova dimensão estética. É o caso da fixação de cartazes, mapas e murais nas paredes da sala ou da criação de cantinhos de atividades, minibibliotecas e pequenos museus com coleções de amostras várias. (VEIGA, 2009, p. 10)

A higiene escolar foi tão importante para as escolas confessionais protestantes que uma notícia publicada no Expositor Cristão em 1942 relatou a criação do “Serviço Evangélico de Educação Sanitária”. Tal serviço tinha por objetivo estimular e orientar uma campanha de saúde entre os evangélicos, para isso procurou ajuda em organizações que trabalhavam com a higiene no Brasil, com maior respaldo do Governo que doou livros da coleção “Serviço Nacional de Educação Sanitária⁴⁶”, sendo esse trabalho ligado ao Governo Federal.

O material seria distribuído nas bibliotecas de todas as Escolas Protestantes do país e os pastores e diretores deveriam lê-lo antes da distribuição para saber aproveitar ao máximo o seu teor. Sobre o conteúdo dos livros Souza (2011) escreveu:

Suas edições retratavam os hábitos e cuidados com a saúde através de uma linguagem humorística acessível a pessoas de qualquer idade, ajudando a tornar o tema saúde mais atraente para o público em geral, seja dona de casa, pai de família, patrão, empregado, crianças ou adolescentes. Essas cartilhas eram produzidas em formato de bolso e distribuídas regularmente a pessoas,

⁴⁶ Sobre esse tema há o “As práticas educativas em saúde: o Serviço Nacional de Educação Sanitária em estudo (1940-1970)” escrito por Érica Mello de Souza.

entidades, jornais, serviços de rádio-difusão e revistas, além de serem remetidas a quem se interessasse em recebê-las, bastando que as pessoas enviassem uma carta para a editora, informando o fim para o qual solicitavam a cartilha e a quantidade desejada. (SOUZA, 2011, p. 9)

Na matéria “Educação”, publicada em 23 de janeiro de 1928, houve a discussão sobre a importância da Educação para o progresso do Brasil e, além disso, se discutiu como a Igreja Metodista poderia contribuir para o avanço da educação no país, ajudando assim, o desenvolvimento nacional. Três foram as perguntas norteadoras da discussão: A grande necessidade nacional de Educação, quem deveria levar esse “socorro” pela nação e se a Educação seria completa sem o ideal Cristão.

O texto ainda apresenta dados, apontando que em 1928, 80% da população brasileira era analfabeta e por conta disso, muitos jovens tinham um futuro destruído. A matéria chama ainda atenção para o fato de que muitas crianças que não estavam frequentando a escola estariam trabalhando em diversos setores e que isso era um crime, cabendo a Igreja buscar meios para coibir tal ato. A matéria se encerra com o seguinte apelo:

A criança deve estar na escola. Ella tem o direito dos cuidados dos maiores. A criança precisa de treinar seu intellecto, fortificar os seus músculos, embellezar a sua alma. Ella não pode dirigir-se, e os que deveriam dirigir a exploram, a deturpam, a martyrizam. Escolas, escolas, escolas e mais escolas abri as vossas portas! Crianças não é o vosso logar a officina e o escriptorio, não! Amanhã a Patria precisará de vós e se não estiverdes preparados, fortes sadios, virtuoso, que será della? (EXPOSITOR CRISTÃO, 1928, p. 3)

Assim, se a educação era um meio de trazer o progresso para o Brasil e utilizada pelos protestantes para evangelizar, para os Metodistas as Escolas não eram vistas apenas como lugares onde se ensinava o conhecimento científico, mas reconhecidas como extensão das igrejas. Dessa maneira, deveriam ter um bom espaço físico, professores que tivessem convicção de sua fé e um trabalho pedagógico que levasse a esse fim. A matéria “A função evangelizadora dos nossos colégios”, escrita por Oscar Machado da Silva, no Expositor Cristão de 23 de novembro de 1932 deixa implícita essa questão:

Os collegios evangélicos só teem uma justificativa – a sua função eminentemente evangelizadora. A instituição que ensina a “moral” sem o Evangelho está tentando fazer homens “bons” sem Jesus Cristo. O estabelecimento de ensino que se desvia de sua função evangelizadora, é igual ao obreiro que se esquece de sua vocação cristã. O collegio evangélico que só “ensina bem” pode estar com seus dormitórios superlotados e com suas salas abarrotadas de alunos, mas está enganando a Igreja a quem deve a

sua existência e de quem depende, ainda, para a sua manutenção. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1932, p. 9)

Segundo o Expositor Cristão de 1933, a matéria sobre a função dos Colégios Metodistas, teve ampla repercussão e incentivou Oscar Machado da Silva a continuar escrevendo sobre essa temática. Em 21 de junho de 1933, foi publicada a segunda parte da matéria que versava sobre a importância das Escolas Metodistas em todo o Brasil, manterem íntima relação com as Igrejas Metodistas locais.

O ambiente escolar deveria ser tão parecido com o da Igreja, que os Pastores tinham que sentir-se em casa, não diferenciado a instituição escolar de sua própria Igreja e se isso não ocorresse as circunstâncias deveriam ser revistas.

Não se compreende que um colégio evangélico deixe de manter as mais íntimas com a igreja local e vice-versa. A falta dessa articulação perfeita entre a igreja e o colégio é a demonstração mais cabal de que um dos dois está errado, ou de que ambos precisam mais do “espírito que houve também em Cristo Jesus”. E, neste particular, não nos esqueçamos que o ministro, em grande parte, representa a igreja que esta a seu cargo, e o diretor ou diretora, o colégio que pela graça de Deus, está dirigindo. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1933, p. 6)

Ora se para os metodistas as Igrejas eram Escolas, e uma das melhores maneiras de se evangelizar consistia na alfabetização, era preciso ampliar o trabalho educacional. Nesse sentido Martha Watts ficou responsável, após reunião da Sociedade de Mulheres Metodistas do Brasil em 1888, em organizar e expandir o trabalho educacional metodista em todo o Brasil havendo aprovação da liderança Metodista para esse empreendimento.

Pode-se observar no quadro abaixo, tendo como base as informações do Expositor Cristão de 6 de dezembro de 1938, ou seja, 50 anos após o projeto de Martha Watts para a expansão educacional, algumas Escolas Metodistas do Brasil. No quadro é exposto os cursos oferecidos e a quantidade de alunos formados.

Quadro 4 – Expansão educacional em Escolas Metodistas do Brasil em 1938

Instituição	Cursos	Alunos Formados em 1938
Granbery	Pedagogia, Ciências e Letras, Peritos Contadores, Curso Secundário Fundamental	Pedagogia (3), Ciências e Letras (2), Peritos Contadores (16), Curso Secundário Fundamental (65)

Instituto Alegre	Porto	Ginásio, Escola de Comércio	Ginásio (28), Escola de Comércio (3)
Colégio Piracicabano		Ginásio	Ginásio (37)
Ginásio Noroeste		Secundário	Secundário (8)

Fonte: elaborado pelo autor.

Na descrição feita no Expositor Cristão de 6 de dezembro de 1938, há a relação dos nomes dos formandos, em cada curso e nas diversas Escolas ligadas a Igreja. A partir disso constata-se que a maioria dos concluintes eram do sexo masculino, até mesmo em cursos que na atualidade há a prevalência de mulheres como, por exemplo, Pedagogia.

Atualmente, as Instituições de ensino Metodista integram a Rede Metodista de Educação, com liderança do Instituto Metodista de Serviços Educacionais (COGEIME), fundado em 22 de abril de 1967, e que apresenta no Artigo 2 do seu Estatuto sua finalidade: “O COGEIME, entidade que planeja, coordena, supervisiona, integra, apoia, acompanha e controla, obrigatoriamente, todas as unidades da Rede Metodista de Educação, de qualquer nível ou natureza, quer gerais, regionais ou locais[...]”

Segundo dados da Rede Metodista de Educação⁴⁷ no Brasil há 50 instituições educacionais ligadas a Igreja Metodista, espalhadas em 10 Estados da federação, atendendo cerca de 60 mil alunos, distribuídos em Educação Básica, Ensino Técnico e Ensino Superior, nas modalidades à distância e presencial. Ainda segundo informações da Rede, a educação metodista está presente em 60 países, nos cinco continentes e com mais de 700 instituições.

É possível dizer que a Educação Metodista no Brasil em seus primeiros anos ficou a cargo das mulheres e embora tivesse participação dos homens que assumiram funções de professores e diretores, a organização e abertura de novas escolas ficou sob responsabilidade feminina.

O jornal Expositor Cristão, por ser órgão oficial da Igreja Metodista, sempre divulgou notícias relacionadas a Educação dessa denominação. Uma notícia de 1888 apresentou uma escola que havia sido aberta no dia 7 de fevereiro daquele ano, em São Paulo. Era uma escola mista, ou seja, aceitava meninos e meninas, cujas aulas eram realizadas no salão de cultos da Igreja Metodista, sob direção da Missionária Jennie Kannedy, esposa do Missionário James

⁴⁷ Rede Metodista de Educação. Disponível em: <<http://www.metodista.br>>.

Kannedy, redator do Expositor, sendo uma Escola de primeira e segunda letra. De acordo com Ferreira e Carvalho (2011):

Estas escolas eram estabelecidas isto é uma escola constituída de um professor com uma sala hoje denominada de multisseriada, que ministrava o ensino elementar a um grupo de alunos em níveis ou estágios diferenciados de aprendizagem em uma mesma sala. E conseqüentemente após a reunião dessas escolas que se originaram, ou seja, foram substituídas pelos grupos escolares. Surge, portanto no bojo do projeto republicano de modernização do povo e de civilização das camadas sociais de massa, um modelo educacional que embora tenha sido implantado em São Paulo primeiramente vai aos poucos se difundindo se propagando pelos demais estados do país. (Ferreira & Carvalho, 2011, p. 4)

Ainda de acordo com a notícia sobre a Escola comandada pela Missionária Kannedy, a escola contava com 12 alunos, e era entendida como um grande projeto de Deus. Na mesma seção “Noticiário” de 15 de fevereiro de 1888 encontra-se uma informação sobre o Colégio Piracicabano que segundo as descrições no jornal Expositor, naquele ano contava com 86 alunos, sendo 13 internos, das quais 5 eram novos alunos.

Uma matéria do dia 8 de agosto de 1890 intitulada de “A Eschola” discorre sobre a importância do bom caráter do professor, que segundo sua função influenciava a vida moral dos alunos. Dessa maneira, o professor não poderia esquecer o ditado: “Tal pai, tal filho, tal professor, tal discípulo” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1890, p. 2), e qualquer erro de sua parte poderia ter reflexo na vida dos seus alunos.

Essa ideia de professores imaculados foi sempre cobrada pelos protestantes que baseavam suas ações em Jesus Cristo, visto como referência de vida, ou seja, não bastava alguém professar a fé em palavras, seriam as obras vistas pelos homens, que testemunhariam uma vida correta. Partindo desse pensamento, é possível dizer que a função de professor, tinha o mesmo peso da função de Pastor ou Missionário e isso foi apresentado nas páginas do Expositor Cristão.

Em 14 de agosto de 1929 a matéria “O Professor e suas qualidades essenciaes” informando que acima de todo o conhecimento necessário para ensinar, o amor pela profissão e pela fé deveriam ser marcas de sua atuação.

E precisamos de muitos, que o sejam na ampla accepção do termo: professores de força moral, de devotamento, e capazes de deixar gravado indelevelmente na alma de seus alumnos, não somente os ensinamentos materiaes, mas uma impressão clara e forte de sua própria espiritualidade, de

sua vida, de seu character. Não basta que o professor tenha variada e vasta cultura, que seja inteligente. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1929, p. 8)

Em 24 de junho de 1931, a Igreja Metodista organizou um Congresso de Educação e conforme apresentado no Expositor, o evento tinha o objetivo de discutir algumas práticas que eram adotadas nas escolas Metodistas. Entre os vários debates levantados, algumas questões recaiam sobre a formação do professor, que deveria ter um conhecimento científico para um bom desenvolvimento do seu trabalho, além disso, conforme descrição do Congresso, outro ponto debatido foi sobre a violência e agressão sofrida pelos alunos e que deveria ser uma prática não utilizada pelos professores:

As grandes verdades não entrarão no coração usando-se, para isso, meios violentos ou agressivos. É necessário que se faça um estudo acurado da condição da alma, abrindo-lhe o coração, e só depois de bem estudá-la, o educador encontrará a porta aberta para nelle introduzir as grandes verdades de Deus, relativas ao homem. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1931, p. 11)

Embora a discussão sobre os castigos físicos na Escola ter sido um dos temas do Congresso Metodista, a proibição desse ato ocorreu com a Lei Imperial de 15 de outubro de 1827, que dizia que os castigos físicos deveriam ser substituídos por castigos de cunho moral, o que não deixava de ser um tipo de castigo.

Na descrição do Congresso de Educação no Expositor, também se observa que os Metodistas estavam preocupados com a prática pedagógica, entendida por Gimeno Sacristán (1999) como a ação do professor em sala de aula, o seu desenvolvimento e compromisso com o ensino e aprendizagem. Nesse sentido, os professores metodistas deveriam entender sua prática educativa como um meio de levar seus alunos a Deus. Para isso, os conteúdos deveriam se preocupar em apresentar aquilo que fosse percebido como verdade, baseando-se na Bíblia.

Todas as ações da Igreja Metodista eram debatidas no Congresso Anual da Igreja Metodista, no qual se apresentava novos projetos, reformulava os que estavam em andamento, se discutia pontos polêmicos da Igreja e se apresentava novos líderes. A Educação era um assunto debatido, sendo propostas adequações ou mudanças para as atividades educacionais.

Em 1936 encontra-se no Expositor a matéria “Os objectivos da Educação Christã” em que Oscar Machado da Silva sugere congressos voltados somente para a Educação, entendendo que para o Metodismo ela era essencial para a evangelização. Nessa mesma matéria Oscar Machado apresentou os principais objetivos da educação Metodista, sendo:

- A construção do caráter segundo os ensinamentos de Jesus;
- A aproximação do indivíduo a Deus;
- O exercício da ação cristã (social).

É possível identificar, a partir da análise do Expositor, que a ação social não se limitava aos membros da denominação, mas buscava atender, sobretudo os doentes, viúvas e pobres, entretanto, não encontrou-se no periódico como ocorria a ligação da Educação com a Ação Social. É interessante observar que em vários textos bíblicos, esses grupos minoritários, sempre foram os mais amparados por Leis divinas à Israel (na Bíblia era considerado o povo escolhido de Deus), por serem tidos como desprotegidos.

Outra questão encontrada no Expositor foi a respeito da Educação Religiosa nas escolas públicas do Brasil. Para os Metodistas nessas escolas o ensino deveria ser laico, conforme a Carta Magna de 1891, que vetou o Estado de qualquer aliança com denominações que pudessem manifestar suas doutrinas em instituições estatais. Sobre essa questão Cury argumenta que “[...] desde a proibição do ensino religioso nas escolas oficiais em 1891, a Igreja Católica, se empenhou no restabelecimento desta disciplina ora no âmbito dos estados, ora no âmbito nacional, sobretudo por mudanças constitucionais” (CURY, 2004, p. 189).

O Expositor de 3 de janeiro de 1939 descreveu uma ação Metodista que questionou a presença de crucifixos, que simbolicamente remetiam ao catolicismo romano, em escolas públicas do Rio Grande do Sul. Pautados na laicidade do Estado enviaram pedido ao Secretário de Educação para a comemoração nas escolas públicas do “Dia da Bíblia” sendo esse um símbolo do protestantismo. O pedido foi aceito, e os Metodistas comemoraram esse dia em diversas instituições escolares públicas e a matéria se encerrou com a seguinte recomendação: “Sirva esta notícia para orientação dos Pastores em casos idênticos” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1939, p. 14).

É possível perceber também que a Educação Metodista tinha a pretensão de formar sujeitos patriotas, conforme entrevista do professor Alfredo Anders ao Expositor Cristão de 11 de julho de 1939. Ao falar sobre as escolas Metodistas do Brasil apresentou que: “Mas o que nos importa acima de tudo, é que nossos alunos recebam as bases de um caráter cristão e patriótico” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1939, p. 7).

O patriotismo consiste no amor a pátria e reverência aos símbolos que a representam, como a Bandeira e o Hino Nacional. É importante entender que o sentimento nacionalista e patriótico se intensificou com a Proclamação da República em 1889, uma vez que era preciso voltar-se para o Brasil e evocar tudo o que pudesse representá-lo. Como já mencionado Getúlio Vargas teve o patriotismo como marca em seu governo. Exemplo disso é que em

1936 por meio da Lei 259 de 1º de outubro, estabeleceu a obrigatoriedade do Hino Nacional em todas as Escolas do país e as que não cumprissem a ordem seriam fechadas.

Ainda sobre o patriotismo na Educação Metodista é preciso considerar que sua autonomia ocorreu em 1930 e como bem afirmou José Carlos Barbosa (2005) era necessário que a Igreja Metodista Brasileira criasse a sua própria identidade, embora sua base fosse norte-americana seria preciso que o Metodismo Brasileiro fosse capaz de criar características próprias. Sobre isso Barbosa (2005), apresentou que:

O processo de autonomia representou para o metodismo brasileiro um grande esforço no sentido de delimitar/reconhecer sua própria identidade eclesial. Inúmeros temas foram avaliados, desde a base doutrinária apoiada na interpretação metodista das Sagradas Escrituras, o sistema de governo a ser adotado e até mesmo o papel das escolas metodistas dentro na nova conjuntura. (BARBOSA, 2005, p. 217)

Ainda segundo Alfredo Anders as Escolas ligadas à Metodista deveriam primar em seu ensino pela Língua Portuguesa, uma vez que muitos alunos não dominavam as regras gramaticais de sua língua materna, sugerindo que fossem criados grupos de estudo para uma melhor aprendizagem da Língua. Além disso, reconheceu a importância do ensino de inglês nas escolas por considerar uma língua de importante abertura em todo o mundo, mas as Escolas Metodistas deveriam ter o cuidado de dar a mesma atenção à Língua Portuguesa.

Sobre isso considera-se que a língua é símbolo de uma cultura, patrimônio cultural de um povo conforme diz Faraco (2008), desse modo, o seu estudo é um meio de introjetar elementos de patriotismo. Deve-se considerar que havia uma grande presença da cultura norte-americana nas escolas Metodistas, devido os seus fundadores, assim, era preciso dar maior ênfase aos elementos nacionais.

A partir de 1943, os Metodistas publicaram diversas matérias no Expositor Cristão, em que debatiam a Reforma do Ensino Secundário, estabelecida por meio do Decreto-Lei 4244 de 1942. A matéria “Coisas do Ensino” questionou a criação do ensino colegial, argumentando que esse não satisfaria a necessidade da Igreja, que era formar pessoas habilitadas para a pregação do Evangelho e que esse tipo de ensino já ocorria nas Faculdades teológicas ligadas a essa denominação. Segundo a matéria os jovens cristãos seriam matriculados em escolas que embora oferecessem o ensino colegial não propiciaria um ambiente favorável a fé Cristã.

É natural, perfeitamente natural, que se operem nêles profundas mudanças que fatalmente, os levarão a novos objetivos profissionais. E virão as recriminações, os desapontamentos, tristezas e feridas que jamais cicatrizarão. E que diremos sobre o currículo desses colégios tão alheios, na sua estrutura e ministração às necessidades daqueles, cujo objetivo é o curso superior da Faculdade de Teologia? Que alimento espiritual se pretende dar a esses jovens na mais crítica e plástica fase da sua vida? (EC, 13/4/1943, p. 3)

Outra ideia refutada pelos Metodistas e apresentada na Reforma Educacional, era salas de aulas destinadas somente para meninos e somente para meninas. Sobre esse assunto a matéria “A Coeducação” apresentou que essa proposta do Governo acarretaria maior ônus a Educação do Brasil e que o convívio entre meninos e meninas era benéfico para o crescimento social dos jovens. Sobre a permanência de salas mistas houve a seguinte justificativa:

Hoje, os sexos convivem nas praias, nos cinemas, nos salões de baile, nas igrejas, nos clubes, nos campos de esporte, como nunca se deu antes. Por que impedir que convivam na escola, sob a égide do professor, no aprendizado da ciência e na prática das virtudes cívicas? Não é justo separar na escola os homens e mulheres que nela devem aprender a respeitar-se, na justa apreciação das mutuas qualidades. (EC, 20/7/ 1943, p. 5)

Desse modo a partir do estudo no Expositor é possível dizer que a educação Metodista cresceu desde a fundação do Colégio Piracicabano e se concentrou em um primeiro momento onde a presença da denominação se deu com maior intensidade: São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Nota-se que em 1888 apenas uma nota referenciava à educação Metodista, Todavia, como apresentamos aqui a educação para os Metodista era concebida como meio de evangelização e por isso teve grande empenho por parte de toda essa Igreja. O próximo subitem analisará como o jornal Expositor Cristão apresentava o que era ser civilizado, a partir do olhar protestante e especificamente Metodista.

3.2 Civilidade e Civilização em Papel e Tinta

Para uma melhor compreensão de civilização adotou-se aqui o conceito de civilização, formulado por Norbert Elias como sendo uma “grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias e aos costumes” (ELIAS 1994, p. 23). Elias deixou o conceito de civilização em aberto, podendo referir-se ainda ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Exemplo disso é que em tempos passados pegar os alimentos com as

mãos e comer era aceito, todavia quando houve a instrumentalização desse ato, com a inserção dos talheres, pegar os alimentos com as mãos se tornou incivilizado, ou seja, houve a mudança nos costumes.

Para um melhor entendimento dos conceitos sociológicos de Norbert Elias, é relevante apresentar alguns apontamentos feitos por Cas Wouters⁴⁸ durante conferência no XIV Simpósio Internacional Processos Civilizadores, realizado na UFGD em 2012, na qual discorreu como o controle social e o autocontrole social, as relações de poder e regulações emocionais, se conectam aos processos sociais e psíquicos. Para isso, apresentou 7 tipos de balanças sociais, sendo:

1. **Balança de poder** – existente entre os países, regiões, classes sociais, gerações e sexo. As relações estão envolvidas em poder, os seres humanos são dotados de emoções e poder. Os sentimentos influenciam nas relações de poder, se há variação nas relações, então há variação na balança. Nessa perspectiva o poder é variável, não sendo estático.
2. **Balança dos controles** – para haver controle é necessário pesar na balança. Um exemplo desse controle é a figura da mulher que com o desenvolvimento humano teve que mudar alguns comportamentos, obrigando o homem a mudar. Outro exemplo é uma pessoa tímida, mas em algumas circunstâncias resolve beber e assim ela se sente autoconfiante, ou seja, a bebida é um catalisador das emoções internas que refletem nas ações externas.
3. **Balança de competição e cooperação** – sempre haverá competição entre pessoas, indicando o nível de competição que essa pessoa se encontra. Assim é necessário refletir sobre até que ponto há competição na cooperação e cooperação em competição e quanto lazer tem no trabalho e quanto trabalho tem no lazer.
4. **Balança de formalidade e informalidade** – há diferença entre situações formais e informais, um exemplo disso é uma pessoa que está vestida para uma ocasião formal, e irá se comportar de maneira formal, todavia ao encontrar amigos em uma ocasião não formal ela vai ter comportamentos informais, mesmo estando com uma roupa formal.

⁴⁸ Sobre esse sociólogo consultar informações disponíveis em: <http://www.norberteliasfoundation.nl/network/profile.php?proflid=5>.

5. **Balança do envolvimento e do distanciamento** – o aumento dos níveis de distanciamento dos envolvimento afetivos e das fantasias e medos andam lado a lado. Essa balança também se refere a intimidades, empatia e reflexão. Um exemplo disso é a relação entre pais e filhos, pais autoritários tendem afastar os filhos de si, enquanto que pais flexíveis os aproximam.
6. **Balança do Nós-EU** – não existe uma identidade do EU sem uma identidade do NÓS. Na maioria dos casos, a identificação com famílias e grupos estabelecidos é quase automático, particularmente quando a sua posição de superioridade é dificilmente contestada. Se o Eu pensa em si e o NÓS pensa em si então há desequilíbrio.
7. **Balança da sensualidade** – Todos nós desenvolvemos esse tipo de balança que é mais ou menos característico da nossa geração. O sexo e o amor mudam de acordo com as gerações, o que era imoral algum tempo atrás passa a ser aceito e vivenciado por muitos hoje. Exemplo disso é que a poligamia era aceita em quase todas as sociedades, hoje se reserva a uma minoria e ainda condenada por grande parte dos grupos.

Desse modo, quando aborda sobre o conceito de civilização, baseado em Elias, é preciso compreender que de forma genérica as ações humanas sempre estarão sendo compreendidas como civilizadas ou incivilizadas. Sabendo que o julgamento parte de um indivíduo ou de um grupo que ao analisar seu comportamento o julga como superior ao do outro. Para exemplificar isso, considera-se, por exemplo, quando os portugueses atracaram no Brasil e julgaram sua cultura superior ao das populações nativas ao ponto de quererem subordiná-las ao seu modo de vida. Sobre isso Ademir Gebara (2007) argumenta que:

Duas direções tornam-se perceptíveis nas configurações que se estabeleceriam entre os nativos e "chegados", de um lado o pressuposto religioso, a construção de uma identidade fundada em um projeto educacional definido e conduzido pela verdade revelada. De outro lado, a condução de um processo onde a racionalidade dominadora impunha-se na construção de interdependências socializantes. A escravidão é o limite deste processo, sendo, por isso mesmo um foco de tensões nesta realidade contraditória, processo este bastante evidente quanto se tratou da organização do Estado no início do Século XIX. (GEBARA, 2007, p. 4)

Para os missionários protestantes a salvação estava aliada a mudança de costumes, uma vez que não bastava o indivíduo converter-se ao protestantismo, era necessário haver a mudança dos seus comportamentos e de acordo com Nascimento (2010) “Para aqueles

missionários, era necessário adaptar o comportamento daqueles indivíduos, através do convívio e de mecanismos reguladores da conduta, para aqueles que se aproximassem do padrão de civilização atingido por sua sociedade” (NASCIMENTO, 2010, p. 16).

Nessa direção, norteia-se pelo pensamento de Norbert Elias e John Scotson apresentado em sua obra “Os Estabelecidos e Outsiders” (2000). Norbert Elias e John Scotson apresentaram que em uma comunidade inglesa de Winston Parva, a primeira vista homogênea, havia uma divisão de grupos. O primeiro se reconhecia como Estabelecidos e a partir da sua percepção via o outro como *Outsiders*. Embora esse estudo tenha ocorrido dentro de um determinado grupo, as reflexões podem ser aplicadas em outras localidades, já que a observação se pauta em seres humanos.

Nas descrições do Expositor Cristão os indígenas eram denominados de: selvícolas, selvagens, pobres irmãos das matas, aborígenes e segundo notícia publicada no Expositor Cristão em 1929, os habitantes dessa região eram denominados de brasileiros mansos, todavia o modo de vida dos douradenses era o principal meio de disseminação da degradação moral, sendo esse um comportamento abominável por Deus e que justificava o plano de salvação e civilização elaborado pelos missionários, ou seja, para que o trabalho entre os indígenas tivesse êxito, era preciso civilizar também os douradenses. O jornal Expositor Cristão apresenta essa visão:

Peor ainda é o estado moral dos índios; os que vão se amansando e entram em contacto com o brasileiro manso daquellas regiões, aprendem com facilidade a parte má daquele povo, e, como é natural em nossa natureza peccaminosa de gostar mais do que agrada á carne, tornamse logo bebados, ladrões, fumantes inveterados, e com estes veem outros, e os pobres selvícolas se atolam, quando mansos, cada vez mais no lamaçal do pecado, e se definham com vícios perniciosos do mundo (EXPOSITOR CRISTÃO, 1929, p. 2).

Paula Nudmila (2011) também apresenta que a construção de imagens nos jornais protestantes, tanto dos indígenas quanto dos missionários foi um importante recurso para o estabelecimento e efetivação do trabalho missionário em Mato Grosso. Assim, argumenta:

Observamos que todo o projeto de catequese, civilização e educação indígena é marcado, de um lado, pela posição apologética dos missionários como os bonzinhos e heróis que adentraram o sertão do sul de Mato Grosso desbravando e oferecendo a suas vidas em prol da causa indígena. Por outro lado, os indígenas são sempre representados como seres inferiores, que padeciam de carências e dificuldade, suas casas eram feitas de modo primitivo. (SILVA, 2011, p. 108)

A partir dessa conceituação de Elias considera-se que por meio da coesão do trabalho protestante no Brasil é que os missionários conseguiram estigmatizar as populações nativas, fato esse que permitiu uma grande abertura em todas as regiões brasileira para a evangelização e civilização. Sabendo que a evangelização tem como objetivo levar o indivíduo reconhecer sua condição de pecador e que sua vida está fora dos padrões divinos, sendo assim suas práticas não permitirão desfrutar dos benefícios celestiais. Como apresentado no Capítulo II, para os protestantes a doutrina da Igreja Católica Romana não deveria ser confiável e estava sobre eles a responsabilidade de anunciar as verdades bíblicas.

Encontrou-se no Expositor Cristão algumas normas de condutas sociais. Um delas foi publicada no dia 1 de janeiro de 1887, na matéria “O Casamento”, na qual se debatia a função do casamento e sua importância na sociedade, apresentando o conceito de que “O casamento é o verdadeiro caminho do paraíso; -si muitas pessoas nelle se perdem e vão esbarrar no inferno, é por não praticarem as puras doutrinas, afastando-se da verdadeira méta” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1887, p. 1).

Essa mesma matéria, de 1 de janeiro de 1887, chama a atenção para a função do marido, que deveria ter um bom cuidado para com suas esposas. O texto indica que os maus tratos às mulheres resultavam em mulheres más, além disso, os homens não deveriam ser infiéis indicando que muitos crimes cometidos por mulheres tinham princípio na infidelidade. O ciúmes também é descrito como motivo de conflitos entre os cônjuges, apresentando que: “Outra causa que origina muita infelicidade no lar domestico está em que o marido é ciumento sem razão; na falta de confiança da parte do marido. Elle tem medo de que a sua mulher o possa trahir” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1887, p. 1)

A partir do Expositor Cristão é possível dizer que a família sempre foi apresentada como a base de toda a sociedade e o modelo familiar encontrado nas páginas do periódico era: pai, mãe e filhos, no chamado modelo de “família ideal”. Sobre essa questão de ideal familiar Cynthia Greive (2009) tece importante consideração:

Elias observa que o movimento de mudança nas relações de dominação entre adultos e crianças acarreta tensões não somente para o meio familiar, mas também para toda a sociedade e se torna um problema social. Contudo, a percepção deste problema enquanto sintoma de mudanças nas relações sociais que precisa ser debatido e melhor encaminhado muitas das vezes é desviado por representações idealizadas de família, impedindo a discussão dos problemas concretos socialmente vivenciados. Os problemas das famílias não são exclusivamente problemas privados, mas do curso da civilização. (VEIGA, 2009, p. 4)

Todos os lares cristãos deveriam expressar a alegria de servir a Deus, bem como ser exemplo para aqueles que ainda não eram evangélicos. Na Fotografia 9 podemos ver o núcleo familiar apresentado no Expositor, sendo esse um modelo familiar comum no século XIX e XX.

Figura 13– Recorte da fotografia do Expositor Cristão em que aparece o modelo de núcleo familiar idealizado pelos Metodistas



Fonte: Expositor Cristão, 29 out. 1940

A partir de 1940 houve o aparecimento da seção “Nossos Lares” e descrevia como era ou deveria ser o lar cristão. As mulheres deveriam ser sóbrias e disponíveis para fazer a obra de Deus, além de serem responsáveis pela educação dos filhos, os maridos deveriam zelar pela família, serem exemplos para os filhos e sacerdote do lar e os filhos deveriam aprender no ambiente familiar as boas maneiras apreciadas em toda a sociedade, também deveriam sempre obedecer aos pais.

A relação familiar encontrada no Expositor Cristão, sobretudo àquela entre pais e filhos, remete aos estudos de Norbert Elias *La civilización de los padres* (1998) em que analisa como a relação entre pais filhos sofre alterações durante os séculos, o que mostra como essa configuração não é estática e uma das possibilidades desse movimento e está na

necessidade de os filhos viverem sua própria vida e sendo entendidos como seres humanos com direitos mas que possuem uma dependência dos pais.

Como nas demais relações sociais, pais e filhos vão desenvolver um grande autocontrole, um equilíbrio emocional, sendo essa relação marcada por uma característica básica: os pais mandam e os filhos obedecem, ou seja, explicitamente há uma relação de poder. No Expositor é possível perceber que as boas maneiras dos filhos seria o resultado de uma boa educação dada pelos pais, e isso só seria possível se houvesse nessa educação a presença das doutrinas bíblicas, como visto no Expositor Cristão de 3 de junho de 1941:

Assim, como poderemos alcançar um mundo melhor para os nossos filhos? A herança que nos fica, são guerras peores do que as que presenciamos na atualidade. Precisamos evangelizar os nossos, pô-los no caminho da salvação fazer deles modelos de perfeição cristã para os de fora. Os pais que não procuram consagrar uma pequena parte de seu tempo para evangelizar e educar religiosamente os seus filhos, podem trazer à sua consciência um cautério inextinguível. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1941, p. 4)

Buscando entender o processo civilizatório entre pais e filhos, Norbert Elias (1998) propôs uma investigação nas nações industriais mais desenvolvidas dos nossos dias. Um ponto de partida proposto se deu ao pensar qual a função do pai para o filho e do filho para o pai. A dos pais sobre os filhos parece óbvia, mas há também de considerar o poder dos filhos sobre os pais, uma exemplo é quando o recém-nascido chora, ou até mesmo quando os pais mudam seu estilo de vida com a chegada deles. Nesse sentido, deve-se pensar que hoje com a ajuda tecnológica os pais podem planejar a chegada dos filhos, mas em outras épocas isso não acontecia, os filhos não tinham quase nenhuma função para os pais.

Dessa forma, não se pode, ancorado no séc. XXI, julgar a relação de pais e filhos de outros tempos, bem como o abandono e morte das crianças, se descartar a ideia de condições de sobrevivência. Até mesmo a questão afetiva deve ser percebida não como algo somente natural, mas uma construção social.

Elias (1998) apresenta que a interação das ações planejadas de muitos homens vai resultar em um desenvolvimento social, sem que haja um planejamento prévio, todavia nessa interação há intenções e propósitos. Em todos os tempos não se deve esquecer que há relação de poder e que ele está em uma balança.

Até mesmo a família, vista em muitos anos como configuração estável, vem sofrendo mudanças, a entrada do Estado é um exemplo disso. Nesse sentido a relação entre pais e filhos

está dentro dessa transformação, as crianças deixaram de ser vistas como reflexos dos adultos e foram entendidas como pessoas com necessidades distintas.

Elias (1998) chama a atenção para a mudança no comportamento da relação entre pais e filhos, apresentando que essa transformação reflete na convivência social do indivíduo. Um comportamento, segundo o Expositor fruto da relação familiar, foi publicado no dia 15 de junho de 1887 na matéria “A mentira”, argumentando que a pessoa que tem como costume mentir não tem ligação com Deus, pois esse mal foi introduzido no mundo pelo diabo. Além disso, mentir é a causa de muitas destruições sociais. O texto ainda apresenta que a mentira é ensinada nos lares onde os familiares não possuem fé e a consequência é a destruição moral do homem.

[...] basta volver os olhos para o que se assa na família, no elemento social, basta attender á educação sem fé que recebem as crianças; o nome de Deus não é quase invocado, só si chama pelo diabo, e a primeira lição que recebem os filhos é a da mentira; e assim sendo, não é natural que os homens desenvolvam na sociedade outros hábitos que não os contrahidos no lar, outros costumes que não os adquiridos na infância, nessa primeira idade em que todas as impressões gravam-se profundamente. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1887, p. 3)

Nessa citação a mentira está ligada a hábitos destrutivos no homem e que são expressos na sociedade. Assim, chama a atenção para um determinado costume que embora partisse do EU tinha reflexos no NÓS, ou seja, o ato de mentir era um problema social. No contexto bíblico a mentira é extremamente combatida, ao ponto de quem cometer tal pecado ser considerado filho do diabo. Desse modo, somente a verdade poderia retirar o homem do seu estado pecaminoso.

Foi encontrado no Expositor Cristão um intenso combate por parte dos Metodistas aos vícios, com maior veemência para o alcoolismo e o tabagismo. A primeira matéria sobre essa questão foi publicada no segundo número do Methodista Catholico e apresentava como causa do aumento das mortes do coração, nos anos de 1883 e 1884 o intenso consumo de bebidas alcoólicas. Sendo assim, cabia ao Governo, a imprensa e a Igreja soluções para o fim desse mal no Brasil.

No Expositor Cristão o modo de vida dos evangélicos deveria ser um modelo a ser seguido por todos, uma vez que o seu comportamento seria uma importante forma de evangelizar, bem como uma maneira de civilizar, por ser um padrão a ser copiado. Aos 10 de

fevereiro de 1942, foi publicado a matéria “O Cristão e sua personalidade” que ajuda a perceber como seria o comportamento correto dos que confessavam o evangelho de Cristo.

A matéria apresenta uma definição de personalidade: “Então que é personalidade? Personalidade é um conjunto de qualidades ou virtudes” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1942, p. 4) e apresenta três características principais dos protestantes, sendo:

- Renúncia – Todos os Cristãos protestantes deveriam renunciar a sua própria vida em favor de Jesus, entendendo que o próprio Cristo deu a sua vida por amor à humanidade;
- Altruísmo – o papel fundamental da vida cristã é servir. Segundo a matéria mesmo Jesus sendo Rei não olhou para isso e esteve disposto a servir todos os que dele necessitavam;
- Amor – esse sentimento foi apresentado nessa matéria como a expressão máxima do desinteresse, o traço maior que embeleza a vida do Cristão.

Carlos da Fonseca Brandão (2009), baseado em Elias (1994) argumenta que a personalidade e a sociedade se desenvolvem em uma inter-relação indissolúvel. Desse modo, quando se apresenta como deveria ser a personalidade do cristão, está sendo criado o perfil para os indivíduos que compõem aquela sociedade e todo comportamento que não seja condizente com os estabelecidos pelo grupo pode levar ao afastamento e a exclusão do indivíduo dessa sociedade. Sobre isso Oliveira e Oliveira (2012) argumentaram que:

A história das boas maneiras está diretamente relacionada às regras de comportamento social. Essa história refere-se não apenas a questão da etiqueta, mas também diz respeito à moral, à ética, ao valor interno dos indivíduos e aos aspectos externos que se revelam nas suas relações com os outros. Todas as sociedades, ao longo da história, criaram normas e princípios com a finalidade de orientar as relações entre grupos e pessoas. Apesar de nem sempre procederem do Estado, alguns desses princípios impunham regras que se não fossem seguidas, implicariam em penalidades, que iam da desaprovação à exclusão daqueles que não as respeitavam. (Oliveira& Oliveira, 2012, p. 3)

Sendo assim, não bastava o indivíduo dizer que era protestante, era preciso ter o controle de suas emoções. Um exemplo disso é que embora o sujeito tivesse a vontade de ingerir bebida alcoólica, deveria dominar seu desejo, por tal comportamento ser abominável para o seu grupo. Na pregação protestante o bom comportamento levaria ao céu, lugar

associado a paz, amor, bondade, ou seja, a maior recompensa que o cristão poderia esperar, já àqueles que mantivessem sua vida pautada em um comportamento deplorável e condenado pelos padrões bíblicos iriam para o inferno, lugar de sofrimento, choro, tristeza. Brandão (2009) apresenta que:

Para Elias, o controle dos impulsos e das paixões pelo indivíduo é feito através da coação externa (do meio social em que o indivíduo vive, por exemplo) ou através de coação interna, que ele vai chamar de superego. O processo civilizador, apesar de aumentar o autocontrole do indivíduo, seja por pressão externa ou interna, também é “acompanhado permanentemente por tipos de libertação dos mais diversos” [...]. (BRANDÃO, 2009, p. 67)

Uma maneira de coagir os vícios, com maior ênfase para o alcoolismo e tabagismo, era mostrar como esses vícios além de destruir a saúde física também destruíam a vida social do sujeito. A primeira matéria sobre essa questão foi publicada no segundo número do *Methodista Catholico* e apresentava como causa do aumento das mortes do coração, nos anos de 1883 e 1884, devido ao intenso consumo de bebidas alcoólicas. Sendo assim, cabia ao Governo, à imprensa e à Igreja Protestante Brasileira soluções para o fim desse mal no Brasil.

Em 3 de abril de 1929, a matéria “Combatendo os males sociais” fez uma relação entre o alcoolismo e as desgraças que ocorrem no mundo entre eles um dos principais motivos para o início da primeira guerra mundial. Outro mal associado ao álcool. Todavia, não bem explicado na matéria era a sífilis e segundo apresentado ambos os males destruíam o vigor da humanidade e ainda:

O álcool acarreta ao que delle faz uso inveterado males enormes, produzindo-lhes moléstias varias, como o delirium tremens, nephrites, moléstia do coração, do fígado, etc., todas de natureza grave, pois vão lentamente se installando até o dia em que, por uma causa qualquer, explodem, sendo pelos leigos attribuida a esse factor a sua doença, não sabendo elles que já vinham armazenando diariamente no organismo, com a ingestão de tão deliciosa quão desejada bebida pelo viciado. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1929, p. 4)

Dessa maneira, se os vícios acarretavam muitos malefícios físicos e sociais o Expositor publicou a matéria “Os vícios e a criminalidade”, em 26 de abril de 1929, apresentando que a regeneração do indivíduo seria possível caso se submetesse ao Evangelho de Cristo:

Poderia o homem fugir dessa mesologia fatídica? A exceção confirma a regra. Vejamos. Estes milhares de verdadeiros cristãos, regenerados sob o poder do Evangelho nos continentes, jungidos aos exemplos de Cristo e seus discípulos, afeitos às palavras e actos dos espiritualistas gigantes de todos os tempos e principalmente da Reforma para cá, são exemplos vivos desta certeza. (EXPOSITOR CRISTÃO, 1929, p. 4)

A mesma ênfase dada ao combate sobre o alcoolismo também é observada para o tabagismo. Segundo as matérias apresentadas no Expositor e que se relacionam a esse tema, fumar prejudicava a saúde tanto quanto o ingerir bebidas alcoólicas. É possível perceber com a análise realizada que da maneira como as matérias sobre os vícios eram expostas no jornal Expositor Cristão, não ter vício ou até mesmo resisti-los aproximava o indivíduo de Deus.

Ao olhar o processo civilizador pelas lentes de Norbert Elias, aproximando sua teoria com os ideais Metodistas expressos nas páginas do Expositor Cristão é possível dizer que as mudanças pessoais ou de grupo estão entrelaçadas a uma interdependência durante o processo de mudança e que reorienta as relações de poder do grupo, bem como da sociedade. A interdependência dos indivíduos, pois, possibilita a rearticulação de comportamentos que consequentemente transformam a maneira de agir e pensar do grupo ou do indivíduo.

Ser civilizado para os Metodistas era estar dentro de um modelo estabelecido por um determinado grupo, um exemplo disso é que ao virem para o Brasil os missionários viam essa terra como lugar de incivilizados, o mesmo ocorreu quando houve o projeto de evangelização no sul de Mato Grosso, considerado como lugar de barbárie. Isso quer dizer que qualquer lugar do Brasil era entendido como incivilizado para os protestantes, que julgaram isso a partir do modo de vida norte-americano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar como se deu a inserção do trabalho protestante em Dourados-MS, pôde-se constatar que a partir da Missão Evangélica Caiuá poderia pensar as ações protestantes ocorridas no Brasil. Obviamente, cada denominação deu sua identidade aos trabalhos de evangelização que realizava, mas havia uma ação basilar para todas as igrejas que compunham o protestantismo de missão.

A presença protestante no Brasil se efetivou a partir da segunda metade do século XIX e para garantir seu espaço junto à população brasileira estabeleceu estratégias, entre elas, a imprensa e a educação. De acordo com os dados do IBGE a população que se declarou evangélica no Brasil em 2000 foi de 15,4 %, do total populacional de 169 799 170 habitantes, já os dados do censo de 2010 apontaram que 22,2% dos brasileiros se declararam evangélicos em um total de 190.732.694 de habitantes.

Foi com esse desejo que chegaram em Dourados-MS, em 1929 os primeiros missionários protestantes, tendo como primeiro objetivo realizar um trabalho com os indígenas, que representavam um número bem expressivo. Por outro lado como o campo de missão na área urbana também se mostrou propício para a evangelização, houve a abertura de um ponto de pregação, que se transformou, em 1939 na primeira escola formal do município a oferecer o ensino primário, a Escola Presbiteriana Erasmo Braga, que passou a funcionar para atender uma demanda cada vez maior de crianças que queriam ser alfabetizadas. Dessa forma, a atuação educacional protestante em Dourados passou a ser uma referência e um marco para a História da Educação no município.

A partir desse estudo foi possível constatar que a imprensa protestante constituiu-se num importante meio de evangelização e de propagação dos ideais protestantes, que souberam aproveitar com maestria esse meio de comunicação para desbravar caminhos por todo o Brasil. Desse modo, utilizar o jornal Metodista Expositor Cristão como fonte para pesquisa contribuiu para entender melhor o poder da palavra impressa para os protestantes.

Outro aspecto apresentado nessa pesquisa foi sobre o município de Dourados que historicamente foi palco de diversas ações políticas, sobretudo, durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), que tinha como objetivo o povoamento do sul de Mato Grosso, o que se efetivou gradativamente, principalmente com a criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), em 1940 havendo um crescimento abrupto de imigrantes, também denominados de colonos.

A imprensa douradense foi fundamental para atrair pessoas de diversas regiões do país, uma vez que apresentava Dourados como uma terra promissora no Brasil e com grande oportunidade de riqueza. Foi possível constatar que por trás desse discurso havia uma motivação política, principalmente de uma elite dominante que objetivava o progresso dessa região do país e do Estado de Mato Grosso.

A escolar confessional também foi utilizada por diversas denominações que se instalaram em Dourados-MS e muitas dessas escolas continuam em funcionamento até hoje. Além disso, pode-se observar que houve uma disputa educacional entre protestantes e católicos romanos que buscaram não somente alunos, mas um maior espaço na sociedade douradense.

O jornal Metodista Expositor Cristão se tornou uma importante lente por meio da qual é possível observar variados aspectos da Igreja Metodista e suas ações na área de Educação. No entanto não se pretendeu nesse estudo esgotar essa fonte, mas abrir outras possibilidades de pesquisa.

Nesse sentido, foi possível constatar a partir da revisão da literatura que o jornal Metodista Expositor Cristão embora seja o jornal protestante com maior tempo de circulação regular no Brasil desde 1886, ainda foi pouco utilizado pela historiografia brasileira e, sobretudo, pelos estudos em História da Educação. Desse modo, conclui-se que outras pesquisas podem ser realizadas tendo esse como fonte e objeto.

Apesar dos limites desse trabalho, a partir dele outros estudos poderão ser empreendidos para preencher as lacunas existentes ou para complementar os estudos ora realizados. Um estudo possível no Expositor Cristão é sobre a presença de um símbolo presente em diversas culturas, denominado de suástica, presente no Expositor de 1931 a 1933. Esse símbolo foi utilizado e popularizado pelo Governo Nazista liderado por Adolf Hitler, tornando-se uma das marcas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Assim, os questionamentos a partir desse indício podem ser: Qual a relação entre Expositor Cristão, Getúlio Vargas e o Nazismo? E ainda qual a relação da Suástica com o Metodismo?

Embora expresso nesse estudo a importância da imprensa protestante verificou-se carência de estudos que discutam as semelhanças e/ou as diferenças dos jornais evangélicos. Os trabalhos apresentados nessa dissertação ou fizeram a apresentação de apenas um jornal ligado a uma denominação religiosa, ou utilizaram essa imprensa para discussão de temas diversos. Também notou-se a ausência de trabalhos que apresentem a trajetória de vida dos missionários protestantes, pelo menos os que eram considerados em destaque dos trabalhos

missionários ocorridos em todo o Brasil, revelando a lacuna dessa temática na história do protestantismo no Brasil.

Espera-se que a partir desse estudo haja uma melhor compreensão sobre a presença protestante em Dourados-MS e como o jornal *Expositor Cristão* foi importante meio para isso, bem como a educação institucionalizada esteve presente no processo de educação e civilização e a partir dele outras pesquisas poderão ser realizadas para um melhor entendimento da História da Educação protestante ocorrida nessa região, bem como da história do protestantismo ocorrido no Brasil.

REFERÊNCIAS

Atas e Decretos e Leis

Ata de criação da Escola Assembleia de Deus, 1956.

Ata da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, 1982 - criação da Escola Estadual de 1º grau Pastor Daniel Berg.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5692, de 1971.

DECRETO de 13 de maio de 1808. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/rev_27/dim1305003.htm>. Acesso em: 20/10/2012.

DECRETO nº 1597, Criação da Escola Pastor Daniel Berg.

DECRETO nº 30. Criação do Município de Dourados.

DECRETO nº 386, criação da Escola Joaquim Murtinho

Dissertações e Tese

ADAMOVICZ, Anna Lúcia Collyer. **Imprensa Protestante na Primeira República: Evangelismo, informação e produção cultural.** O Jornal Batista (1901 – 1922). São Paulo, 2008. 432 f. Tese (Doutoramento em História Social). Universidade de São Paulo.

AMARAL, Inez Maria Bitencourt do. **Entre rupturas e permanências: a Igreja Católica na região de Dourados (1943-1971).** 2005. 125 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFMS, Dourados.

BARROS, Jerônimo Duque Estrada de. **Impressões de um tempo: a tipografia de Antônio Isidoro da Fonseca no Rio de Janeiro (1747-1750).** 2012. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói-RJ.

COSTA, Eber Borges da. **Tabaporã – caminho bom: análise da prática missionária de Scilla Franco entre os índios Kaiowá e Terena no Mato Grosso do Sul – 1972 a 1979.** 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – UMESP, São Bernardo do Campo-SP.

FERREIRA, Eva Maria Luiz. A participação dos índios Kaiowá e Guaraní como trabalhadores nos ervais da Companhia Matte Larangeira (1902-1952). Dourados. 111f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2007.

OLIVEIRA, Cilas Ferraz de. Nunca, **na História deste país...** A contribuição de Guaracy Silveira ao Metodismo do Brasil. 2008. 161 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – UNIMEP, Piracicaba.

TUNES, Suzel Magalhães. **O pregador silencioso:** Ecumenismo no Jornal Expositor Cristão (1886-1982). São Paulo. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2009. Campus São Bernardo do Campo.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As boas novas pela palavra impressa:** impressos e imprensa protestante no Brasil (1837 - 1930). São Paulo. 208 f. Tese (Doutoramento em História). Pontifícia Universidade Católica, 2010, Campus São Paulo.

Jornais

Jornal Correio Braziliense, 1808.

Jornal Gazeta do Rio de Janeiro, 1808.

Jornal de Dourados, 1958-1959.

Jornal O Douradense, 1949-1950.

Jornal O Jornal Batista, 1901.

Jornal O Progresso, 1951-1955.

Jornal O Puritano, 1930.

Jornal O Rolo, 1959.

Livros e Artigos Científicos

ALÉM, F. C. **O Progresso versus O Jornal de Dourados:** ataques pelas páginas dos periódicos e disputas políticas em Dourados (MS) nas eleições de 1958. 2012.

ARAKAKI, Suzana. **Dourados:** memórias e representações de 1964. Dourados, MS: Editora UEMS, 2008.

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. IN: Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011.

BOAVENTURA, Elias. **Historiografia da história da educação Metodista no Brasil.** Revista de Educação do COGEIME. Ano 10 - n 19 - Dezembro / 2001.

BOMENY, Helena. **Quando os números confirmam impressões:** desafios na educação brasileira. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003. 29

BOTO, Carlota. **A racionalidade escolar como processo civilizador**: a moral que captura almas. Revista Portuguesa de Educação, vol. 23, núm. 2, 2010, pp. 35-72. Universidade do Minho, Braga, Portugal.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5692, de 1971.

CARDOSO, Luís de Souza. **A formação do Protestantismo de missão no Brasil – Evangelizar e Educar**. UNIMEP, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/Trabalhos/xAFormacao%20do%20Protestantismo%20de%20missao%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

CARVALHO, Carlos Henrique de. **República e Imprensa**. As influências do Positivismo na concepção de Educação do professor Honório Quimarães. Uberabinha-MG (1905-1922). 2ª Ed. Uberlândia-MG: EDUFU, 2007.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

COBEN, Ilka Stern. **Diversificação e segmentação dos impressos**. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2 ed, 2013.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ensino Religioso na escola pública**: o retorno de uma polêmica.. Revista Brasileira de Educação, Campinas, v. 27, p. 183-191, 2004.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Imprensa a serviço do progresso**. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2 ed, 2013.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **La civilización de los padres**. In ELIAS, Norbert. La civilización de los padres y otros ensaios. Complilación y presentación de Vera Weiler. Colômbia: Grupo editorial Norma, 1998.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. v.1.

ERNANDES, Mercolis Alexandre. **A construção da identidade douradense: (1920 a 1990)**. 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados.

FERNANDES, Maria Dilnéia Espíndola; FREITAS, Dirce Nei Teixeira de. **Percursos e desafios da municipalização do ensino fundamental em Dourados**. Revista da Faculdade de Educação, UFG, V. 29, n. 1. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/133>>. Acesso em: 18 de jun. de 2012.

FERREIRA, Ana Emilia Cordeiro Souto; CARVALHO, Carlos Henrique de. **As Escolas Primárias no Brasil na primeira república**: influências pedagógicas (1890-1930). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.

GARRIDO, Stella. **A educação confessional protestante no Brasil**. 2005. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb13.htm>> Acesso em: 13 de dezembro de 2012.

GEBARA, Ademir. **Fontes históricas e Oralidade**. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.133-154, setembro/dezembro de 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2845/1457>>. Acesso em: 18 de junho de 2013.

GEBARA, Ademir. **Figurações e Educação: a escola, os jovens e os professores**. In: SARAT, Magda; SANTOS, Reinaldo dos. (orgs). Sobre processos civilizadores diálogos com Norbert Elias. Dourados: UFGD, 2012.

GEBARA, Ademir. **A Educação dos índios bravos e bárbaros**. In: X Simpósio Internaiconal Processo Civilizador, 2007, Campinas. Simpósio Internacional Processo Civilizador: sociabilidades e emoções.. Guarapuava: Faculdade Guairacá, 2007. v. 1. p. 1-8.

GONÇALVES, Carlos Barros. **Até aos confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas**. Dourados: UFGD, 2011.

GROSS, Eduardo. **Liberalismo Teológico** In: DICIONÁRIO Brasileiro de Teologia. Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE). São Paulo, 2008.

HINO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE DOURADOS-MS. Disponível em: <<http://www.dourados.ms.gov.br/ACidade/HinodoMunic%C3%ADpio/tabid/1062/language/pt-BR/Default.aspx>>. Acesso em: 18 de julho de 2013.

KENNEDY, James L. **Cincoenta Anos de Methodismo no Brasil**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1928.

KURY, Lorelai. Descrever a Pátria, difundir o saber. In: KURY, Lorelai. (org). Iluminismo e Império no Brasil – O Patriota (1813 – 1814). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

LOURENÇO, Renata. **A política indigenista do Estado Republicano junto aos índios da Reserva de Dourados e Panambizinho na área da educação escolar: 1929 a 1968**. Dourados: UEMS, 2008.

LUCA, Tania Regina de. **A grande imprensa na primeira metade do século XX**. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2 ed, 2013.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MARQUES, Inês Velter. **História de uma Instituição Escolar de Ensino Secundário do Sul de Mato Grosso**. A Escola Estadual Presidente Vargas de Dourados (1958-1971). Disponível em:<<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07>> Acesso em: 10 de junho de 2013.

MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa em Tempos de Império**. In: MARTINS, Ana Luiza, e LUCA, Tania Regina de. (orgs.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2 ed, 2013.

MATOS, Alderi de Souza. **A atividade literária dos presbiterianos no Brasil**. Disponível em: < <http://www.mackenzie.br/10982.98.html>>. Acesso em: 14 de maio de 2013.

MENEZES, Ana Paula. **Colônia Agrícola Nacional de Dourados – História, Memória: considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados**. In: Revista História em Reflexão: Vol. 5 n. 9 – UFGD - Dourados jan/jun 2011. Disponível em: < <http://www.ufgd.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789>> Acesso em: 15 de julho de 2013.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 3 ed, 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Protestantismo no Brasil** In: DICIONÁRIO Brasileiro de Teologia. Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE). São Paulo, 2008.

MOREL, Marco. **Práticas Polissêmicas: República das Letras e imprensa na crise do Império português na América**. In: KURY, Lorelai. (org). Iluminismo e Império no Brasil – O Patriota (1813 – 1814). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

MOREL, Marco. **Os primeiros passos da palavra impressa**. In: MARTINS, Ana Luiza, e LUCA, Tania Regina de. (orgs.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2 ed, 2013.

MORELLI, Ana L. F. **Correio Brasiliense: 40 anos – Do pioneirismo à consolidação**. 2002. 173 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – UnB, Brasília.

MOREIRA, Regina Heloiza Targa. **Memória fotográfica de Dourados**. Campo Grande: UFMS, 1990.

NAGLIS, Suzana Gonçalves Batista. **Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto: os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, 1943 – 1960**. Dourados, MS: UFGD, 2007.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical**. Maceió: EDUFAL, 2007.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho do. **Fontes para a História da Educação: Documentos da Missão Presbiteriana nos Estados Unidos do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2008

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. **Dos “avisos” de jornais às resenhas como espaços de consagração (1808 – 1836)**. In: Livros e impressos: Retratos do setecentos e do oitocentos. Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

OLIVEIRA, Benícia Couto de. **Desdobramentos da marcha para oeste na fronteira Brasil-Paraguai: colonizar era preciso**. In: Histórias que (re) contam história: análise do

povoamento, colonização e reforma agrária do sul de Mato Grosso do Sul Dourados. Dourados: Ed. UFGD, 2013.

OLIVEIRA, Eduardo França de. **Tipógrafos, redatores e leitores:** aspectos da imprensa periódica no Primeiro Reinado. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, Vol. 2, num. 3, 2010, PP 01-12 ISSN: 2175-3423. Brasil.

REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil.** 3ª Ed. São Paulo: 3ª ed. Aste, 2003.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie Sá; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. ; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental:** pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, v. 1, p. 1-15, 2009.

RAFAETA, Edilson Cardoso. **Os signos de uma arquitetura escolar:** Colégio Piracicabano e a construção de seu edifício próprio no findar do século XIX. Revista de Educação do Cogeime Ano 16 – n.3 – dezembro / 2007.

RESENDE, Fernanda Mendes. **Divulgação do método intuitivo nas primeiras décadas republicanas:** disciplina escolar ou método de ensino?. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002, Natal/RN.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de. **Grupos Escolares e Escolas Reunidas:** a implantação e expansão da escola guaduada em Mato Grosso. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008, Aracaju - SE.

SEGATTO, Karine Arminda de Fátima. **O velho e o novo “O Rolo”:** análise de gêneros jornalísticos e literários do jornal em forma de manuscrito de papiro. In: 1º Encontro Centro-Oeste de História da Mídia, 2012, Dourados – MS. Disponível em: < <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/31.pdf>.> Acesso: 19 de março de 2013.

SOUZA, Carmo Antonio de Souza e PORTO, Jadson Luís Rebelo Porto. **Território Federal no direito brasileiro:** estudo comparativo dos Projeto de Lei 008/1947 e Decreto - Lei 411/1969. Disponível em: <http://www3.ufpa.br/naea/siteNaea35/anais/> Acesso em: 2 de abril de 2013.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Espaço da educação e da civilização:** origens dos grupos escolares no Brasil. In: O legado educacional do século XIX. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da Organização do Trabalho Escolar e do Currículo no século XX.** São Paulo: Cortez, 2008.

VALENTIN, Ismael Forte. **A educação metodista sob a égide do educar e evangelizar.** 2007. 132 f. Tese (Doutorado em Educação) - UNIMEP, Piracicaba

VEIGA, Cynthia Greive. **A civilização das crianças pela escola (Brasil, século XX):** questões teórico-conceituais. In: XII Simposio Internacional Processo Civilizador, 2009,

Recife: Universidade Federal de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco, 2009. v. 1. p. 1-15.

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. **Protestantismo e educação**: a presença liberal norte americana na Reforma Caetano de Campos - 1890. In: VIII encontro de pesquisa em educação da região sudeste, 2007, Vitória. Desafios da educação básica: a pesquisa em educação. Vitória - ES: Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, 2007. v. 1.

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. **Protestantismo norte americano e o movimento civilizatório brasileiro**. In: X simpósio internacional processo civilizador, 2007, Campinas. Sociabilidade e emoções. Campinas: Unicamp, 2007. v. 1.